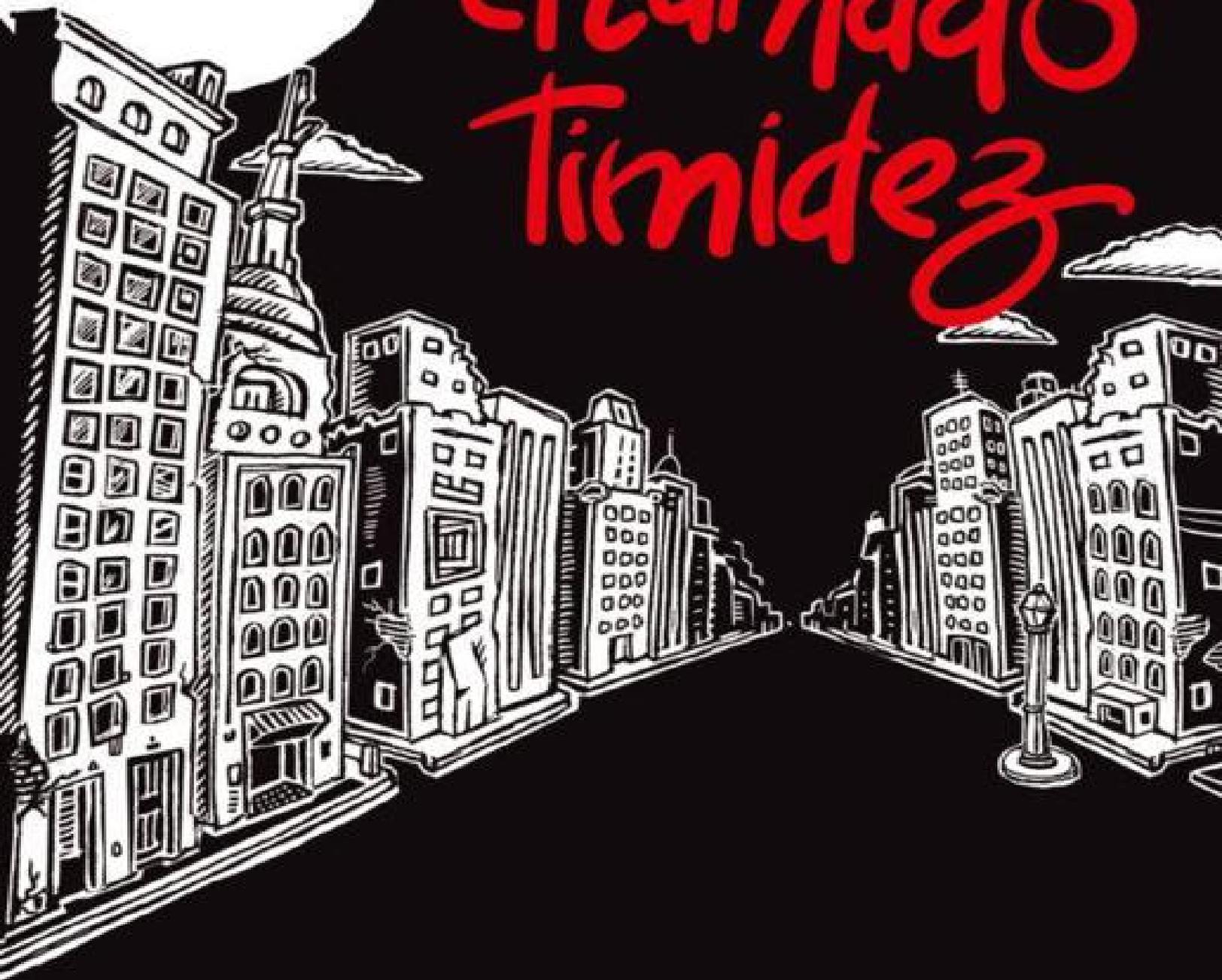


leYa

Leanne Hall

um mundo chamado timidez



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

© 2012 by Leanne Hall

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa: copyright © 2012, Texto Editores Ltda.

Título original: *This is Shyness*

Direção editorial: Pascoal Soto

Editora: Mariana Rolier

Produtora editorial: Sonnini Ruiz

Assistente editorial: Carolina Pereira da Rocha

Preparação de texto: Paula Junqueira

Revisão: Tullio Kawata e Entrelinhas Editorial

Capa: Gabinete de Artes

Ilustração de capa: Axel Sande

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hall, Leanne

Um mundo chamado Timidez / Leanne Hall; tradução: Elisa Nazarian. – São Paulo : Leya, 2012.

ISBN 9788580445497

1. Ficção australiana I. Título.

12-02582 CDD 823

Índices para catálogo sistemático

1. Ficção : Literatura australiana 823

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do grupo Leya]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP

www.leya.com

Para mamãe e papai

1

O LEÃO DE CHÁCARA OLHA MEU DOCUMENTO de identidade com expressão sombria, o rosto está tingido de roxo pelo luminoso de néon bem acima de nós. Esfrego meus braços nus. A temperatura deve ter caído 5 graus nos últimos minutos.

Neil se agita atrás de nós, logo depois das portas vaivém. Ainda está com sua camisa de trabalho, e tudo nele parece hesitante e suado. Faz um movimento como se fosse intervir e dizer alguma coisa. Arregalo os olhos, tentando lhe enviar uma mensagem telepática: *Deixe comigo. Está tudo sob controle.*

O leão de chácara olha do alto de sua pilastra de concreto com olhos de cão farejador. Está trabalhando muitas noites seguidas. Endireito as costas dentro de uma camiseta justa demais. Ele sabe que a velha licença de motorista de minha mãe é uma brincadeira. Eu sei que ele sabe que é uma brincadeira. Ele sabe que eu sei que ele sabe. Está só tentando fazer o seu trabalho.

– Qual é o seu signo? – ele pergunta finalmente. Previsível.

– Leão. Qual é o seu?

Isso faz com que ele dê um sorriso cansado. Não é um sujeito tão durão. Sua jaqueta acolchoada lhe confere um volume que ele não tem.

– Eu não acredito nessas coisas, sabia?

– Você parece estar com frio. Quer que eu lhe traga um café?

– Não, obrigado. Entre e aproveite – ele me devolve a licença com um olhar de cumplicidade.

Neil me conduz para dentro do calor do bar. As portas batem atrás de nós e solto um suspiro de alívio.

– Bem-vinda ao Hotel Diabético, princesinha.

A mão de Neil repousa um segundo a mais no final das minhas costas. Estou tão contente por ter conseguido entrar, que só dessa vez resolvo deixar ele se safar com diminutivos idiotas.

– Então, você vai até o bar?

Neil bate uma continência e sai em busca de bebidas. Flexiono as mãos. As palmas trazem marcas de meia-lua onde afundei minhas unhas.

Passo por uma máquina de cigarros e por outro conjunto de portas vaivém até o bar principal. Por dentro, o lugar é menor do que eu esperava, mas movimentado. Fico feliz em ver que Rosie já conseguiu uma mesa livre em um canto. Abro caminho até lá e me espremo em um banquinho alto.

Rosie aperta o meu braço. – Estou tão contente por você ter conseguido entrar! Pensei que você fosse um caso perdido.

– Estava tudo sob controle – eu disse, estragando o efeito ao tentar atirar minha bolsa na mesa e errando por mais de um quilômetro. Curvo-me para pegá-la do chão, tentando não encostar no carpete imundo. Quando me endireito, o lugar balança e quase caio do banco. Ele foi feito para pessoas com pelo menos 30 centímetros a mais do que eu. Na casa de Neil, dividimos em três duas garrafas de vinho branco. Normalmente não bebo. Tenho que ir com calma ou vou acabar fazendo papel de boba. Não quero que Neil e Rosie pensem que não consigo acompanhá-los na bebida.

– Isto aqui não é o que eu esperava – Rosie avalia o lugar com desconfiança. Pelo modo como está vestida, dá para ver que esperava que Neil nos levasse a algum lugar mais elegante. Seu vestido frente única seduz perigosamente.

– Rosie... – eu aponto para seu peito.

– Ops! – ela faz cara de espanto e puxa seu vestido para cima. – Obrigada, amiga.

– Você quase deixou que todos vissem.

– Como se você pudesse falar alguma coisa... Sua camiseta encolheu na lavagem?

Ponto para ela! Eu comprei essa camiseta para irritar minha mãe, mas, em vez disso, ela me pediu emprestada. Louca ninfomaníaca é um estilo comum em nossa casa.

– Senhoras! – Neil coloca na mesa uma jarra de cerveja e copos. Ele está nos olhando com um ar esquisito de ganhão. – O que vocês acham do Diabético?

O que eu acho? O bar está cheio de avôs, ternos e idiotas. As paredes são verde-vômito e estão decoradas com antigas placas esportivas. A mesa é enebada e o assento de vinil do meu banco está rasgado. Eu não me

incomodo com coisas rústicas, estou acostumada com elas, mas Neil está parecendo tão satisfeito consigo mesmo que daria para pensar que nos levou para passar uma noite em Paris.

– Tem um... clima – Rosie toma um gole de cerveja e dá um sorriso falso para ele. Acho que ela gosta do Neil. Provavelmente, é a única vez na história do universo que alguém se sente atraída por ele. Talvez eu devesse deixá-los a sós.

Bebo um pouco da cerveja e ela borbulha de um jeito desagradável em meus lábios. Eu nem ao menos gosto de cerveja. Ponho meu copo de volta na mesa. Cinco minutos antes de tornar a pegá-lo, é uma promessa. Olho de esguelha o relógio detrás do bar, mas os ponteiros estão paralisados na hora errada. Devem ser pelo menos dez horas. Tenho uma prova segunda-feira e deveria passar todo o fim de semana estudando, mas hoje estou em uma missão de esquecimento. Normalmente, digo não aos convites de Neil, mas não quero ficar em casa. Não quero ouvir minha mãe chegando tarde com o seu encontro da internet a reboque, rindo bêbada. Não quero tomar o café da manhã enquanto algum mala passeia pela nossa cozinha só de meias como se fosse o dono.

Disperso a minha atenção, enquanto Neil sussurra alguma coisa ao ouvido de Rosie e ela ri alto. Não sei como ela suporta tê-lo sentado tão perto. Neil fica roçando “acidentalmente” seu braço no meu, o que me leva a imaginar que ele ainda acredita ter chance. Eu me afasto, envolvendo os braços em torno da minha bolsa e apoiando o queixo nela.

O lugar está mais calmo. Os únicos bagunceiros são um grupo de terno, jogando um jogo com bebidas na mesa ao lado. A mesa deles está forrada de copinhos. Um dos ternos me pega olhando e pisca. Pervertido. Eu sou jovem o bastante para ser sua filha. Viro o rosto.

E, então, eu o vejo.

Sentado do outro lado do balcão, aonde a luz quase não chega, sozinho. Um jovem, não muito mais velho do que eu, de pele pálida e cabelos escuros todo bagunçado. Ele brinca com alguma coisa pequena e prateada no balcão, revirando-a nas mãos. Os pelos do seu antebraço são densos, abaixo das mangas enroladas da camisa. Antebraços fortes, lábios carnudos. Seria improvável que ele escapasse incólume com seu ridículo topete de *cowboy* urbano, mas ele escapa.

Volto-me novamente para Neil e Rosie. A última coisa que um garoto tão bonito precisa é de mais uma menina o observando.

Rosie e Neil estão rindo e olhando como se esperassem que eu participasse da piada, então sorrio. Rosie está com os dentes da frente manchados de batom. Bebo novamente minha cerveja e resolvo me concentrar na conversa. Estão falando alguma coisa sobre o trabalho de recepcionista. Não suporto falar de trabalho.

Mas, então, não consigo evitar: *tenho* que olhá-lo novamente.

O rapaz no bar termina sua bebida, inclinando a cabeça para trás para esvaziar o copo. Seu olhar vagueia pelo ambiente como se esperasse alguém. Prendo a respiração e mordo os lábios.

Ele me vê.

Seus olhos encontram os meus e sinto um formigamento percorrendo do meu estômago até os dedos dos pés e das mãos. Encaro de volta. Um segundo, dois segundos, três. Provavelmente, eu não conseguiria desviar os olhos mesmo se quisesse.

Por fim ele pisca e quebra a ligação entre nós. Levo um choque de desapontamento. Ele se levanta e enfia a carteira no bolso do jeans.

– Oi! – Neil se aproxima tanto que posso sentir seu hálito de cerveja. Ele aperta meu braço. – Rosie diz que você é a pessoa mais sensível a cócegas que ela já conheceu. É verdade?

Empurro a mão de Neil para longe e me inclino ao redor dele, tentando ver o que o garoto está fazendo. Ele está indo embora? Por que iria embora depois de me olhar daquele jeito?

Aquele menino lindo caminha lentamente em direção à nossa mesa com a cabeça abaixada. Ele é mais alto do que eu achava e está lindo com um jeans preto justo e uma camisa xadrez *vintage*. Eu me endireito e tiro o cabelo dos ombros.

Neil espeta o dedo duro em minha barriga sem avisar.

– Pare com isto! – rosno, estapeando-o agressivamente. Detesto que encostem no meu estômago. Uma de minhas mãos atinge a cabeça de Neil, mas ele não para. Ele me dá um soco e eu me dobro, tentando proteger a barriga. Sinto o banco se levantar e se inclinar para o lado em câmera lenta. Tento agarrar a borda da mesa, mas é tarde demais, estou caindo.

dois

JÁ ESTOU NA METADE DO CAMINHO QUANDO percebo que não tenho ideia do que vou dizer a ela. Ela está deitada no chão do bar, o cabelo espalhado como um halo negro. O rapaz de cabeça raspada está deitado ao lado dela. Pode ser que ele vomite de tanto que ri. A garota se levanta sobre os cotovelos com uma expressão assassina no rosto.

Minha sombra inclinada parece agourenta até para mim. Ela me olha diretamente com olhos maquiados por um forte contorno de delineador. De perto, parece cem vezes melhor.

Pisco. Para começar, por que vim até aqui?

Apavorado, esqueço de mim mesmo e faço aquilo que sei melhor: uivo.

Cada gota de desejo e desespero no bar da frente – e pode acreditar, em uma noite de sexta-feira tem muito disso no Diabético – é sugado para os meus pulmões. Meu corpo treme, enquanto o som corre por dentro de mim. O estéreo do bar estremece e para. Todos os rostos do lugar se voltam para mim.

Termino com alguns ganidos curtos, agudos e fico quieto.

Alguém da cidade dá uma risadinha nervosa. Os clientes habituais voltam a assistir ao futebol na televisão fixada sobre o bar. Não é como se fosse a primeira vez que isso acontecesse.

– Você é um idiota – a garota diz com uma voz que poderia entrar em minhas costelas e chegar ao meu coração. O *piercing* de brilhante incrustado na curva do seu nariz brilha.

Vim ao bar hoje à noite porque em casa as paredes estavam me sufocando. Pensei que fosse encontrar Paul ou Thom por aqui. Uivar para estranhos enfurecidos não fazia parte do meu programa.

– Faz parte da minha natureza – respondo, e por incrível que pareça a garota ri. Ela afasta o braço do rapaz como se fosse pouco mais do que um fiapo.

– Eu estava falando com Neil, não com você – ela diz. – Vai me ajudar a levantar?

Oh! Estendo a mão e a coloco em pé. Ela é leve como uma pluma.

– Posso lhe oferecer uma bebida?

Ela hesita e olha para os seus amigos. A ruiva rechonchuda de vestido brilhante olha. O rapaz – Neil – se levanta com as mãos e os maxilares cerrados. Levanto as mãos e recuo. Entendi tudo errado.

– Vou deixá-la sossegada. Aproveite a noite.

– Claro – ela enrola o cabelo em uma trança. – Você pode me oferecer uma bebida.

Eu contendo minha surpresa e a levo até meu lugar de costume no balcão. Percebo que os mais velhos nos observam, admirando a menina. Mostro dois dedos a Robbie, o *barman*. Ele bate com a mão no estéreo para que volte a funcionar e nos serve duas cervejas. Dispensa o meu dinheiro. Cervejas de compaixão. Ou de boa sorte. Seja o que for, vou precisar delas.

– Sou o MeninoLobo.

Ela aperta minha mão rapidamente.

– Acho que isto tem alguma coisa a ver com o uivo, certo?

– Certo – pouso meu copo no balcão, mas não sei o que fazer com as mãos. Ela me deixa nervoso. Acho que nunca vi uma pele tão macia e bronzeada. Suas pálpebras estão besuntadas com *glitter* verde.

– Então, você uiva para todas as mulheres?

Afundo a cabeça. O que devo responder a isso?

– Hei, estou só brincando. – Ela toca no meu braço. – Nunca ouvi nada como aquilo. Como é que você faz?

– Na verdade, não sei.

– Por um segundo, achei que tinha batido a cabeça com *muita* força e estava ouvindo coisas.

– Você ainda não me disse seu nome.

Ela olha para a própria camiseta e depois para mim.

– Meu nome é MeninaSelvagem, é mais do que óbvio, não é?

Não confio em mim para olhar para onde ela está olhando, mas dou uma passada de olhos apenas o suficiente para ver as palavras ‘MENINA-SELVAGEM’ estampada em seu peito.

– Bom, mas qual é o seu verdadeiro nome?

– Bom, MeninoLobo, qual é o seu?

– Todos me chamam de MeninoLobo. Pode perguntar a qualquer um dos locais aqui.

– Então vou chamá-lo assim e você me chama de MeninaSelvagem. Simples.

Eu não sei se é sua intenção, mas seus joelhos batem nos meus a cada vez que ela muda de posição no banquinho. Está usando *shorts* e meia-calça branca, e qualquer um que ache olhos castanhos um tédio precisa mandar examinar a cabeça. Sua pele é tão aveludada que ela não pode ser daqui.

Não sei se estou olhando demais para ela ou de menos. Os nós dos meus dedos estão brancos em torno do copo de cerveja. Nunca fui muito de falar, mas, quando sinto o espaço entre nós, ela no seu banquinho e eu no meu, me dá vontade de preenchê-lo.

– De onde você é, MeninaSelvagem? – ela se ilumina quando a chamo desse jeito.

– Plexus.

Eu sabia. Do outro lado do rio.

Fui uma vez a Plexus quando ainda estava no ginásio. Eu me lembro de que havia um parque de diversões inativo de frente para a praia. Thom, Paul e eu atiramos pedras pelo portão trancado, tentando atingir uma estátua de palhaço até que acabamos enjoando e pegando o trem de volta para casa. Isso foi há muito tempo.

– E os seus amigos? – faço um gesto com a cabeça na direção deles. MeninaSelvagem se volta para eles e acena.

– Trabalho com eles. Neil mora aqui perto, é por isso que estou deste lado da cidade. Quanto à Rosie, não estou bem certa.

Neil me fulmina com os olhos por cima do copo, enquanto Rosie procura distraí-lo com uma conversa fiada e cigarros. Não quero partir para a briga, mas não existe a menor chance de eu ceder meu lugar junto a MeninaSelvagem para que ele fique satisfeito.

– Parece que Neil é seu fã.

– Ele é velho o suficiente para ser meu... para que isso seja assustador. – MeninaSelvagem dá um longo gole. – Ele é meu supervisor no trabalho. Tenho pena dele. Está no *call center* há mais de dez anos. Não costumo sair com ele.

– Então, você não é uma turista no lado escuro?

Ela franze o nariz. É tão bonitinho que me dá vontade de pensar em todas as maneiras que conheço para fazer com que ela fique com esse ar intrigado.

– O que você quer dizer com isso?

– Você sabe que este bar fica em Timidez, não sabe?

– Sei. Neil disse que é o subúrbio vizinho a onde ele mora.

– Neil também contou que aqui o sol nunca nasce?

Ela ri alto e com descontração. De fato, ela não tem ideia. Às vezes, eu me esqueço de que a maioria dos forasteiros não se preocupa com o que acontece por aqui. Espero até que sua risada diminua.

– Você está falando sério, não está?

Concordo com um aceno de cabeça.

– Nunca nasce? Nunca, jamais?

– Agora não dá para perceber, porque é noite em todos os lugares. Mas, durante o dia, quando você atravessa a Rua Cinza, a Escuridão se abate sobre você.

– Como se alguém tivesse diminuído as luzes?

– Por toda Timidez. Escuridão total.

Ela apoia a cabeça na mão. Pode-se perceber que ela se esforça para acreditar em mim, tentando decidir se sou louco ou não. Um de seus dedos se enrola em um cacho de cabelos e um punhado de pulseiras escorrega até seu cotovelo. Não tenho certeza de quanto tempo consigo ficar ao lado dela sem tocá-la.

– E a Lua? Deve vir alguma luz da Lua.

– A Lua nunca me deixa ser... – estou prestes a dizer mais coisas, mas paro. Não quero aborrecê-la com detalhes da minha vida. Ela termina a cerveja de uma vez e bate o copo de volta.

– Vamos – MeninaSelvagem desce do banco e pendura sua enorme bolsa vermelha sobre um ombro.

– O quê?

– Você me ouviu. Enjoei do bar, então vamos embora.

– Para onde?

– Leve-me para onde a noite começa. Leve-me para a Rua Cinza.

– Mas agora você não vai conseguir ver nada. É noite em toda a cidade.

Ela dá de ombros. Mal alcança o meu ombro, mas dá para sentir que, em uma discussão, ela seria dura. Olho ao redor. Ainda sem sinal de Paul ou

Thom.

– Você está esperando alguém?

– Só os caras da minha banda – posso me encontrar com Paul e Thom em qualquer noite da semana. – Eles não deram certeza de que estariam aqui – eu me levanto e termino a cerveja. Robbie me acena com a cabeça. Atravessamos o lugar em direção à porta. Não olho para trás, mas sei que os amigos da MeninaSelvagem estão observando cada passo que nós damos.

três

MENINASELVAGEM FICA NO MEIO DA Rua Cinza com os braços abertos como se fosse uma líder religiosa. Usa os dedos para tentar encontrar uma brecha no ar. Uma sirene aumenta e diminui a distância como um comprido e prolongado assobio de apreciação.

Eu a desafio:

– Você não vai achar nada. Não há nada aí – eu seguro sua bolsa cor vermelho-bombeiro.

Atrás de MeninaSelvagem, o lado oeste da rua funciona normalmente. Casas de pizzas que trabalham até tarde anunciam seus produtos com luzes que piscam. Pessoas carregam sacolas de compras pela calçada sem olhar para trás. É um corredor comum de lojas, entulhado de negócios de imigrantes esperançosos: mercearias asiáticas, lojas de *kebabs*, barbeiros antiquados, uma loja vendendo roupas para dança do ventre.

A Rua Cinza é, na verdade, duas meias ruas costuradas juntas com trilhos de bonde descendo para o centro como uma cicatriz. A fronteira entre dois mundos. Fazia tempo que eu não vinha para cá. Parece que estive saltando entre minha casa e o Diabético a vida toda. Thom e Paul aparecem para ensaiar e depois vamos tomar uma cerveja. Quando preciso comer, saio para arrumar alguma coisa. Nada mais complicado do que isso.

O lado leste da Rua Cinza é uma confusão. As lojas que não estão protegidas com tapumes estão com as vitrines quebradas e têm o interior forrado de latas de bebidas, bitucas de cigarros e vidros quebrados. Os grafites se espalham por todas as superfícies disponíveis. O cheiro de urina, fogo e lixo espalhado paira no ar. Quando você olha para cima, o céu parece o mesmo do oeste, mas todas as luminárias da rua estão quebradas.

MeninaSelvagem grita:

– Quando foi que isso aconteceu?

As pessoas passam, olhando a menina que grita no meio da rua. Em Timidez, normalmente, ninguém fica parado na rua conversando em altos

brados. Suspiro e caminho até o meio da rua para que não precisemos berrar um com o outro.

– Faz três anos mais ou menos. Deve ter levado um tempo até que alguém notasse. A primeira coisa foi que o sol parou de surgir na plenitude. Ao meio-dia ele se punha ao leste. Surgia cada vez menos a cada dia. Até que acabou não aparecendo mais.

– E com o outro lado tudo bem?

– A Rua Cinza é a fronteira. Deste lado: Timidez. Do outro lado: Panwood.

– O que foi que causou isso?

– Não sei. Ninguém sabe.

MeninaSelvagem rumina sobre isso por um tempo, antes de tornar a falar. Mudo a bolsa dela de braço. É mais pesada do que parece.

– Você sabe alguma coisa sobre os deuses gregos? – ela pergunta.

– Não muito.

– Os deuses gregos são como os mortais: estão sempre bêbados, bravos e se atacam uns com os outros. Supõe-se que Apolo, o deus do Sol, dirige sua carruagem de fogo pelo céu todos os dias.

MeninaSelvagem continua falando enquanto volta para a calçada sem prestar atenção na rua. Para sorte dela, os carros já não passam por aqui. Se eu não responder, talvez ela fique quieta e possamos continuar andando.

– Então, será que Apolo ficou enjoado de dirigir sua carruagem? – ela disse. – Será que ele está em greve por um salário melhor?

Devolvo a bolsa a ela, que a enfia por debaixo do braço, ainda perseguindo sua linha de pensamento.

– Será que ele está recebendo seguro-desemprego e fumando baldes de maconha o dia todo?

Eu teria sorrido, mas com o canto do olho posso ver bolas de sombra adejando em postes de eletricidade, apinhando-se nos cabos de energia como uvas. Eles estão à solta esta noite, muitos deles. Ando rápido, esperando que MeninaSelvagem acompanhe meu ritmo. Suas pulseiras fazem barulho a cada passo.

– Todos têm suas teorias – eu digo. Sou levado à loucura ao ouvir as pessoas falando besteiras sobre a Escuridão. Não me preocupo em pensar nas razões, apenas lido com ela. Se você não gosta da noite, vá embora.

Dirijo MeninaSelvagem para a avenida. Talvez possamos parar na Lupe para um *kebab*. Acho que MeninaSelvagem gostaria de ir à Lupe. Ambas têm encarnada aquela coisa maluca de deusa.

– Só existe uma maneira de eu acreditar em você. – MeninaSelvagem volta o rosto para mim. Suas bochechas estão vermelhas. – Vamos ficar ao ar livre a noite toda. Você me mostra o lugar e verei por mim mesma se o sol aparecerá pela manhã.

– Não é uma boa ideia – mesmo ao dizer a frase, um lado meu acha que é uma grande ideia. Há muito tempo que ninguém acha minha vida interessante. Eu poderia fazer com que ela fosse por algumas horas.

– Por que não? – ela vasculha dentro da bolsa sem diminuir o passo e tira de lá seu celular. – Pronto. Meu celular está desligado. Mamãe não pode me ligar. Não que ela se importe se eu vou voltar hoje para casa.

– Você vive com a sua mãe?

Um olhar aflito lampeja pelo rosto de MeninaSelvagem antes que ela levante o queixo.

– Vivo, e daí?

Fico imaginando onde é que alguém aprenderia tanto sobre mitologia grega. Arrisco no escuro.

– Em que escola você está?

– O que faz você pensar que eu ainda estou na escola?

– Dá para ver. Você tem alguma coisa de “chave de cadeia”.

Quando quero, também posso ser contundente. Ganhei muita prática no Diabético, tentando conseguir algum respeito dos frequentadores. É difícil quando alguns dos antigos sujeitos se lembram de mim bebendo limonada com framboesa ali com o meu pai.

– Isso é besteira. Eu estava no bar com amigos do trabalho, entendeu?

– Nós já não discutimos que Neil quer ser mais do que amigo?

Percebo que ela gosta disso, apesar de sua irritação.

– Southside – ela finalmente admite. – Colégio Feminino Southside.

Não conheço esse colégio. O ensino médio é um pesadelo distante. Larguei logo depois que meus pais fugiram para o campo.

– Então, isso mostra que você tem o quê? Dezesete anos?

– É... e quantos anos você tem?

– Dezoito. Quase dezenove.

Em nove meses.

– Ahhhhh! – ela grita. – Tão idoso, não é? Tão maduro.

– Olhe, não quero me responsabilizar por alguém... de fora, não por estas bandas.

Damos uma parada. MeninaSelvagem me olha com as mãos no quadril. Seu cabelo quase estala com a eletricidade.

Isso é frustrante. Qualquer cara agarraria a chance de passar algum tempo com uma garota como ela. Mas Timidez não é um lugar comum e eu não sou o cara mais normal. Encaro seu ombro direito em vez de seu rosto para que a coisa fique mais fácil. Seria melhor para nós dois se eu a acompanhasse até os limites de Panwood e a pusesse num táxi. Seria melhor se eu não pensasse em segurar sua mão e quisesse lhe mostrar meus lugares preferidos em Timidez, falando durante horas até que mal pudéssemos manter os olhos abertos.

– Sei me cuidar. Pelo amor de Deus, mamãe e eu vivemos em um conjunto habitacional, estou acostumada a me cuidar. Não preciso que você me proteja.

Eu acreditaria nela também, se ela soubesse contra o que estava se protegendo. Esta noite estou com aquela sensação de formigamento que surge antes de alguma encrenca. Ultimamente tem andado calmo demais. Sem brigas, sem invasões, sem raptos. Arrisco um olhar para MeninaSelvagem. Seus olhos são enormes e brilhantes com lágrimas de crocodilo e esperança. Como uma criança. Não faz muito que ela passou dessa fase.

Abro a boca para dizer mais alguma coisa como protesto, qualquer coisa, mas MeninaSelvagem é mais rápida. Ela se dobra como se alguém lhe tivesse dado um soco.

– Tenho que ir – ela diz.

PRECISO FAZER XIXI.

Em um segundo estou brigando com MeninoLobo e, para ser honesta, gostando muito disso, no outro, sinto como se meus rins estivessem prestes a explodir. Nem mesmo me preocupo em tentar esconder minha dor. Não devia ter tomado aquela cerveja a mais, mas queria uma desculpa para conversar com MeninoLobo. Pobre controle da bexiga, eis aí uma maneira de impressionar um homem.

– Tenho que achar algum lugar aonde ir.

MeninoLobo por fim percebe o que quero dizer. As pernas cruzadas devem ter dado a pista.

– Quem é você, uma menina de seis anos? Devia ter ido no bar.

Procuro me arrastar ao longo da calçada e justificar minhas funções corporais ao mesmo tempo.

– Quando eu estava no bar não precisava ir, senão eu teria ido, não é?

MeninoLobo suspira e levanta as mãos.

– Vamos atravessar a rua e descobrir algum lugar – ele avalia o lado saudável da Rua Cinza atrás de opções.

Calculo que me restem cerca de trinta segundos antes que eu caia em desgraça. Não há tempo para começar a pedir em cada loja. Agachar em uma viela começa a me parecer bom, quando vejo um pequeno prédio comercial na próxima esquina. Cambaleio em sua direção.

– Olhe, tem um banheiro logo aqui.

O toalete é um desses automatizados, vizinho a uma loja de conveniências iluminada por energia nuclear. Por alguma razão, a loja está protegida por uma grande gaiola de metal como se tivesse problemas ortodônticos.

– Você não pode entrar ali – MeninoLobo diz horrorizado. Queria ver ele me impedir. Arrasto-me em direção à porta.

– De jeito nenhum. Provavelmente, drogados andaram usando o lugar. – MeninoLobo agarra meu braço e me afasta do toailete, que, devo admitir, parece ter sido desenhado por *cyborgs*.

– Conheço um bar aqui perto onde você pode usar o banheiro.

– A que distância?

– Do outro lado da rua. No máximo um minuto de caminhada.

De um jeito ou de outro, consigo acompanhar MeninoLobo, ainda que não possa, de fato, ficar com o corpo reto. Atravessamos a Rua Cinza e pegamos uma rua estreita de mão única para Panwood. Como MeninoLobo disse, não demora muito para que paremos em frente a uma porta comum, o único obstáculo é uma imensa parede de tijolos.

– Você não disse que tinha escada. Isso pode ser demais para mim.

MeninoLobo apenas revira os olhos e me pega pelo cotovelo novamente, arrastando-me pela escada.

– É tudo culpa sua. – Se eu continuar falando, talvez pare de pensar na urgência que estou sentindo. – Se não tivesse me oferecido cerveja, agora não estaríamos com esse problema. Qualquer um poderia pensar que você estivesse tentando embebedar esta pobre, indefesa, forasteira menor de idade...

A escada termina de repente em um vestíbulo escuro e o mesmo acontece com a minha lenga-lenga. Todos os ruídos foram sugados do ar, substituídos por um silêncio delicioso. Um homem de preto surge do nada, no estilo ninja, para abrir a porta para nós. Do outro lado, outro garçom nos cumprimenta e nos introduz no ambiente.

O bar é muito elegante: janelas enormes fazem um arco em dois lados do aposento, lustres negros, bancos de couro, um bar em acrílico iluminado como a nave mãe. Fico perplexa, em silêncio. Em Plexus não há nada que chegue perto disso. O garçom gesticula de maneira comedida para que o acompanhem. Sinto-me como uma participante involuntária de uma *performance* artística de alguém.

Todas as mulheres do lugar se viram e encaram MeninoLobo, à medida que atravessamos o bar, passando os olhos por mim sem interesse. Minhas bochechas estão vermelhas, então solto o cabelo para cobrir o meu rosto. MeninoLobo coloca a mão em minhas costas enquanto andamos, mas é mais como se ele estivesse ajudando uma criança a atravessar a rua do que outra coisa.

MeninoLobo senta-se em uma das poltronas próxima a uma janela em arco e a uma baixa mesa de centro de vidro. O garçom espera uns poucos e agonizantes segundos enquanto me recuso a sentar, antes de me oferecer o cardápio e ir embora.

Assim que o garçom se retira, MeninoLobo aponta para o outro lado do aposento.

– Vá em direção à entrada, mas vire à esquerda antes de chegar ao fim. Você verá um corredor.

Jogo os cardápios na mesa. Para chegar ao banheiro, tenho que atravessar um longo caminho sobre o carpete, longo o suficiente para que cada pessoa tenha a chance de me avaliar; agora não sou ofuscada pelo MeninoLobo. Todas as mulheres ali são magras como um cabide, devastadoramente sofisticadas e todos – *todos* – estão vestidos de preto.

Ando tão ereta quanto consigo, puxando minha camiseta para baixo para cobrir minha barriga de *marshmallow*. O carpete é tão espesso que sinto como se estivesse andando em areia movediça.

Ainda bem que o banheiro é fácil de achar. O primeiro cômodo está forrado com espelhos de Hollywood, aquele com luzes em volta, cada um deles com sua própria penteadeira e banquinho. Tudo é em tons de framboesa e dourado, e brilha. Uma mulher se senta em frente a um dos espelhos, arrumando o cabelo. Corro para uma das cabines.

Faço xixi por mais tempo do que acho humanamente possível e, então, um pouco mais. Meu cérebro quase trava de tanta força para segurar. Dou descarga e sento na tampa fechada do vaso sanitário para dar um tempo e reunir meus pensamentos. Minha cabeça descansa na parede fria ao meu lado. O banheiro gira em movimentos lentos quando fecho os olhos.

Eu me imagino atravessando a Rua Cinza de dia. Poderia a noite cair docilmente sobre mim como uma cortina de veludo? Ou o dia se tornaria escuro em um piscar de olhos? De fato não preciso assistir ao nascer do sol para saber que Timidez é diferente. É como se houvesse uma camada fina de estática sobre tudo impedindo-me de ver o que está acontecendo de verdade. As pessoas aqui andam com passos rápidos, como se tivessem medo de suas próprias sombras. Até MeninoLobo parece nervoso. Talvez esteja preocupado que sua namorada o surpreenda saindo com outra garota. Talvez já tenha se enjoado de mim e esteja procurando um jeito educado de me dar o fora.

Amanhã restarão apenas dois dias antes que eu tenha de voltar para a escola, com todo mundo olhando, falando e rindo. Como se fosse hoje. Não sei o que é pior: os olhares de pena ou de desprezo.

Empurro esses pensamentos para longe. Estou aqui para me divertir, não para chafurdar na minha miséria.

A sala de maquiagem agora está vazia, então, não sinto vergonha de encostar o rosto no papel de parede aveludado. Um lustre espalha fragmentos de luz pelo cômodo. Sento em um dos frágeis banquinhos das penteadeiras de mármore e olho o meu reflexo.

O que estou fazendo, deixando o bar com um completo estranho, o mais estranho dos estranhos que já conheci? Não tenho ideia se o ar de perigo que envolve MeninoLobo é só parte de uma afirmação de moda ou se é real.

Sorrio para mim mesma.

Ele é tão gostoso.

Se as meninas da escola pudessem me ver sentada neste bar com um garoto tão gostoso, morreriam de inveja.

É uma pena, mas parece que fui arrastada de costas por uma cerca. Esqueci de trazer minha bolsa para o banheiro, então, não dá nem para retocar minha maquiagem. Resolvo dar uma ajeitada no cabelo, no que está mais arrepiado, e limpar o delineador borrado debaixo dos meus olhos.

Tenho que voltar a ser a MeninaSelvagem que não tem medo de nada. A MeninaSelvagem sem passado.

Algo cintila na última penteadeira. Quando chego mais perto, vejo um cartão de crédito *gold* solitário. Será que andaram cheirando cocaína por aqui? Passo meu dedo pela bancada. Está limpa.

O cartão é um pouco menor do que o normal. O *Banco do Futuro* deve ser uma empresa de Timidez, porque nunca ouvi falar nela. Não há um nome no cartão nem qualquer assinatura na faixa branca de trás. Não pode ser da mulher que estava aqui há pouco porque ela estava sentada na penteadeira mais perto da porta. Olho em volta e me sinto idiota. A única pessoa que está me olhando são uma dúzia de versões espelhadas de mim mesma. Enfio o cartão no bolso traseiro do meu *shorts*.

As árvores do lado de fora arranham o vidro com seus dedos cheios de galhos como se quisessem entrar. Olho para fora da janela, além do cômodo refletido, para a escuridão. Flutuamos acima das construções à nossa volta, navegando em um oceano de tinta negra. Bem na borda do oceano há um grupo de prédios mais altos que me lembram o Plexus Commons. Os prédios estão salpicados de janelas acesas; logo acima deles, repousa uma lua cheia amanteigada.

Desvio meus olhos da noite. O lugar parece uma cena de bar produzida com cuidado para um filme, engenhoso demais, perfeito demais para ser real. Sou a pessoa mais nova aqui. Mesmo se eu fosse maior de idade, ainda seria a mais jovem em quilômetros.

Desmancho-me na cadeira, esperando que ela me esconda em seus braços altos. Quero contar a MeninoLobo sobre o misterioso cartão, mas não quero que ninguém ouça e me faça entregá-lo. É preciso ser muito estúpida ou estar muito bêbada para deixar o cartão de crédito largado desse jeito. As pessoas ainda olham para nós, é bem provável que estejam imaginando a razão de MeninoLobo estar saindo com alguém como eu, quando é lógico que ele poderia escolher uma das mulheres daqui. O estranho é que até os homens o admiram. Gostoso como ele é, eu posso ver que a camisa de MeninoLobo está quase esfiapada em alguns lugares e ele parece que não come, dorme ou tem um comportamento adequado já há algum tempo. A maneira como todos daqui olham para ele, você poderia achar que eles também querem estar varados de sono e famintos.

– O que é este lugar?

– O Asa do Corvo – MeninoLobo está estranhamente confortável neste ambiente opulento. Seu rosto é muito doce, mas o restante, o cabelo e os músculos, pertencem a um homem mais velho. – Um pouco além, não é?

– Pensei que você fosse me mostrar Timidez.

– Isto aqui vai ajudá-la a entender as coisas.

Não vejo como é que ficar sentada com um monte de pessoas com cortes de cabelo estilosos vai me ajudar. Provavelmente, elas nunca tiveram que se esforçar para nada. São o tipo de pessoas que não sabe o que é de fato querer alguma coisa e não conseguir tê-la. O tipo de pessoas para quem mamãe trabalha, limpando suas casas e lavando suas roupas. Sou a primeira a admitir que minha mãe é um pouco ridícula – suas roupas são muito

apertadas, sua maquiagem muito carregada –, mas você deveria ver o jeito com que, às vezes, seus clientes falam com ela.

– Quero ir embora. Não gosto daqui.

O garçom para e coloca teatralmente dois drinques em nossa mesa.

– Você não pediu... – começo a dizer para ele.

– Obrigado – diz MeninoLobo, voltando-se em seu assento.

Um homem de cabelos prateados com óculos de aros negros quadrados nos acena do bar. MeninoLobo lhe responde com um gesto masculino de cabeça.

– Por favor. Vamos tomar um drink aqui e depois voltaremos para Timidez. Confie em mim.

Não quero saber se ele é confiável. Não se pode acreditar em ninguém neste mundo. Estamos todos aqui para cuidar de nós mesmos e nada mais. É assim que vejo: se um assaltante invadisse o nosso prédio, eu bloquearia o nosso apartamento comigo e mamãe dentro e azar de todos os outros do nosso andar. Se ele arrombasse o nosso apartamento, aí não tenho muita certeza de que eu levaria uma bala por mamãe ou vice-versa. Quando chega a esse ponto estamos todos por conta própria. Depois que você percebe isso, a vida fica mais fácil.

– Como é que todo mundo conhece você? Sua banda é famosa?

– Talvez.

MeninoLobo parece incomodado. Todos os outros músicos que conheci morriam de vontade de me contar sobre suas bandas. Quando MeninoLobo mencionou isso pela primeira vez eu fiquei decepcionada. Todo mundo da minha idade quer ser cantor, modelo ou ator. Imagine um mundo onde as pessoas idolatrassem enfermeiras, cientistas ou ambientalistas. Mas pelo menos ele não está enchendo o saco sobre isso. Talvez ele goste de música pelas razões certas.

– Como é que vocês se chamam?

– Piscadas Longas.

Não ouvi falar neles, mas não me surpreende. Meu gosto por música é bem incomum. Prefiro as mais antigas, mais classudas. Não vejo *reality shows* e não tenho ideia da lista dos discos mais vendidos ou do tipo de sapato que está na moda esta semana. Então, dá para imaginar que tenho muito o que conversar com as outras garotas da escola.

– Por que é que vocês têm esse nome?

– As piscadas longas acontecem pouco antes de você adormecer, quando sua mente luta contra o sono e suas pálpebras estão pesadas. As piscadas longas... – MeninoLobo demonstra. Seus olhos são mesmo de um incrível azul ártico e seus cílios são criminalmente longos.

– Por que você lutaria contra o sono? – adoro dormir. Ir para o trabalho direto da escola e tentar escrever dissertações depois disso, tem algo a ver com isso.

– Porque é aterrorizante. – O rosto de MeninoLobo se fechou. É como se uma nuvem tivesse parado sobre sua cabeça. – Sempre que vou dormir, não sei se vou voltar a acordar.

Dou um gole no meu drinque e estou prestes a lhe dar uma dura por essa declaração estranha, quando quase espirro tudo o que tenho na boca. Deve haver pelo menos quatro limões neste troço. Mas, como o cara de cabelos prateados ainda está olhando para nós, me forço a engolir e levanto o copo num gesto favorável em sua direção. Trata-se de uma bela encenação, se é que posso falar assim.

Eu me inclino para trás na cadeira e vejo sua face impassível em um momento de descuido. Ele não pareceria tão cruel se cortasse a barba e os cabelos com mais frequência. Não estou reclamando. Amo o trecho de *King Kong*, a versão de 1930 em preto e branco, em que o King Kong segura a atriz Fay Wray com seu punho peludo no topo do edifício Empire State. Todo mundo deseja estar, secretamente, nas garras de um grande animal? Ou sou só eu? Não tenho certeza de que fosse funcionar no meu caso, no entanto. Não sou pequena e loira como Fay Wray.

– Então, o que há de tão interessante neste lugar?

MeninoLobo inclina-se para a frente e baixa a voz:

– Aquele sujeito que nos pagou os drinques? Bom, eu não o conheço e também duvido que ele conheça a minha banda.

O drinque melhora depois que me acostumo com ele, ainda mais se não deixo que fique muito tempo na boca.

– As pessoas gostam de conhecer os locais. Isso lhes dá crédito. Acenar para mim, com certeza vai render uma transa para aquele sujeito hoje à noite.

– Locais... pessoas que vivem em Timidez?

– É. São fáceis de perceber. Procure pelo tom da lua.

MeninoLobo olha em torno do ambiente. Aponta com cuidado com a mão abaixada na altura da cintura.

– Está vendo aqueles dois ali? A garota de cabelo cacheado e o rapaz de cavanhaque?

Acompanho seu dedo. A garota de cabelo cacheado é uma boneca de porcelana com calça de exército. O rapaz de cavanhaque parece meio engolido em um enorme macacão preto. A pele deles é tão luminosa que posso ver uma teia de veias azuis sob a superfície, mesmo a distância.

– Agora dê uma olhada neste grupo aqui.

Dois casais avançando na faixa dos trinta estão sentados em uma mesa redonda. As mulheres são esqueléticas, pálidas e estão vestidas de preto. Os homens têm quase a mesma aparência, mas com o cabelo mais curto. Uma das mulheres me pega olhando e encara de volta, com um sorriso nos cantos da boca. Ela sabe, com certeza, que sou menor de idade. O álcool zune pelo meu corpo. Este lugar está cada vez mais estranho.

– Não têm o tom da lua, mas uma quantidade absurda de maquiagem e roupas de grife. Eles são o povo do armazém convertido. Fingem que estão encarando o lado escuro da cidade, mas não atravessam a Rua Cinza nem mesmo se seu cão *wolfhound* de raça pura atravessar correndo a rua e mijar em um sem-teto.

Não é de estranhar que eu não possa decodificar este lugar. Aqui as regras são diferentes, acontecem coisas sobre as quais eu nada sei. Deve ser essa a sensação que se tem em um país estrangeiro: confusa, excitante e insegura ao mesmo tempo. Mexo-me no assento e sinto as pontas afiadas do cartão de crédito afundarem em mim.

– Achei uma coisa no banheiro – eu digo.

MeninoLobo inclina-se para a frente, interessado por um milésimo de segundo, antes de ser distraído por algo sobre o meu ombro. Ou alguém.

Uma mulher está parada ao pé de nossa mesa, a cabeça pendida no ângulo exato para que seus cabelos brilhantes fiquem balançando em torno do seu rosto. Um colante bronze grudado na pele tem um zíper que vai do umbigo até a garganta. Ela é minúscula e linda e quero de qualquer jeito ser exatamente igual a ela.

– Jethro – ela sorri para MeninoLobo e me ignora. – Eu sabia que era você.

Jethro?

– Jethro? – digo em voz alta.

A mulher vira-se para mim. Seu cabelo desce em concha sobre suas orelhas num corte liso como o da atriz de filmes mudos Louise Brooks.

– Nunca me acostumei a chamá-lo de MeninoLobo.

MeninoLobo não devolve o sorriso.

– MeninaSelvagem, esta é Ortolan. Ortolan, MeninaSelvagem.

5

ORTOLAN SE JUNTA À NOSSA MESA, PUXANDO um cubo de couro que pensei que fosse decoração e não um assento. Quando a olho mais de perto, percebo que é a mulher que estava no banheiro. Ela se empoleira no cubo com um coquetel na mão. Sua cintura é tão fina que eu poderia circundá-la com as minhas mãos. Que espécie de nome é Ortolan?

– Como está você, Jethro?

MeninoLobo empurra sua cadeira para trás e cruza os braços, tenso da ponta das botas até o alto da cabeça.

– Bem.

– Como vai a banda?

– Bem.

– Vocês se apresentaram recentemente?

– Não.

Ortolan reage com entusiasmo, como se MeninoLobo tivesse dito alguma coisa muito interessante. Olho para ela, para ele e de novo para ela. Estou sentindo uma vibração estranha como... Ortolan parece velha demais para MeninoLobo, mas quem sabe o que acontece neste lugar? Terminei meu drinque com um gole, contraindo o rosto. Talvez não tenha sido apenas minha emergência fisiológica que nos trouxe aqui esta noite.

– Como vai a loja? – MeninoLobo olha em torno, como se a resposta não lhe interessasse.

– Está indo bem. Estou sempre ocupada, então isso é uma coisa boa.

Há uma nova pausa embaraçosa. O sorriso de Ortolan escapa, enquanto ela brinca com o pé do seu cálice em vez de conversar. De súbito, sinto pena dela. Ela está fazendo um esforço, isso é mais do que posso dizer de MeninoLobo. O que deu nele?

– Que tipo de loja você tem? – pergunto. Os olhos de Ortolan são do mesmo tom de cinza que sua roupa de mulher gato.

– Eu desenho roupas.

– Uau! – Não é de estranhar que ela pareça tão incrível. – Esta é uma das suas? – aponto para seus trajes. Se eu tivesse o corpo dela, também andaria com roupas colantes.

Ortolan assente.

– Não fique tão impressionada. É só uma loja pequena e eu mesma costuro tudo. Você é da cidade, MeninaSelvagem? – Para seu crédito, ela diz meu pseudônimo ridículo sem um pingo de sarcasmo. Mas uma coisa é MeninoLobo me chamar de MeninaSelvagem, outra é ouvir esse nome da boca de um adulto. Fiquei vermelha.

– Parece óbvio?

– É um elogio. Eu daria tudo para ter uma pele tão deslumbrante como a sua.

– É, parece que todos aqui poderiam dar conta de comer um ou dois pedaços de carne.

A risada de Ortolan parece ser verdadeira.

– Para ser honesta, acho este lugar um pouco pretensioso, mas encontro várias das minhas clientes deste jeito. Tenho algumas clientes assíduas que me convidam para sair e é bom aceitar, às vezes.

– Eles são do tipo que olham fixamente. Eu me sinto em uma vitrine.

– Eles têm inveja da sua juventude. Vocês dois são como criaturas exóticas da terra da juventude.

Nunca entendi toda essa merda de esses-são-os-melhores-anos-da-sua-vida. Se isso é o melhor que dá pra ficar, então, talvez eu queira desistir já. Deixe-me ir para o oásis tremeluzente do mundo adulto.

– Que piada.

– Eles não se lembram de como a vida era confusa quando tinham a sua idade.

Quase me esqueci de MeninoLobo e de seu mau humor, mas é evidente que está entediado ou irritado com a nossa conversa, porque se levanta de repente, todo agitado e resmungão. Ortolan olha para cima surpresa.

– Desculpe-me, tenho que... vou...

Ele sai sem terminar a frase. Ortolan coloca seu copo vazio na mesa de centro. Seus olhos brilham como uma estrada depois da chuva. Há um silêncio que se alastra e parece que ninguém vai preenchê-lo a não ser eu. Eu tenho que perguntar:

– Isto aqui é um caso passado?

– Não – Ortolan tenta controlar as lágrimas. Fico aliviada. Se ela é o tipo de mulher com quem MeninoLobo gosta de sair, não tenho nenhuma chance. Parece que isto é tudo que ela tem para dizer, mas devo parecer confusa o bastante para que ela sinta que precisa explicar.

– Pode-se dizer que sim. Eu costumava sair com o irmão mais velho de MeninoLobo. Há muito tempo.

– Só isso? Não é razão para que ele seja tão grosseiro.

– Não seja dura demais com ele. Foi uma situação difícil. Sempre que vejo Jethro, por um milésimo de segundo penso que é seu irmão. Sempre fico feliz em vê-lo, mas...

Estico o pescoço tentando encontrar MeninoLobo. Descubro-o no bar, falando com o sujeito que pagou pelos nossos drinques. Desde que ele não saia sem mim... Volto-me mais uma vez para Ortolan, seu rosto ainda está pálido e triste.

– Então, você cresceu em Timidez também?

– Cresci. Mas saí aos vinte anos e vivi por alguns anos no exterior. Voltei quando ouvi sobre a Escuridão.

– Você voltou para cá? Para viver na Escuridão?

– Bem, perto o bastante. Moro logo depois da divisa, em Panwood. Todos acharam que eu era louca de voltar. Não posso explicar, mas eu sabia que tinha de voltar. Era a coisa certa a ser feita.

Não posso imaginar alguém querendo voltar a Plexus. Depois que eu for embora não voltarei até que tenha me tornado alguma coisa. Uma pessoa diferente que não cairá naquela armadilha nunca mais.

– E aqui você é um sucesso. Quero dizer, você tem sua própria loja. Deve ser tão bom!

– Não acho que eu faria as mesmas roupas em outro lugar. Se preciso de inspiração, tudo o que tenho que fazer é andar pelas ruas. Você deveria passar na minha loja algum dia. Tenho algumas peças que ficariam ótimas em você.

– Eu gostaria – respondo sinceramente. À primeira vista, pensei que Ortolan seria fria e reservada, mas não poderia estar mais errada a respeito dela.

Ortolan tira um celular de um bolso que eu nem tinha notado em sua cintura.

– Desculpe-me. Só estou vendo se a babá ligou – ela abre o celular com um estalido. – Não. Estou imaginando coisas.

– Você tem um filho? – não posso deixar de parecer surpresa. Ortolan ri como se estivesse acostumada que as pessoas se surpreendessem com aquilo.

– Uma filha. Não costumo deixá-la sozinha à noite, então fico um pouco ansiosa. Quer ver uma foto? – seu rosto vibra. Não consigo imaginar o rosto de minha mãe se iluminando como o dela em qualquer ocasião que fale a meu respeito. Ortolan me passa sua carteira aberta.

Sua filha posa com uma espada de papelão em uma mão e uma tocha na outra. Está usando uma túnica grande demais e um capacete ondulado feito de papel-alumínio. Sua expressão está a meio caminho entre um sorriso bobo e uma expressão de batalha feroz. Eu me lembro de brincar fantasiada quando era pequena. Passava horas criando fantasias diferentes e representando cenas com meus brinquedos de pelúcia.

– Ela é uma graça. Como se chama?

– Diana.

Uma sombra estende-se ao longo da mesa.

Nós duas voltamos os olhos para MeninoLobo, sombreando-nos. Seus olhos estão escuros e sigo sua linha de visão até a carteira de Ortolan e a foto de Diana. O rosto de MeninoLobo se contorce e ele parece prestes a falar, mas, em vez disso, recua e chuta com força a mesa de centro, virando-a de ponta-cabeça com um estrondo. Ele para apenas por um momento, parecendo tão chocado quanto nós, depois se vira e corre.

seis

CHEGO À RUA CINZA CORRENDO, as botas batendo no concreto, o sangue martelando no meu crânio. A sarjeta quase me faz tropeçar, estou tão desesperado para ir embora! Estou sufocando, cuspiendo nuvens de bafo e não por estar correndo. Um uivo quase força seu caminho entre os meus lábios e tenho que cerrar os dentes para mantê-lo sob controle.

O banheiro e a loja de conveniências incandescente oscilam à vista. A luz queima meus globos oculares. Eles devem estar fazendo uma ligação clandestina. Ninguém tem tanta eletricidade legalmente.

Preciso de escuridão.

Deixo as duas sozinhas um minuto e Ortolan tem que contar a MeninaSelvagem cada mínimo detalhe de sua vida.

Há sombras hospitaleiras na próxima travessa. Os jardins comemorativos são mais para a frente, na encosta que se estende até o rio. A Cidade dos Órfãos fica à direita. Os altos edifícios estão salpicados de luz. Meus passos desaceleram gradualmente até que descubro um terreno vazio.

Sento sobre cascalhos e torrões com grama seca, enfiando meus dedos nas pedras e sentindo terra suja sob minhas unhas. Absorvo o ar da noite, inalando cada respirada o mais fundo possível. Quando é noite em toda a cidade, fica mais frio em Timidez, ainda que não dê para ficar mais escuro aqui. Não é justo que Ortolan mostre à MeninaSelvagem a foto de sua filha, quando eu nem mesmo a conheço. Será que elas também falaram sobre Gram?

Aos poucos meu sangue esfria, meu coração fica mais lento. A Escuridão é um cobertor pesado que me mantém escondido.

Enfio a mão dentro do bolso e apanho meu isqueiro, fechando os olhos como se estivesse fazendo um pedido. O metal é frio e macio em contato com os meus dedos. Às vezes, acho que Lupe tem razão: meu irmão não está longe. Posso vê-lo se eu me concentrar. Ele sai da escuridão, tornando-se rapidamente visível. Cabelos despenteados, uma tatuagem de águia no

bíceps. Está encostado no seu Valiant fumando, apertando os olhos sob a forte luz do sol. Atira sua bituca no chão: *Vamos embora, Pequeno J.*

O cascalho ressoa. Meus olhos se abrem. Na extremidade do terreno há uma mancha rosa na escuridão e duas pernas brancas. Um par de botas pretas caminha na minha direção.

MeninaSelvagem caminha com cuidado. Seus olhos estão grandes na escuridão, grandes demais. Ela para a certa distância, usando sua bolsa como escudo.

– Oi.

– Como é que você me achou? – falei nervoso. O que eu deveria fazer era me desculpar, mas as palavras certas não estão vindo.

– Perguntei para algumas pessoas. Você tem uma aparência bem diferente, então não foi difícil achá-lo.

– Vocês foram expulsas do bar?

– Não. Fingimos que foi um acidente. A mesa nem quebrou.

Isso foi sorte. Chutei como se quisesse mandá-la para o outro lado da sala. MeninaSelvagem não se aproxima. Eu a assustei. Eu mesmo fico assustado quando chego a esse ponto.

– Ortolan está brava?

– Não. Mas está preocupada com você. Ela me mandou que viesse à sua procura.

Não sei o que dizer. A noite está beirando o fracasso. Não quero que MeninaSelvagem vá para casa, mas não posso culpá-la se decidir partir. Mas não consigo lhe pedir que fique. Ficar com raiva e depois correr atrás não vai ajudar. Ela não parece ser o tipo de garota que gosta disso.

– Não me incomode que você tenha ficado nervoso. Não preciso saber o motivo. Só preciso saber que você está... a salvo. Estou me arriscando aqui. Do mesmo jeito que você aqui comigo.

– Não sou perigoso. Não mato gatos para me divertir, se é isso que você está perguntando. Também não mordo as pessoas.

O rosto de MeninaSelvagem relaxa um pouco.

– A não ser que peçam com gentileza, certo?

Franzo minhas sobrancelhas. Estou sempre a meio passo atrás dela. Não sei por que ela está brincando comigo depois do que aconteceu. Eu não acreditei nela quando disse que não precisava saber por que eu fiquei

nervoso. Talvez Ortolan já tenha dito a ela. Eu engulo em seco. Não quero falar sobre isso. Não quero nem pensar a respeito.

– Tivemos um mau começo – eu disse. Afasto a ideia de que seria mais fácil mandá-la para casa.

– Eu ainda quero que você me mostre Timidez.

MeninaSelvagem se aproxima e se senta perto de mim, com sua bolsa próxima a ela. Vira sua mão para cima para me mostrar algo. Um cartão de banco. Ela o estende, gesticulando para que eu o pegue.

– Eu estava começando a lhe contar, antes de Ortolan aparecer. Achei-o no banheiro do Asa do Corvo.

O cartão não se parece com nada que eu tenha visto antes e nunca ouvi falar no Banco do Futuro. Já faz algum tempo que não vejo um cartão de banco. Uso dinheiro vivo, como a maioria dos outros locais. Não restou nem uma agência de banco em Timidez.

– O que você acha? – a voz de MeninaSelvagem está ansiosa.

– Se formos investir no futuro, então eu diria que estamos fodidos.

MeninaSelvagem sorri. Seus dentes são brancos e perfeitos como pastilhas de menta.

– Essa piada foi boa, lobinho. Tome cuidado ou vou acabar pensando que você tem senso de humor. O que eu queria dizer era: você acha que ele funciona? Podemos usá-lo?

– Acho que sim. – Viro o cartão de novo na minha mão. Não consigo ver algum motivo para que ele não funcione. – Você não pensou em entregá-lo no bar?

– Você nunca perguntou a si mesmo: o que eu faria com um milhão de dólares?

Tento não pensar demais em dinheiro, se posso evitar. Ganho algum dinheiro fazendo mixagem em outras bandas e, aos poucos, vendi as melhores peças do mobiliário da minha casa. Sei que se atravessar para Panwood e for ao banco, o que só faço quando estou desesperado, alguém, provavelmente mamãe, terá depositado bastante dinheiro na minha conta.

– Na verdade, não.

– Eu sim. Penso muito nisso. – MeninaSelvagem ruboriza com entusiasmo. – Às vezes, começo com dez mil dólares e, então, penso em um milhão.

– Duvido que haja um milhão de dólares nessa conta. Talvez, essa pessoa tenha ido à falência e é por isso que largou o cartão por lá.

– Ainda assim, devíamos ver se funciona.

Dou de ombros. De qualquer modo, o cartão não traz nenhum nome, o que tornaria muito difícil achar o dono.

– Então é melhor você assiná-lo.

MeninaSelvagem encontra uma caneta em sua bolsa sem fundo e apoia o cartão nas minhas costas para assiná-lo. Tento ignorar o leve toque do seu cabelo balançando contra o meu pescoço. Ela já não tem mais medo de mim. Quando termina, ela se agacha à minha frente.

– Tem mais alguma coisa que eu tenho que perguntar, antes de irmos mais longe. – Seu rosto cora. – Você tem namorada?

– O quê?

– Se eu sair com você hoje à noite, será que eu vou, você sabe, ser estapeada por alguém?

Balanço a cabeça. Não sei se devo me sentir insultado ou lisonjeado.

– Está bem. – MeninaSelvagem se levanta. Algo ficou decidido entre nós. – A propósito, não vou chamá-lo de Jethro. Para mim você é MeninoLobo e é assim que vou chamá-lo.

Para mim tudo bem. Não gosto de ser chamado de Jethro. É o meu nome de antes da Escuridão, antes de tudo mudar. Um nome usado por meus pais e por outras pessoas que ainda não seguiram em frente. Não há sentido em querer que a vida seja como antes.

ANDAMOS RÁPIDO PELAS RUAS DE TRÁS de Timidez, mas não tanto que me impeça de quase morrer congelada. Puxo meu suéter para mais junto de mim. Mamãe me mataria se soubesse que saí hoje à noite sem uma jaqueta. É curioso como ela se preocupa com pequenas coisas como essa, mas nunca repara no que realmente importa.

Estou feliz por ter encontrado MeninoLobo. Eu estava mais preocupada com ele do que em andar sozinha pelas ruas sórdidas. Não me surpreenderia se ele tivesse uma história pessoal pesada. Quando uivou no bar, o som me atravessou direto. Ele me fez pensar em todas as coisas miseráveis que já vi, como quando você vê um brinquedo abandonado na calçada sendo chutado e ficando sujo.

Dou uma olhada nele. Andamos lado a lado, ele olha para a frente e seu lindo rosto serenou outra vez. Já é difícil imaginar que ele seja o garoto que vi sentado no terreno baldio há poucos minutos, olhando para mim como se estivesse se afogando. É difícil imaginar que ele seja o mesmo garoto que vi furioso, e que chutou uma mesa. Problemas de família podem fazer isso com você. Sou a rainha de perder a calma. Se fosse tão grande e alta como MeninoLobo, provavelmente pareceria tão assustadora quanto ele pareceu. Sinto como se tivéssemos passado por uma espécie de teste que a noite nos preparou. Não vejo o que poderia dar errado depois disso.

Olhando superficialmente, Timidez não é tão diferente de Plexus. As casas estreitas dessa rua estão aglomeradas. As pessoas cultivam sofás, bicicletas e concretos nos seus jardins da frente em vez de rosas. O conforto surrado é familiar.

– Você está me levando para um caixa eletrônico, certo?

– Não preciso. Tenho dinheiro o bastante para a noite toda. Quero dizer, horas.

– Mas este não é o ponto. Consegui este cartão e estou louca para esbanjar algum dinheiro.

– Como é que você vai usar um caixa eletrônico se não sabe a senha do cartão?

Bato na testa. Uma senha. Devo estar pirando. Meu rosto queima com a certeza absoluta de que mereço um prêmio em idiotice.

– Só posso dizer, em minha defesa, que neste lugar tudo é realmente confuso e que normalmente eu não bebo o que quer que seja aquela coisa asquerosa que bebemos no Asa de Corvo e...

– Não se preocupe com isso. – MeninoLobo põe de lado o meu constrangimento com um leve gesto de mão. – Tenho uma ideia de onde podemos usar o cartão.

– Onde?

– Um lugar muito secreto. – MeninoLobo levanta as sobrancelhas. Algumas das minhas tendências dramáticas o devem estar influenciando. Eu não me importo que ele tenha problemas – de fato, isso não é pior do que alguém que é religioso demais –, mas agradeço por ele não estar de mau humor agora.

A área residencial gradualmente se transforma em uma área semi-industrial com prédios enormes. Passamos por uma revendedora de automóveis, um atacadista de frutas e um depósito de ônibus da cidade-fantasma. A rua mais larga e as brechas mais espaçosas entre os prédios permitem que o vento passe por elas, soprando poeira e sujeira por entre nossos tornozelos. Timidez deve estar até a boca de antros de ópio, cassinos ilegais, hum, comerciantes de diamantes e... fico sem ideia de lugares onde gastar dinheiro sujo. Se estivéssemos na cidade, bom, eu poderia pensar em milhões de maneiras. MeninoLobo para em um prédio comum de tijolos com um luminoso em néon de uma garrafa de boliche.

– Vamos jogar boliche? – Não consigo disfarçar o desapontamento na minha voz. Jogar boliche não é irado. O *hall* da cancha de boliche é escuro, ainda que uma das portas esteja aberta e deixe passar o vento. – Tem certeza de que este lugar está aberto? Eu preferiria ir a um ringue de patinação, se estamos explorando alternativas medíocres de divertimento.

– Tenha paciência. – MeninoLobo me olha com ar exasperado. As pessoas estão sempre me dizendo que falo demais. Decido manter minha boca fechada por alguns minutos.

Em vez de nos dirigirmos para a entrada principal, entramos em uma passagem ao lado do prédio. Uma extensa peça de grafite multicolorida

cobre toda a parede lateral: *MULEQUES, AVANCEM*. Alguém se esqueceu de conferir a grafia. Nossos passos ecoam na viela silenciosa. MeninoLobo fica esquadrihando os telhados do nosso lado, como se esperasse que um invasor mascarado viesse balançando em uma corda. Eu deslizo minha mão em direção a ele, que dá um aperto reconfortante.

O beco se abre em um estacionamento cercado por uma série de prédios apagados com saídas de incêndio precárias. Uma única e fraca luz de rua ilumina a área. O espaço todo está tão deserto que espero a qualquer momento que bolas de feno irrompam no meio dele. Engulo. A insegurança faz bem, certo?

– Acho que é aqui por perto.

Atravessamos o lugar de mãos dadas. A última vez que dei a mão a alguém, provavelmente, foi para minha mãe, antes de ficar velha o bastante para me envergonhar disso. Meus dedos estão quentes e espero que minha mão não esteja suada.

– Você nem sabe aonde estamos indo?

– Sei aonde estamos indo. Aquele velho no bar, aquele que nos ofereceu um drinque, ele estava tentando me impressionar com todas essas coisas *underground* que ele conhece. Ele me contou sobre este lugar e me disse onde era. Estamos procurando uma porta verde.

– Como aquela? – aponto para a parte detrás do prédio. Uma porta verde ao lado de uma montanha de sacos de lixo lustrosos.

MeninoLobo larga minha mão e aperta a campainha. A etiqueta manuscrita abaixo do botão foi apagada pela chuva. Nada acontece. MeninoLobo aperta a campainha novamente. Pés se movimentam por detrás da porta

– Estamos procurando a feira – grita MeninoLobo, acercando-se da porta. Noto que há uma câmera de vigilância sobre nós e faço o possível para parecer respeitável. Mas, ao contrário, será que eu deveria tentar parecer suspeita?

A resposta é abafada e breve.

– Senha.

MeninoLobo sussurra a senha na porta, praticamente beijando a pintura descascada.

– Não consigo ouvir você.

MeninoLobo revira os olhos.

– PRÍNCIPE. DAS. TREVAS – ele repete mais alto.

Eu bufo.

O trinco se mexe e a porta se abre para dentro. Entramos devagar em um corredor escuro. O dono da voz é um homem magro e alto vestido como uma moçreia obesa em um casamento. Ele não se parece com um assassino do machado, mas você nunca sabe.

– Sua *senha* tem três palavras – eu digo para disfarçar meu nervosismo. O homem me lança um olhar de desprezo. Está mais maquiado do que eu e é impossível adivinhar sua idade. Sua pele e seu cabelo são exatamente do mesmo branco marmóreo. O corredor de concreto é frio e sem enfeites. Nós estamos em uma parte do prédio que nunca deve ser vista pelo público.

– Quem mandou você?

– Gary – responde MeninoLobo.

O rosto do homem perde um pouco do seu ar atormentado. Gary deve ser um favorito.

– Sou Sebastien – gesticula com um dedo curvado para que o sigamos pelo corredor, destrancando a porta ao seu final com uma chave que traz pendurada no pescoço. Faz com que entremos primeiro, antes de fechar a porta atrás de nós.

Meus olhos se esforçam para se adaptar à escuridão. Posso enxergar uma parede com prateleiras à esquerda e alguma coisa descendo do teto. A única luz vem de nove ou dez janelas pequenas no nível do chão.

A voz desencorpada de Sebastien é tão seca e frágil como sua pele.

– Bem-vindos à feira. Vocês encontrarão uma grande variedade de artigos à venda, contrabandeados ou não. Por favor, me avisem se estiverem procurando artigos especializados e eu os encaminharei à seção apropriada. Não lido com drogas, mas tenho um sócio que posso indicar se for isso o que vocês procuram.

– Não consigo enxergar nada – cochicho para MeninoLobo.

– Hum, Sebastien? Dá para conseguirmos um pouco de luz aqui, cara?

Há um suspiro dramático seguido por várias passadas que ecoam. Sebastien acende um isqueiro. Começa a acender as velas de um grande candelabro com um ar ressentido, seus punhos de renda adejando perigosamente perto das chamas. MeninoLobo o ajuda, usando seu próprio isqueiro para acender os pavios. Logo o aposento cintila com a luz das velas.

É maior do que eu previra. Há dúzias de bicicletas penduradas acima da cabeça, prateleiras cheias de latas sem etiquetas, uma pilha de colchões, uma impressionante coleção de espadas de samurais e manchetes afixadas na parede. Latões cheios de itens variados – tênis, fogos de artifício, objetos com o formato de limão que parecem granadas de mão – salpicam a sala. Se existem armas expostas abertamente aqui, fico imaginando o que Sebastien quer dizer com “artigos especializados”.

– Vocês aceitam cartões de crédito?

– Querido, eu não estou operando num mercado de pulgas – responde Sebastien. – Sim, é lógico que eu trabalho com cartões. Este é o maior negócio em mercado negro de Timidez. Tenho um movimento maior do que todas as outras chamadas feiras juntas.

MeninoLobo vagueia por algumas prateleiras e pega uma lata, cheirando-a com desconfiança.

– Gary disse que você tinha equipamento musical.

– No último canto, à esquerda.

Sebastien se dobra em uma cadeira antiga por detrás de uma escrivaninha com uma das luzes, pegando ostensivamente um livro e nos ignorando. MeninoLobo perambula para o canto de trás.

Eu me curvo para espiar por uma das janelas no nível do chão. Do outro lado há um comprido cômodo muito iluminado com pessoas do tamanho de palitos de fósforo na outra extremidade. As proporções estão todas erradas, como se eu estivesse espiando um quadro. Pisco. É só quando há um estrondo baixo e algo vem rolando na minha direção que percebo estar olhando para a pista de boliche, por detrás dos pinos.

Quando chego ao fundo da sala, MeninoLobo está olhando respeitosamente uma parede de violões e não quero interromper esse momento.

– Nossa, cara! – ele assobia por entre os dentes. – Ele conseguiu uma Les Paul Custom!

– Uma o quê?

Para mim todos os violões parecem iguais, apenas com ligeiras variações de formato e cor. MeninoLobo se inclina para a frente e acaricia um violão negro como se fosse um cavalo puro-sangue. O violão balança de leve no gancho. É possível ter ciúmes de um violão?

– Um Gibson Les Paul Custom de 1957. Não é lindo?

Para mim *ele* parece um violão. Um violão negro com cordas, com as coisas que seguram as cordas no lugar e aqueles pedacinhos arredondados no final do cabo. Eu vejo MeninoLobo olhar o violão, seu desejo mudou seu rosto. Isso é adorável, mas eu preferia que ele olhasse para mim desse jeito.

– Bom, vamos comprá-lo. Estamos aqui para gastar dinheiro, não é?

– Eu já tenho um violão.

– Sei, mas você não tem *esse* violão. Quanto eles custam?

– Não. – MeninoLobo vira as costas. – Não preciso de um violão tão bom. Não toco tão bem.

– Isso é ridículo... – eu começo, mas MeninoLobo coloca a mão na frente do meu rosto.

– Nem tudo abre uma brecha para discussão, minha jovem.

Bato na sua mão, sorrindo com o seu tom professoral. Ando ao longo da parede, afagando os instrumentos conforme passo por eles.

– Talvez eu compre um e me junte à sua banda.

– Você toca violão?

– Isso não é importante, é? Minha aparência combina com isto.

Paro em uma coleção de ukuleles, aquelas guitarras havaianas de quatro cordas. Um deles é rosa-*shocking* estranhamente ridículo e custa somente cinquenta dólares. Eu o puxo da parede e dou umas arranhadas para experimentá-lo. MeninoLobo se recosta em um latão cheio de fones de ouvido, com os braços cruzados em expectativa. Limpo a garganta.

Não conheço nenhuma corda, portanto o som que faço é assumidamente terrível. Mas o entusiasmo tem que servir para alguma coisa, certo? Canto acompanhando meu dedilhar dissonante, inventando as palavras à medida que prossigo.

*Oh, estou tão só na noite,
Estou tão desgrenhada,
Não tem luz
Estou com o blues de Timidez
Uso sapatos de salto alto,
A lua brilha tão radiante,
Estou tão uivante na noite.*

Hora do grande final. Esmerilho o ukulele com o maior empenho.

Calças! Tão! Apertadas!

Noites Inacabadas!

Aa-uoooooooooooo!

Tento um uivo, mas acaba saindo mais como um grito de canção alpina. Compenso com algumas arremetidas de *hard rock* e alguns gestos de metaleiros, antes de agradecer.

MeninoLobo aplaude lentamente. Ele está tremendamente impressionado, é claro. Mais importante, ele parece ter esquecido tudo o que diz respeito a Ortolan, que o deprimiu tanto no primeiro lugar a que fomos. Ele é tão doce quando sorri. Eu quero vê-lo fazendo isso mais vezes.

– Isso é um original?

Pouso o ukulele e tiro o cabelo do rosto.

– Oh, não, isto é um *cover* de uma das suas. Você não reconheceu?

Sorrimos um para o outro. Eu me sinto genuinamente idiota, não como antes no bar com Neil e Rosie, quando eu apenas fingia muito bem que estava me divertindo. MeninoLobo parece gostar quando me faço de boba. Isso é bom. Eu não sou o tipo de garota que fica ali parada pra servir de enfeite e não estou interessada em alguém que queira isso.

– Então, estou dentro? Passei no teste?

– Você pode participar da minha banda qualquer dia. Mas é melhor irmos embora antes que Sebastien nos expulse por estarmos bêbados e bagunceiros.

Sebastien levanta os olhos quando nos aproximamos de sua escrivaninha. Não dá demonstração de ter ouvido nada. Sem motivo, meu coração golpeia como se estivesse querendo arrebentar o peito. Hora de testar o cartão. Não sei se estou me sentindo enjoada ou excitada.

– Boa escolha – diz Sebastien sorumbático, quando lhe estendo o ukulele rosa.

– E isto também – MeninoLobo mostra a alça de uma guitarra, que eu não o vi pegando.

– Sessenta e cinco dólares, por favor.

Esfrego o cartão do futuro entre os meus dedos para dar boa sorte e o estendo a Sebastien, que o passa diretamente pela máquina, movendo-se

com uma eficiência entediada.

Nada acontece. Prendo a respiração. Olho para MeninoLobo e ele está calmo. Seus olhos, azul-marinho sob aquela luz, se prendem aos meus um momento a mais do que o necessário e nosso segredo passa entre nós.

A máquina faz um barulho e cospe um recibo.

Sebastien me estende uma caneta, e eu assino o pedaço de papel com a mão nervosa. O cartão funciona. Uma parte minha esperava que fosse falso.

– Obrigado, cara. – MeninoLobo me dá o ukulele e cumprimenta Sebastien, que inclina a cabeça ligeiramente e volta na mesma hora para o seu livro.

Meus pés me levam para fora da primeira porta e pelo corredor. Estou tremendo toda. Sei o que vou fazer com esse cartão. Empurro a porta externa em torpor, mal percebendo o ar frio se apressando ao meu encontro. Amanhã posso ir até uma agência de viagens e comprar uma passagem de avião para algum lugar, qualquer lugar. Não vou ter que ir para a escola na segunda-feira. Nunca mais vou ter que voltar. O cartão é meu meio de fugir da confusão em que estou.

O estacionamento ainda está deserto. MeninoLobo tira o ukulele das minhas mãos e prende a alça nele. Ele tem os dedos ásperos que os meninos têm, mas suas mãos são ágeis. Passa a alça sobre a minha cabeça e sob um braço para que o instrumento fique pendurado nas minhas costas. Fico parada, sem respirar. Tudo será diferente de agora em diante.

– Temos um nome para pessoas como Sebastien. – Sua mão se demora no meu ombro, ajustando a alça. Não é que ele tenha exatamente pulado em cima de mim, depois que perguntei se ele tinha namorada. Ele não sabe o que essa pergunta significa?

– É?

– Nós os chamamos de cogumelos porque eles funcionam bem no escuro. Algumas pessoas fizeram da Escuridão um verdadeiro negócio.

– Como Ortolan?

Sua mão sai do meu ombro. Praga. Não devia ter tocado no nome dela.

– Acho que sim. Nunca pensei nisso desse jeito, mas é. – Ele me dá um tapinha no braço. Um tapinha amigável. – Vamos sair daqui. Está com fome?

oito

A AVENIDA SATURNÁLIA ESTÁ DESERTA como sempre. A visão da Cidade dos Órfãos no final da rua é o suficiente para manter a maioria das pessoas a distância. As árvores que margeiam a avenida nada mais são do que madeira morta no chão. Num intervalo de poucas semanas um galho pesado se quebra e cai na calçada, levando o que quer que seja, ou quem quer que seja, no percurso.

A escuridão é densa nesta parte de Timidez. A rua é de concreto, não é de asfalto, e está toda marcada por centenas de fissuras e buracos. Ninguém mais se preocupa em consertar ruas, ou com faróis, ou sinais de trânsito. Meu corpo pressiona contra a escuridão como se eu estivesse vadeando em águas profundas. Até MeninaSelvagem está quieta.

A maioria dos Sonhadores vive por aqui. Eles não têm medo de viver perto da Cidade dos Órfãos. Os Moleques não se metem com eles. As casas dos Sonhadores são feitas de recortes de papel, com sacadas e telhados rendilhados e decorados. Empurre as silhuetas da meia-noite e elas cairão.

Thom e eu invadimos uma casa Sonhadora uma vez. Achamos uma janela quebrada e estendemos nossas camisas sobre as pontas dos vidros para podermos entrar. Andamos por toda a casa sem dizer uma palavra. Não havia móveis, ou aparatos de luz, ou espelhos, ou carpetes. Apenas um assoalho de tábuas nuas e teias de aranha, uma escada de madeira que dava para o andar de cima e poeira por toda parte. Num dos menores quartos do primeiro andar havia uma cama. No chão, duas almofadas de sofá, cobertas com lençóis desarrumados, como se o ocupante tivesse saído às pressas.

Só tenho uma razão para vir a esta parte da cidade, que é a de visitar Lupe. Todo mundo conhece Lupe e sua *van*. As pessoas a procuram pelo melhor *kebab* de Timidez, e para obter respostas para suas perguntas. Mesmo antes da Escuridão, meus pais me preveniam para não falar com ela, mas, depois que Gram morreu, o tranco foi forte demais. Lupe me disse coisas que eu queria ouvir. Não me importava se eram verdadeiras ou não.

Ela me disse que Gram não estava de modo algum distante, apenas do outro lado da cortina. Isso foi antes da Escuridão ou antes que percebêssemos que a Escuridão se aproximava. Às vezes, acho que o sol deve ter começado a falhar por aqui na mesma época em que Gram nos deixou.

Apresso o passo. Estou ansioso para ver a *van* de Lupe brilhando na noite como um carro alegórico. Com certeza, Lupe está na minha lista de coisas a serem feitas em Timidez. Eu sei, por instinto, que MeninaSelvagem vai gostar dela. Agora que pensei em comida, não consigo imaginar nada diferente.

– Olhe – sussurra MeninaSelvagem, apoiando-se em mim, assustada. Levo um momento para enxergá-lo.

Um homem cambaleia pela rua a cerca de cinquenta metros, vindo em nossa direção. Tem um andar clássico de Sonhador, arrastando uma perna em seguida da outra, indeciso em meio à caminhada. As mangas de seu pulôver pendem soltas como se ele não tivesse braços.

– Sonhador – explico. – É como um culto por aqui. Tudo o que eles querem é dormir e sonhar. Quando começam, tomam um monte de pílulas para poder dormir mais tempo e sonhar mais, mas, depois de um período, não precisam mais de drogas, conseguem dormir pelo tempo que quiserem. Estão convencidos de que os sonhos é que são a verdadeira realidade.

O Sonhador passa por nós sem parecer registrar que estamos aqui, com o olhar fixo em algum lugar do horizonte. Ele é quase totalmente desprovido de cor, como se tivesse sido submetido a lavagens por muitas vezes. Uma alma perdida. MeninaSelvagem estica o pescoço para continuar observando-o.

– Não podemos culpá-los, não é? Nos sonhos, pode-se fazer o que der vontade, ser quem você quiser. Quando se está dormindo, tudo pode acontecer, tudo pode ser consertado ou revertido.

Ela fala como alguém que tem domínio sobre seus sonhos.

– Você deveria ouvir algum rock-sonhador. Até eu durmo com ele.

MeninaSelvagem continua andando perto e isso é um pretexto para eu colocar meu braço em volta de seus ombros.

– O que você vai fazer com o cartão, agora que sabe que ele funciona?

– Vou pegar um avião e voar para algum lugar muito, muito distante.

– Para onde você vai?

– Ah, acho que para a Índia. Talvez.

As únicas coisas que sei sobre a Índia são que está apinhada de gente, todos querendo encontrar algum espaço, e que o sol me fritaria num prazo de trinta segundos.

– Você tem família lá?

– Por que você diz isso? – MeninaSelvagem fica subitamente agitada.

– Não sei. Você parece meio mestiça. – Droga, ela me olha. – É porque o seu cabelo é tão escuro e a sua pele...

MeninaSelvagem sai de debaixo do meu braço.

– Por que não pergunta para a minha mãe? Ela diz que não sabe, mas pessoalmente acho que ela só está escondendo de mim.

Eu arruinei o momento.

Quando eu era mais novo, costumava imaginar como seria se tivesse outros pais. Só podia ser um erro eu ter aqueles que eu tinha. Eu não era nada do que os meus pais queriam que eu fosse. Gram também não, mas achávamos que isso não o incomodava tanto.

MeninaSelvagem deveria saber que um pai e uma mãe não são necessariamente melhores do que só uma mãe.

– Meus pais foram dos primeiros a deixar Timidez quando as coisas ficaram difíceis. Meu pai quer conforto e dinheiro. Quer que toda a sujeira e o barulho do mundo sejam mantidos fora da sua casa. Ele estabelece todas as regras, mas é maleável. Nunca levanta um dedo, a não ser para mandar *e-mails*. – Assumo uma pose de fisiculturista. – Parece que mamãe andou confraternizando em segredo.

MeninaSelvagem sorri. Ela sabe o que estou tentando fazer. Ela me agarra e me vira para trás, apontando o fantasmagórico Sonhador, flutuando na escuridão.

– Vê aquele cara? Com certeza é meio zumbi. Estamos quase chegando à *van* de Lupe. Não existe nenhuma árvore nesse trecho da Avenida Saturnália. Provavelmente, os Moleques usaram-nas para suas fogueiras.

– Moleques, avancem – diz MeninaSelvagem como se lesse os meus pensamentos.

– O quê? – eu estou assustado.

Ela mostra um cartaz colado ao lado de um antigo armazém. O cartaz está brilhante e novo em comparação à parede de tijolos que há por baixo. *O Doutor Gregory se preocupa*, diz ao longo da borda inferior. O rosto bronzeado com dentes suspeitamente brancos de *Doutor Gregory* está

acima do *slogan*. O Doutor Gregory se preocupa com dinheiro, se você quer a minha opinião.

Alguém pintou duas letras com *spray* sobre o rosto do Doutor Gregory. Uma caligrafia primária, tremida e irregular.

M. A. Exatamente como o grafite perto da pista de boliche. Moleques Avancem.

Ela é mais esperta do que eu pensava. Ou está menos bêbada. Nesse caso, estou ainda mais impressionado por sua apresentação com o ukulele.

MeninaSelvagem vai em direção ao cartaz:

– Quem são os Moleques?

Antes que eu responda, uma pequena forma escura cai do céu e aterrissa na cabeça dela. Dedos compridos e peludos tentam alcançar seus olhos. Digna de respeito, MeninaSelvagem não grita, mas se agita de um lado para o outro, com o ukulele balançando às suas costas. O animal desgruda do cabelo dela, cai no chão e sai correndo. Vou socorrer MeninaSelvagem, mas ela me empurra, apontando atrás de mim.

Eu me viro, e lá estão eles: os Moleques.

Cinco deles se espalham em arco à nossa frente, suas bicicletas jogadas no chão atrás deles. Se eu estivesse concentrado nos arredores, em vez de em fazer MeninaSelvagem sorrir novamente, teria ouvido suas rodas antes que chegassem. Reconheço o Moleque mais alto na mesma hora, um garoto conhecido como o Elfo. É magricelo de cabelos loiros, finos e lisos e pele da cor de uma rosquinha crua. Ao lado dele há dois meninos e duas meninas de idades variadas. Uma delas está com a mão no bolso, o que provavelmente significa uma faca. Todos têm um pedaço de fita plástica de interdição da polícia em torno da cabeça, como bandanas.

O Elfo empurra o Moleque menor para a frente. Não pode ter mais de sete anos. Manchas escuras de baba decoram a frente do seu blusão de basquete, que para ele é enorme.

– Diga a eles, Baby.

– Passe a bolsa! – exige Baby com uma voz fina. – Está escondendo. Nós sabemos.

MeninaSelvagem ri. Não a culpo. Baby mal alcança a sua cintura. O tarsió agora está pousado em seu ombro, lambendo as patas e chilreando, mostrando uma boca cheia de dentes cariados. Estava relaxado. Devia ter

perguntado a MeninaSelvagem se ela estava levando. Uma bolsa grande como aquela tem que ter alguma coisa.

– Volte correndo para a mamãe, garotinho.

– O Macaco não se engana. – Baby xinga e faz caretas, evoluindo para um acesso de raiva ou uma crise de choro. A bandana cai em seus olhos. Olha para o Elfo, procurando uma orientação.

– Ouça, sua franguinha da Cidade cor de coca-cola – o Elfo solta as palavras devagar, de um jeito que qualquer um pode ver que estava inquieto –, entregue a bolsa. E trate Baby com um pouco de respeito.

Os Moleques estão agitados, arrastando os pés e contraindo os braços. Fico pensando em quem poderia vir ajudar o Elfo se eu pulasse sobre ele e o fizesse calar sua grande boca. O terceiro garoto, um Moleque de mais ou menos doze anos, parece estar drogado além da conta e não será problema. Ele perambula, chutando a esmo pela rua. A Menina-da-Faca parece ser a única outra lutadora entre eles, e provavelmente é a segunda em importância. O problema é que MeninaSelvagem não sabe que ninguém se mete com o Elfo, não importa como ele o chame. Ela começa a tentar atingir Baby com a bolsa.

– Eu. Não. Vou. Dar. Porra. Nenhuma. Para. Vocês. Pivetinhos.

Baby se abaixa e desvia, mas permanece com os olhos fixos em MeninaSelvagem.

– Sua boca é um pesadelo, garota. – O Elfo parece quase impressionado, mas eu o vejo mover os dedos discretamente, acenando para que a Menina-da-Faca vá em frente. – Se você fosse local, eu poderia convidá-la a se juntar ao meu grupo.

– Entregue para ele – digo a MeninaSelvagem com uma voz sem emoção. Ela me olha embasbacada.

– O quê?

– Entregue sua bolsa. Eles não vão pegar o que você está pensando.

– Bom cachorro. – O Elfo me encara com olhos de um azul-escuro. Sinto uma onda de calor subindo do estômago. Se eu estivesse sozinho, certamente tentaria fazer alguma coisa. Perdi de vista os outros dois, o garoto e a garota. Viro-me e vejo ambos atrás de mim, a uma distância preocupante.

– Cheguem mais perto e eu acabo com vocês – digo a eles. Não preciso levantar a voz. Fico com dez metros de altura quando estou puto.

– Uuuuuuii – a menina franze os lábios, fingindo estar assustada. O garoto chapado ri de alguma coisa que só ele pode ver.

MeninaSelvagem entrega a bolsa a Baby. Dá para perceber que ela detestou fazer isso. Baby coloca a bolsa no chão e remexe dentro dela com dedos ossudos e sujos. Ele precisa de um banho. Posso sentir o cheiro dele daqui. Ele passa por cima do celular e da carteira de MeninaSelvagem e tira um pacote de goma de mascar, um saquinho de jujubas e uma cartela de pastilhas para a garganta, jogando-os para a Menina-da-Faca que junta tudo com uma mão na frente do seu pulôver.

Baby termina de saquear a bolsa e a chuta no chão para MeninaSelvagem. Fica parado próximo ao Elfo, ansioso por um elogio que não vem.

Acho que terminou, mas então o Elfo abre a boca.

– Revista física.

O tásio pula do ombro de Baby e chega aos pés de MeninaSelvagem feito um relâmpago. Ela olha para o animal com repugnância. Ele coloca uma pata sobre o seu pé e depois a outra. Procura ao redor de seu tornozelo e depois sobe por suas pernas, devagar. Estica seus longos dedos em seus bolsos do *shorts* e, então, sobe mais. As pernas de MeninaSelvagem tremem visivelmente, mas ela ainda está de pé. MeninaSelvagem fica quieta, respirando audivelmente pelo nariz. Sigo seus olhos até a Menina-da-Faca, que tirou a faca do bolso e a segura despreocupadamente como se fosse descascar maçãs.

O tásio termina a revista e não encontra nada. Corre de volta para Baby, pulando com facilidade do chão para o ombro do Moleque.

– Obrigado pela transação, meninos e meninas. – O Elfo sorri com malícia e se afasta para a sua bicicleta. Pego a bolsa de MeninaSelvagem do chão.

– Não sei por que você se mete com coisas pequenas – digo tardiamente. Quando o Elfo não responde, passo meu braço em torno dos ombros de MeninaSelvagem e a levo embora.

9

FINALMENTE, SINTO-ME A SALVO NA *VAN* DE Guadalupe, que é rosada como o interior de uma melancia e tão abarrotada quanto um *trailer* poderia ser. Sinto-me como uma marionete com as cordas cortadas. Minhas pernas tremem tanto que mal consigo subir os degraus. Eu sei que MeninoLobo poderia ter corrido até aqui muito mais rápido, mas ele se demorou por minha causa.

Guadalupe é uma mulher grande em um vestido trapézio psicodélico. Tem os cabelos pintados de cor tomate e o batom coral borrado, mas seus olhos são brilhantes e argutos. Ela parece louca, mas sei na mesma hora que não é. Quando estendo minha mão para cumprimentá-la, Lupe a vira para cima e percorre o lado de dentro do meu braço com unhas brilhantes e roxas.

– Só *kebabs*, Lupe. – MeninoLobo puxa o meu braço da mão dela e fica entre nós. Tudo parecia ter um ar um pouco protetor, principalmente porque a ideia de vir aqui foi dele. Não que eu estivesse planejando ficar batendo pernas, depois que os Moleques nos roubaram.

Lupe não parece ofendida. Dá um tapinha no ombro de MeninoLobo, como se ele fosse um grande e velho *poodle*.

– Então, você está com fome, garoto?

– Sempre. – Ele se senta a uma mesa que ocupa uma extremidade da *van* e faz um gesto para que eu me junte a ele. Pego a pilha de livros que está sobre o assento e tento encontrar uma superfície vazia para colocá-los. O melhor que consigo fazer é equilibrá-los precariamente sobre algumas almofadas de cetim. Deslizo desajeitadamente na estreita brecha entre a mesa e o banco em formato de ferradura, sentando de frente para ele. Agito minha camiseta, tentando secar as manchas úmidas sob os braços.

– Vou lhe dar os bocados sangrentos – Lupe diz a MeninoLobo –, do jeito que você gosta.

Faço uma expressão de *é mesmo?* para MeninoLobo. Ele parece embaraçado e começa a assentar seu cabelo no lugar. Impressionante. O cabelo ainda mantém a forma, mesmo com toda a correria.

– E você, minha querida? Está com fome? – O sotaque de Lupe é de algum outro lugar. Ela fala muito arrastado, a palavra “querida” sai *queeeerida*.

– Sim, por favor. – Agora que penso nisso, meu estômago dói de fome e uma dor de cabeça dança na borda da minha visão. – Mas sem bocados sangrentos – acrescento. Fiquei ocupada demais me arrumando depois do trabalho para pensar em jantar. De qualquer modo, não havia nada na geladeira e eu não podia me dar o trabalho de ir a algum lugar. Não é de estranhar que eu estivesse tão bêbada antes.

Mesmo com toda a bagunça, a *van* é muito maior por dentro do que o seu exterior sugere. Não consigo ver uma cama, portanto a mesa onde estamos sentados deve se dobrar para se transformar em uma. Lupe pode ser vista através da cortina de contas que separa as dependências de visitas da cozinha. Agora, ela tilinta através da cortina e coloca uma xícara e um pires na minha frente.

– Isso vai fazer as coisas melhorarem – é tudo o que diz, antes de voltar para a cozinha. MeninoLobo assente, então tomo o chá. Está quente e tem a cor de maçãs verdes. Se for bruxaria, não vou reclamar, porque sou tomada pela calma quase instantaneamente. Meu coração volta ao normal e minhas pernas param de arder.

Examino a *van*. As paredes estão forradas com vinil rosa preso por botões de cristal. Um guarda-louça lotado de fotos, estátuas e louça ocupa um lado da *van*, oposto à porta. Sobre ele, prateleiras estão sobrecarregadas de livros e LPs. Há alguma merda muito louca aqui: um crânio sorridente em um bastão, uma fileira de luzes no formato de flores de lótus, um maço de pimentas secas pendurado em um canto, penas de pavão em um vaso, uma caixa com borboletas espetadas, um microscópio enferrujado, jarros de conservas de sabe-lá-deus-o-quê.

Termino de beber o meu chá. MeninoLobo está com a cabeça nas mãos e parece incapaz de me olhar nos olhos. A mesa é toda revestida de fotos recortadas de revistas velhas, coberta por uma grossa camada de verniz. Eu me debruço sobre alguns dos meus astros de cinema antigos preferidos.

Lupe tem bom gosto em se tratando de filmes. Talvez nem tanto quanto à decoração de interiores.

Lupe faz barulho com pratos e facas na cozinha e MeninoLobo ainda está em silêncio. Ele parece exausto e seus lindos olhos azuis piscam como se só tivesse energia para isso. Quero cuidar de seu rosto cansado nas minhas mãos.

– Você está dando as piscadas longas – digo a ele.

– Desculpe-me – ele resmunga.

– Pelo quê?

Estamos a salvo. Vi meu primeiro Sonhador. A parte onde fui atacada pelo Ewok foi bizarra, mas mal posso reclamar quando o que eu estava buscando era o bizarro. E aqui estava eu preocupada de que a noite seria só bares elegantes e desinteressantes. Vou lhe contar uma coisa: quando eu estava correndo daqueles pivetes foi a única hora nesta noite que consegui esquecer o que estava tentando esquecer o dia todo.

– Foi minha culpa. Eu devia ter perguntado se você estava levando. Você está bem?

Sinto todos os pontos da cabeça para ver se o abjeto animalzinho de fato me sangrou com suas garras. Ainda estou com a minha bolsa, meu celular, minhas chaves e o cartão mágico do banco. Eu não tinha me atrevido a checar o cartão até que ficamos fora da vista dos Moleques. Ainda não tinha tido uma chance de pensar com clareza sobre os meus planos em relação a ele.

Checo por debaixo da mesa e minhas coxas nem mesmo estão arranhadas.

– Estou bem, de verdade.

Fui atacada por um macaco e um bando de fedelhos com bicicletas incrementadas e eles não levaram a única coisa valiosa que trago comigo. O pivete que remexeu na minha bolsa mal tinha idade para entrar na escola e estava apavorado, seu lábio inferior tremia como se ele fosse cair no choro. Consigo ver o lado divertido, mas MeninoLobo ainda parece abalado.

– Eu deveria tê-los visto. Deviam estar nos seguindo já há algum tempo.

– Os macacos ou os pivetes?

– Os macacos. O nome deles é társio. São a infantaria dos pivetes. Localizam alvos, obtêm informações e seguem as pessoas. Podem ir a lugares que ninguém pode. Aquele que atacou você, caiu de um telhado.

O tásio não se parecia com nenhum macaco que eu tivesse visto. Em primeiro lugar, era pequeno demais, seus olhos protuberantes eram do tamanho de um pires e ocupavam quase toda sua cabeça, suas mãos eram enormes e seus dedos nodosos. Queria poder tomar um banho para me livrar da sensação dos seus dedos roçando no meu rosto.

– Uns olhos tão grandes – eu digo e não tenho certeza de estar me referindo aos garotos ou aos macacos.

– A noite traz vantagens para aqueles olhos grandes. – As palavras soam estranhas, vindas da boca de MeninoLobo como um provérbio. – Lembre-se, se você vir um tásio, os moleques não vão estar longe.

De alguma maneira, em meio ao meu cansaço e minha fome, algumas peças do quebra-cabeça se encaixam.

– Moleques? Moleques como em M-O-L-E-Q-U-E-S avancem, certo?

MeninoLobo concorda. Agora, o grafite faz mais sentido.

– Você ficou com medo – eu digo. – Estávamos em desvantagem, é claro, mas nenhum deles tinha mais do que quatorze ou quinze anos.

– Desculpe-me. Eu deveria ter chegado antes. Eles não tinham o direito de revistá-la daquele jeito... isso foi inesperado. Mas reconheci o líder daquela gangue, um sujeito chamado Elfo. Todos por aqui sabem que ele não é boa coisa.

– Eu não culpo você – eu disse, sinceramente. – Eles estavam mesmo só interessados nas jujubas?

Se tivesse ido atrás do cartão do banco, Baby teria recebido uma boa palmada na bunda.

– Os Moleques são loucos por açúcar e fizeram com que o tásio também ficasse dependente. Estavam todos altos, completamente surtados. Dá para perceber quando olha nos olhos deles.

Havia algo estranho na maneira com que os Moleques se moviam, seus olhos se mexiam para lá e para cá e suas mãos se contraíam. Em Plexus, há muitos drogados, mas nenhum tão jovem.

– É mesmo possível que o açúcar provoque isso neles?

– Em altas doses, sim. Fazem qualquer coisa para consegui-lo. Em geral, eles não dão importância para quantidades pequenas, mas talvez a noite esteja devagar. Ou eles estão entediados. – MeninoLobo contrai o cenho. – Eu não deveria ter deixado que revistassem você.

Eu queria me estender sobre a mesa e colocar a mão sobre a dele, mas Lupe volta a tilintar através da cortina e, em vez disso, recolho minhas mãos no colo. Um aroma de carne e alho permeia o ambiente. O rosto de Lupe brilha por causa do calor da grelha.

– No que você está pensando? – ela pergunta abruptamente, colocando um prato à minha frente.

– Estou pensando que você tem uma porção de tralhas aqui.

Deus, isso não foi muito gentil. A mulher nos recebe em sua casa, nos dá comida e eu chamo os seus pertences de “tralha”. Por sorte, Lupe se limita a rir e se enfia no assento ao meu lado. Três à mesa fica apertado e nenhum de nós é pequeno. Coloco meus pés ao lado dos tornozelos de MeninoLobo, cutucando-o, mas ele parece não notar.

O *kebab* ocupa quase todo o prato, um rolo espesso de pão pita recheado com salada e carne pingando com o molho. MeninoLobo dá grandes mordidas como se não comesse há anos. Dou uma rápida olhada no seu prato, onde bocados de carne chamuscada caem do pão. Nenhum cru, pelo que posso ver.

Ele me pega olhando.

– Está cozido. Não sou um animal.

– Não pensei, sei que você não é. – Não consigo pensar em mais nada para dizer, então pego meu *kebab* e dou uma mordida. Está delicioso: salgadinho, crocante, recendendo a alho, tudo nas proporções corretas. O pão se desmancha em minhas mãos, mas pego os pedaços e continuo comendo. Não consigo acreditar em como estou faminta. Não conversamos enquanto comemos e Lupe parece gostar de ficar nos observando. Com comida no estômago, volto a me tornar humana.

Assim que termino de comer, lambendo os dedos e suspirando de satisfação, Lupe se endireita subitamente, mexendo nas contas vermelhas que estão em seu pescoço.

– Querida, o seu braço – Lupe novamente pega minha mão e estende o meu braço, de modo que a pele pálida da parte interna fique exposta. – Leio peles – ela explica. – É como ler mãos, mas, em vez disso, leio suas veias.

– Lupe – resmunga MeninoLobo, empurrando seu prato para longe. Seu rosto agora está corado e seus olhos voltaram a ter vida. Ele me olha. – Se você não quiser, não é obrigada.

Minhas veias mal estão visíveis.

– Já leram pra você? – pergunto a ele. Ele consente.

De perto, o rosto de Lupe é uma teia de linhas endurecidas de pó. Nunca leram a minha palma nem meu mapa astral e nunca estive numa médium. Não acho que se possa pedir que eles só leiam a parte boa e filtrem a ruim. Preciso acreditar que logo vão me acontecer coisas boas para compensar toda a merda que vem acontecendo nos últimos tempos.

– Você não deveria ter medo – diz Lupe. – Já estou vendo muita vida por aqui.

– Claro – respondo. De qualquer modo, não tenho que acreditar no que ela me disser. Talvez me diga que estou prestes a começar uma longa jornada, deixando todos os meus problemas para trás. E, se não disser, então sou bastante forte para me ater aos meus planos, não importa o que digam.

Lupe começa a bater levemente em todo o meu braço, com as pontas dos dedos.

MeninoLobo desliza pelo banco e sai da mesa.

– Espero lá fora.

Não consigo saber se ele ficou satisfeito ou nervoso quando concordei com a leitura do meu braço.

– É seguro? – pergunto. – Talvez você devesse ficar. Não me incomodo.

– Há um círculo em torno da *van* – diz Guadalupe. – Um círculo no qual ninguém pode entrar sem que eu concorde.

MeninoLobo se vira e nossos olhos se encontram antes de ele sair. A *van* se mexe conforme MeninoLobo sai. A porta fecha com estrépito atrás dele.

Dou a Lupe um sorriso nervoso, conforme me remexo no assento. O peso familiar da minha bolsa repousa sobre meus pés.

O rosto de Guadalupe relaxa, apenas seus olhos se mantêm alertas. Observo-a enquanto ela delinea contornos nos meus braços. É muito relaxante ficar sentada na cápsula rosa, com meus braços sendo acarinhados como se uma miniatura de patinador deslizesse sobre ele. Sinto minha respiração mais lenta e minha cabeça vazia.

dez

EXISTEM MUDANÇAS QUE SE INSINUAM lentamente em você e mudanças que o dilaceram, de modo que você nem mesmo saiba mais quem é. Quando visitei Lupe pela primeira vez, tinha sido destroçado. Estava tão assustado que pensava que minhas pernas não me levariam até lá. Tinha quatorze anos e ninguém sabia que a Escuridão já estava a caminho. Os carros ainda seguiam pela Avenida Saturnália e Cidade dos Órfãos era apenas um projeto habitacional abandonado.

Isso foi antes, quando o posto de gasolina ainda estava aberto com bandeiras de lonas dependuradas em torno do átrio, sacos de gelo no grande *freezer* do lado de fora e botijões de gás para alugar. A *van* de Lupe estava recém-pintada. Na escola, eu tinha ouvido todas as histórias a seu respeito: que era uma bruxa, que podia predizer o futuro, fazer com que coisas ruins acontecessem a pessoas que lhe tivessem feito mal, falar com os mortos.

Meus pais me alertaram sobre ela. Acho que eles tinham medo dela apenas por ser diferente. Minha mãe tem horror a mulheres gordas. Diz que elas perderam o autocontrole. Minha mãe nunca perde o controle de nada.

Agora ficou difícil eu me lembrar. Relembrar envolve ser capaz de me retratar há alguns anos e isso é quase impossível. Eu era esquelético e mal tinha uma insinuação de pelo no rosto. Durante semanas fui até a *van* de Lupe e mal falei com ela. Ia até lá cheio de propósitos, mas, quando chegava, eu congelava e terminava comendo meu *kebab* sob seu toldo, sentindo-me miserável por não ter culhões de dizer nada.

Por fim, talvez na minha quinta visita, Lupe me estendeu o troco e perguntou:

– Você quer mais alguma coisa, meu menino?

A pergunta me pegou de surpresa. O que eu queria? Queria que as coisas voltassem a ser como antes. Não. Antes era há muito tempo. Antes que eu parasse de falar com os meus pais, antes que Gram se mudasse e nós mal o víssemos, antes que ele e Ortie se separassem. Antes era quando eu tinha

dez anos e nós todos ainda vivíamos na mesma casa como uma família. Antes era impossível.

De fato, eu não sabia o que queria. Fiquei lá abrindo e fechando a boca como o menino idiota que era. Talvez eu quisesse saber por que aconteciam coisas ruins. Ou quando terminaria a dor.

No final, não tive que dizer nada. Lupe desapareceu da janela e destravou a porta. Sentei à sua mesa, meu braço esticado sobre o oleado cor de laranja. Naquela época sua *van* estava muito mais vazia. Ela leu meu braço em transe. Disse uma porção de coisas, das quais algumas eu não me lembro. De vez em quando tenho um *flashback* e me vem à cabeça algo que ela disse. Algumas coisas que então não significavam nada passaram a significar algo com o passar dos anos.

– Você precisa tomar cuidado para não se isolar – ela disse. – Não se aprofunde demais em você mesmo.

Provavelmente, ela queria dizer: não viva sozinho em uma casa grande, perambulando pelos cômodos vazios. Provavelmente, ela queria dizer: converse com seus amigos sobre coisas que fazem diferença, em vez de matar o tempo bebendo e ouvindo música.

Houve outras coisas. Ela disse que dentro de mim havia um ponto negro, um ponto cego; e que ficava preocupada que eu estivesse escondendo coisas dentro desse ponto, coisas que na verdade deveriam ser postas para fora.

Foi Lupe quem primeiro mencionou Gram.

– Seu irmão se foi, mas não para muito longe. Deixou este mundo, mas existem outros lugares muito próximos. Ele ainda consegue ver você. Ele sorri.

Eu poderia ter perguntado: “Por que ele fez isso? Como ele pôde me deixar? Por que é que ele estaria sorrindo agora, se estava tão infeliz antes?”.

Não acredito em paraíso, então é difícil acreditar naqueles outros lugares aos quais Lupe se refere. Mas talvez ela não tivesse se referindo ao paraíso.

Sento na traseira do *trailer*, usando o estepe como almofada. As luzinhas natalinas penduradas no toldo de Lupe penetram muito longe na escuridão e fazem um círculo perfeito em torno da *van*. Para além disso, há manchas

escuras nos locais em que as bombas de gasolina foram arrancadas, deixando buracos no concreto. Expiro, tentando soprar para longe a nuvem de lembranças.

Eu era outra pessoa, então.

Fico imaginando o que Lupe estaria dizendo para MeninaSelvagem agora.

Você vai se descobrir contando a verdade na van de Lupe. Era isso que eu deveria ter dito à MeninaSelvagem, antes mesmo de entrarmos.

onze

MENINASELVAGEM E EU VOLTAMOS PELA Avenida Saturnália sem pressa. O som de nossos passos ecoa por entre as casas. Lupe pôs uma proteção em nós antes de partirmos. Não perguntei como funcionava. Presumivelmente, passar pelos portões de Cidade dos Órfãos com um quilo de açúcar refinado ainda era difícil. Mas foi generoso da parte dela e me fez relaxar um pouco. Ela sempre sabe do que preciso, mesmo que eu não saiba.

– Divirtam-se – ela disse ao deixarmos a *van*. E, então, sussurrou com voz mais séria: – Fique perto dela.

MeninaSelvagem fica mais quieta do que o normal. Não a conheço há muito tempo, mas sei que ela não se incomoda em falar mais do que a boca. Gosto do fato de ela falar exatamente o que está pensando, mas agora sua cabeça está em outro lugar. Não vou lhe perguntar o que Lupe disse ou o que ela disse a Lupe. O que acontece em sua *van* é particular. Pensei que estivesse fazendo a coisa certa ao levar MeninaSelvagem para a *van* de Lupe, mas eu deveria saber que Lupe ia querer ler sua pele. Lupe quis ser gentil, mas ela não é uma pessoa de papo furado. Preciso tirar MeninaSelvagem de qualquer memória a que ela esteja presa e trazê-la de volta para mim.

– Hum, você quer ouvir algumas das teorias excêntricas?

– Que teorias?

– Você sabe, teorias para a Escuridão. Todo mundo tem uma.

MeninaSelvagem vira-se para mim e consegue dar um sorriso desbotado. Não pergunto.

– Claro.

– Aqui vai. O Armagedão já aconteceu, mesmo que ninguém se lembre dele acontecendo, e estamos vivendo no inferno. De todos os lugares da terra que Deus poderia ter escolhido para o inferno, escolheu Timidez.

Todos em Timidez conhecem essas teorias. Todos nós recebemos os folhetos. Todos ouvimos os megafones divinos trombeteando enquanto eles

circulam em suas *vans*. MeninaSelvagem está ouvindo, então continuo.

– A Escuridão é uma punição pelos nossos pecados. Por que apenas Timidez está sendo punida, ninguém consegue dizer. Acho que precisamos acreditar que os moradores de Timidez são mais pecadores do que todos os outros no restante da Cidade.

– Bom, eu não acredito em pecado nem em inferno, portanto nada disso funciona para mim.

MeninaSelvagem tem uma certeza absoluta sobre tudo, esta é outra coisa de que eu gosto nela. Há muitas áreas cinzentas em minha vida. Não posso garantir que o sol não se pôs por causa de alguma coisa que fiz de errado.

– O governo está tentando descobrir uma solução para o aquecimento global e eles escolheram Timidez como campo de provas. Eles acham que, se conseguirem manter a terra numa escuridão total por alguns anos, ela resfriará o suficiente para recompor o clima.

– Gosto dessa – diz MeninaSelvagem. – Sou adepta de qualquer coisa que envolva conspirações governamentais.

Esgotei minhas teorias. Paul conseguiu uma complicada, envolvendo escudos biorreagentes e *aliens*, mas, para ser honesto, mal consegui entendê-la. Mas acho que consegui trazer MeninaSelvagem de volta de onde ela estava.

– O que você quer fazer agora?

– Não sei. O que você quer fazer?

Talvez devêssemos fazer alguma coisa calma, por um tempo. Alguma coisa segura. Poderíamos ouvir música em minha casa. Será que soaria desagradável se eu sugerisse que fôssemos para a minha casa?

– Sabe o que eu quero fazer? Quero ir a algum lugar realmente cheio, com música alta e muita gente e quero dançar. – O rosto de MeninaSelvagem subitamente está com o brilho de um globo espelhado. Isso é que é recuperação rápida.

Não era o que eu estava esperando, mas se é o que ela quer, sei aonde ir. Se Thom e Paul não estão hoje à noite no Diabético, então com certeza estarão no PequenaMorte. Temos que passar novamente por Timidez em direção à Rua O’Neira. Mando uma mensagem de texto para Thom, pedindo que ponha nossos nomes na porta. MeninaSelvagem pensa que sou uma estrela de rock secundária em Timidez e detestaria desapontá-la. O

lado negativo de tudo isso é que vou ter que apresentá-la a Thom e Paul. Não tenho certeza de querer que ela conheça os meus amigos.

Passamos pela Agência Alibi de Quarrel e depois seguimos pela próxima rua à direita. Quando dobramos a avenida para entrar na rua do lado mais escuro, MeninaSelvagem volta a caminhar mais próxima de mim. Eu me abaixo e pego sua mão, esperando não voltar a suar de repente. Milagrosamente, ela entrelaça seus dedos nos meus, em vez de me afastar. Sei que ela agarrou minha mão antes, mas foi quando estava assustada. Isso não era tão difícil como eu pensei que fosse.

– Você acha que eles ainda estão lá?

– Quem?

– As coisinhas társias.

– Talvez.

Sem dúvida. Há uma pequena mancha escura num poste de iluminação próximo e um movimento rápido ou dois para cima e para baixo no alto de um telhado, do outro lado da rua. No entanto, duvido que MeninaSelvagem possa vê-los.

Ninguém sabe como os társios chegaram a Timidez. Não se pode encontrá-los em muitos outros lugares do mundo. Eles surgiram em torno da época em que os Moleques se organizaram, e desde então têm estado por aqui. Todos pensam que eles são inteiramente dependentes dos Moleques, mas não estou tão certo. Os társios são pequenos e rápidos e conseguem enxergar melhor do que ninguém ou do que qualquer coisa no escuro. Houve vezes que os társios pularam em pessoas sem que houvesse um Moleque à vista.

– Então, no final das contas, quem é o Doutor Gregory? – MeninaSelvagem para em frente a uma série de máquinas de vendas automáticas quebradas. Cigarros, água, óculos para visão noturna. Nenhuma delas funciona mais, exceto a da *Solução do Doutor Gregory*, que está acesa e intacta. A *Solução do Doutor Gregory* se assemelha a uma antiga cabine para fotos com uma cortina curta na entrada. Uma grande foto do onipresente doutor decora o lado de fora. Quatro dólares por cinco minutos.

– De novo o sujeito do cartaz. Quem é ele?

– É um cretino, isso é o que ele é.

– De que tipo? Existem de todos os tipos espalhados por aí.

Ela tem razão. O Doutor Gregory é um cretino muito específico. Construiu um império baseado na ansiedade. Finge que se importa, mas na verdade ele quer que as coisas continuem do jeito que estão em Timidez para continuar ganhando dinheiro.

– O Doutor Gregory acredita que todos os garotos têm um problema e é ele quem vai resolvê-los. Por um preço, é lógico.

– Bom, para ser honesta, os Moleques que conheci até agora estão meio fodidos.

– Nem todos são assim. O Doutor Gregory convence os pais de que seus filhos precisam passar por um tratamento com remédios caros para substituir o açúcar. Bebês, crianças pequenas e crianças mais velhas que não se juntaram às gangues, garotos que na verdade não têm problema. Eles ficam tão dependentes dos medicamentos do Doutor Gregory quanto ficariam do açúcar. E a coisa não para aí. Ele quer medicar *todo mundo* em Timidez, inclusive os adultos. Contra depressão, privações leves, um dia em que o cabelo não fica bom, qualquer coisa. Se fosse do jeito que ele quer, todos nós estaríamos à base de pílulas.

Uma vez, recebi uma carta do Doutor Gregory oferecendo-se para curar a minha “hipertricosse psicossomática”. Eu a rasguei e a atirei no lixo. Uma semana depois, esse cara engravatado apareceu na minha porta, prancheta em mãos, alegando estar fazendo uma pesquisa de mercado para o conselho local. Mandeí-o embora. Agora, apenas jogo as cartas no lixo sem lê-las.

MeninaSelvagem chega mais perto para ler o que está escrito em letras pequenas, ao lado da cabine. Um depoimento usado como *teaser*. Para ter a versão completa, é preciso pagar: livro, *e-book*, *podcast* ou DVD, faça a sua escolha.

– Então, o Doutor Gregory é um cogumelo?

– “Ele está mais para um cogumelo venenoso.”

– Quero entrar.

Solto um bufo. Era de se esperar.

– Olhe, para você isso pode não ser novidade, mas para mim é fascinante.

Não estou nem um pouco interessado em entrar na cabine do Doutor Gregory. MeninaSelvagem enfia a cabeça pela cortina. Sua mão puxa a minha.

– Ele faz lavagem cerebral nas pessoas...

MeninaSelvagem me arrasta para a cabine, antes que eu possa dizer qualquer coisa. Lá dentro, ela me empurra para o banco giratório e se senta no meu colo se inclinando para a frente para colocar moedas na fenda. A cabine não foi desenhada para duas pessoas. De repente, o Doutor Gregory se torna mais interessante.

– Somos pais preocupados ou jovens perturbados? – MeninaSelvagem pergunta. Não consigo, na verdade, falar com ela se contorcendo desse jeito, muito menos tomar qualquer decisão sensata. Inclino-me para trás antes de me ver em situação constrangedora.

– OK, somos jovens perturbados – ela decide sozinha e aperta outro botão. À nossa frente há dois alto-falantes, uma tela, um microfone e um tubo. Não adianta eu querer manter distância porque MeninaSelvagem se acomoda em mim conforme a tela bruxuleia à nossa frente. Só está faltando a pipoca.

O Doutor Gregory está sentado num banco de praça em frente a um cenário de papelão que pretende lembrar um *playground*. Seu jeans tem a cintura tão alta que roça seus mamilos.

Alô! Agradeço a visita. Sou o Doutor Gregory. Por favor, toque na tela para fazer um teste de diagnóstico.

– O que você quer? – MeninaSelvagem lê em voz alta as bolhas animadas que flutuam em torno do médico. – Maus Pensamentos, Más Ações ou Más Notícias.

– Maus Pensamentos – MeninaSelvagem é macia, quente e pesada junto a mim.

As luzes diminuem levemente e um único fecho destaca o rosto do Doutor Gregory bronzeado com spray.

Por favor, responda honestamente às seguintes perguntas, dizendo suas respostas com uma voz clara. Você constantemente sente raiva e se descontrola?

– Sim! – MeninaSelvagem pula para cima e para baixo. – As duas coisas ao mesmo tempo.

Você sempre acha que está só no mundo e que ninguém se importa com você?

– Ah, sim, constantemente – concordo, entrando no espírito da coisa. Não é tão difícil. O entusiasmo de MeninaSelvagem é contagiante.

Você costuma roubar coisas sem saber por quê?

MeninaSelvagem joga os braços para cima, quase batendo em meu rosto:
– Só corações, *baby!*

Não posso discutir com ela quanto a isto. O Doutor Gregory se inclina para a frente com uma expressão penetrante em seu rosto alaranjado. Ele realmente está se saindo bem nisso.

Você costuma ter pensamentos estranhos que o deixam perturbado?

– Tenho – eu digo. – Tenho sentimentos estranhos em relação a cabras.

MeninaSelvagem ri baixinho.

Não entendi essa resposta. Por favor, repita com voz clara.

– Sim, doutor – diz MeninaSelvagem. – CABRA. AMOR.

O Doutor Gregory nem ao menos pisca. Acho que a bestialidade não faz parte da sua linha de negócios.

Você tem muito medo do futuro?

Esta é fácil demais.

– Tenho muito medo do seu jeans – resolvo soltar.

MeninaSelvagem ri tanto que quase cai no chão. Sua risada é mais como um resfolego, e é o som mais lascivo que já ouvi.

Obrigado por completar o teste. Por favor, pegue seu diagnóstico.

Um pedaço de papel sai pelo tubo.

Você tem uma perturbação limítrofe de personalidade. Precisa procurar a Clínica de Bem-Estar do Doutor Gregory para um tratamento imediato. Para frequentar a Clínica, não é necessária uma autorização dos pais. Dê o primeiro passo para a sua nova vida.

Há um tilintar de piano e depois uma mulher gorjeia: “O Doutor Gregory se Preocuuuuupaaaaaaa!”.

– Nossa – eu digo –, estamos mesmo fodidos, não é?

Estou pensando em bilhões de maneiras de distrair MeninaSelvagem para que possamos continuar na minúscula cabine. Ela se vira para me encarar.

– Frequentei um psiquiatra por um tempo – ela diz, do mesmo jeito que alguém poderia dizer: “O que você está achando da Lua hoje?”. – Minha mãe me obrigou.

Noto, pela primeira vez, que ela está usando esse interessante colar feito de penas brancas amarradas juntas. Isso significa que estou olhando para baixo, quando deveria estar olhando para cima. Olho para cima.

– Por quê?

– Ah, alguma coisa quanto ao fato de eu não ter amigos.

– Como foi?

Adoro que MeninaSelvagem me conte esse tipo de coisa na lata, como se não tivesse importância. Mamãe e papai tentaram me fazer consultar-me com alguém depois que Gram morreu, mas recusei. Lupe estava logo ali dobrando a esquina, caso o meu dia estivesse pesado.

– Foi bom – ela morde o lábio inferior. – Mas não funcionou, porque as coisas estão piores do que nunca.

Posso ver cada detalhe de seu rosto. Ela tem um cílio caído em uma bochecha, mas se eu passar a mão vai parecer o pior tipo de clichê. Acho que ela quer dizer mais coisas, mas posso estar enganado. Talvez seja minha vez de dizer alguma coisa.

– Você está se referindo à escola? – pergunto por fim. – As coisas estão piores do que nunca na escola? Ou em casa?

MeninaSelvagem não parece me ouvir.

– Seus dentes – ela diz, com um engraçado sorrisinho – são grandes como lápides. – Fala isso de um jeito que sei que não é de um ponto de vista negativo. É como se falasse: “Isso é tudo que vou dizer por enquanto”.

Há uma pausa tão grande que não posso deixar de pensar como seria me aproximar e beijá-la, mas, se estiver interpretando os sinais errado, estarei prestes a destruir a melhor parte que tivemos em toda a noite. Já se passaram dez minutos desde a última coisa estúpida que disse ou fiz. A decisão escapa das minhas mãos quando meu celular toca alto. MeninaSelvagem ri. Saco o celular do bolso da minha camisa e é Thom. Ele conseguiu. Eles estão no PequenaMorte. Estamos dentro.

12

SOU O RETRATO DA DESPREOCUPAÇÃO. Uso muito essa aparência quando entrego autorizações falsificadas na escola, quando chego em casa com três horas de atraso, quando estou vadiando pela internet no trabalho, em vez de ligar para clientes, e quando finjo ser mais velha do que realmente sou. Usei essa mesma máscara na escola hoje, fingindo que não me importava, enquanto o tempo todo eu sentia como se minhas tripas tivessem sido sugadas para fora.

Apoio-me no balcão, o que é um grande erro porque os descansos para copos neste clube estão muito encharcados, daria para cultivar grama neles. O balcão é uma grande laje de concreto instalada no alto, de modo que o *barman* se eleva sobre mim.

– Quero uma vodca com framboesa e uma cerveja, por favor – remexo minha carteira.

Claro que eu sei exatamente como vou pagar – com o cartão que está no meu bolso –, portanto não há necessidade de remexer a carteira, mas é melhor se manter ocupada quando não se sabe se vai conseguir ser servida ou não.

O *barman* suspira e coloca ambas as mãos no balcão. Seu cabelo preto espetado lembra o de uma calopsita.

– Não tenho framboesa. Posso lhe dar vodca pura ou com refrigerante. Que cerveja você quer?

Da maneira como fala você pensaria que ele está servindo drinques há centenas de anos, em vez de apenas há algumas horas. Como se eu soubesse que cerveja MeninoLobo quer. Ou que cerveja eles servem em Timidez.

– Você não tem tônica? Ou suco de laranja?

– Somos estritamente não sacarose aqui, *baby*.

Não gosto de seu rosto metido. Não sacarose? Que seja. De qualquer modo, não preciso de outro drinque. A noite toda vai ter sido um

desperdício se eu acordar amanhã e não me lembrar de nada. E se cruzarmos de novo com alguns Moleques, quero estar alerta e não bêbada.

– Então, só uma soda pura, *coração* – detesto ser chamada de *baby*. Pesco o cartão no meu bolso. – Qualquer cerveja, tanto faz.

O *barman* sai irritado e eu me encosto ao balcão, girando o cartão nas mãos. O clube é uma impressionante caverna subterrânea com paredes de pedra e chão de concreto que ficou lustroso por milhares de pés. O salão principal tem um palco, uma pista de dança e um bar, mas há vãos e passagens por tudo quanto é lado. A extremidade do salão principal está separada de um vazio extremamente negro por um alambrado. Suportes de metal carregados de luz abarcam o teto. O ar vibra com um barulho distorcido. É difícil dizer o que é sombra e o que é uma pessoa real, viva, respirando. Uma menina alta com cabelos bem brancos roça em mim ao passar. Está vestindo uma meia-calça preta como *top*, cruzando o material elástico sobre os ombros e o peito e amarrando as pontas em torno da cintura. Vou ter que me lembrar do truque, fica incrível!

MeninoLobo continua do outro lado, perto da porta, onde é mais claro, mergulhado numa conversa com dois caras.

– Senhora, paga uma bebida pra mim?

Alguém puxa a minha camiseta. Quem está falando é um menino muito pequeno com rosto de velho ou um velho muito pequeno com voz de menino. Ele sorri de um jeito cativante. Ou teria sido cativante se lhe sobrasse algum dente.

– Paga uma bebida pra mim?

– Eu pareço uma irmã de caridade?

– Ah, vamos lá – o homem-criança usa um boné de golfe que não esconde sua pele com muitas rugas doentias em torno da boca. Ele está usando calças *baggy* e um colete que o faz parecer um figurante de *Oliver Twist*.

– Já não passou da hora de você ir dormir?

– Você pode pagar – ele aponta o cartão do banco. Imediatamente curvo os dedos em torno dele e o seguro firme de encontro ao estômago.

– Caia fora. Vá incomodar outra pessoa.

O homem-criança me olha sem expressão e depois se retira furtivamente. Pisco. Os mendigos não são muito insistentes em Timidez. Eu estava preparada para ter pelo menos mais dois *rounds* com ele.

– Sete e cinquenta.

Cerveja espirra contra minhas costas e viro o rosto para o bar. O *barman* está com a mão esticada para receber. Entrego o cartão. Ele olha o cartão, vira-o do outro lado.

– Não tem nome.

– É um cartão de empresa. – É isso que Neil diz quando nos paga um almoço. Sou boa para reações rápidas.

O *barman* acena satisfeito. A máquina chia e imprime um recibo. Não foi um golpe de sorte no mercado negro, o cartão funciona de verdade.

– Aqui está, moça.

O *barman* está agindo estranho, sua arrogância foi substituída por um respeito invejoso. Tudo por causa de um cartão de crédito estúpido que nem é meu. Assino o recibo, enfio o cartão no fundo do bolso do meu *shorts* e pego as bebidas. O *barman* colocou os copos em bolachas de papelão decorados com o nome do clube: PequenaMorte. Pego um como lembrança.

O DJ troca para uma música mais pesada enquanto cruzo a pista, tentando não derrubar as bebidas. O som grave arranha minha garganta e pressiona meu peito. Os dentes de MeninoLobo brilham conforme forço por entre a multidão em direção a ele. Seus olhos sorriem para mim. Os dois garotos que estão com ele olham quando lhe estendo a cerveja. MeninoLobo estende um braço casualmente sobre os meus ombros. Fico imaginando o que ele terá dito a meu respeito. Desconfio que seja um bom sinal o fato de não estar envergonhado por ser visto em público com o braço ao meu redor.

– MeninaSelvagem, este é Thom – ele indica o garoto com uma jaqueta militar e depois o mais baixo, que parece ainda mais jovem do que eu. – E Paul. Nós todos frequentamos a escola juntos. E eles fazem parte da banda.

Estendo a mão para os dois. A pegada de Thom é tão firme quanto a de Paul é flácida.

– Então, isto aqui está mais próximo do que você queria? – MeninoLobo me pergunta.

– Está – respondo. – É muito melhor do que o último lugar.

– Cara, não sei por que você gosta de ir ao Asa de Corvo. – A voz de Paul é tão aguda que fica difícil não rir.

– O que posso dizer. Gosto de sofrer.

– Você perdeu a última noite. A apresentação de Feldspar. Rick Markov estava lá. Thom conversou com ele.

– Ele não está interessado em amadores como nós. – MeninoLobo bebe metade da cerveja de uma vez. Seus dedos batucam no meu ombro. Duas meninas estão paradas, próximas à pista de dança. Uma delas está com certeza olhando para MeninoLobo e cochichando no ouvido da amiga. O público daqui está mais próximo da minha idade, mas todos também estão vestidos de preto. É bobagem eu ficar tão preocupada em me enquadrar aqui. Gosto de parecer diferente de todos os clones de Southside, então, eu deveria apenas levantar a cabeça e usar meu *top* rosa com orgulho. O *look* gótico não me cai bem de jeito nenhum.

– Então, onde ele descobriu você? – Thom vira-se para mim. Já decidi que não gosto dele. Tem uma boca carnuda e molhada que faz com que tudo que fale soe sujo. E está estufando o peito para que eu admire sua camiseta, que traz o nome de alguma banda da qual nunca ouvi falar.

– Você não quer dizer, onde *eu* o descobri? – Gostaria de poder me afundar na apinhada pista de dança onde as pessoas não vão olhar para mim. Mas Thom não vai desistir tão fácil. Por uma fração de segundo fico em pânico de que ele tenha visto a foto. Mas isso não é possível.

– Você é da cidade? – Thom pergunta, e me esquece no instante seguinte. – Jeth, ele está aqui. Rick Markov!

Todos nós olhamos para onde Thom aponta. Não consigo ver nada, mas os outros parecem ver exatamente quem ele diz.

– Conte para ele sobre este lugar e ele disse que viria, mas, bom, eu não pensei que viesse mesmo.

A frieza cuidadosamente mantida por Thom se esvai como se nunca tivesse estado ali.

– Vamos, Jeth. Ele quer conhecer você.

– Não, cara. Vou ficar aqui e deixar o tempo passar. – MeninoLobo acena com a cabeça rapidamente em minha direção. Ele pensa que eu não o vejo, mas acredite, reparo *em tudo*. Aquele gesto me faz sentir melhor. Ele ficou tão nervoso depois que os Moleques nos assaltaram que eu acho que ele está querendo me mandar para casa.

– Você passa o tempo todo com a gente. Não tenho mais nada para lhe dizer, mano.

– Bom, não tenho nada a dizer a Rick Markov.

– Você vai deixar passar esta oportunidade porque uma gostosa está lhe dando um pouco de atenção?

Os olhos de MeninoLobo não desgrudam dos meus, conforme Thom o arrasta para longe. *Desculpe-me* e *Eu prometo* eles parecem dizer, mas poderia ser apenas um desejo. MeninoLobo é mais alto do que Thom e facilmente poderia vencê-lo numa briga, mas é evidente quem é o chefe no trio. Sei quem é Thom. É o garoto popular por ser bom em alguma coisa considerada importante como esporte ou guitarra, mas que permanece popular principalmente por ser o fodão em um campeonato de menor importância.

Thom e MeninoLobo se sentam no outro lado do salão, em uma sala reservada cheia de gente. Paul e eu ficamos sozinhos, em pé junto à parede. Olho em torno do clube lotado, sentindo-me abandonada. Só conheço MeninoLobo há quanto tempo? Umas duas horas, no máximo, mas ele já é minha boia de salvação neste lugar estranho. Isso não está certo. Tenho que ficar mais forte. Eu posso me aventurar sozinha nesse grande clube louco. MeninoLobo já fez mais do que podia para me ajudar a esquecer meus problemas.

– Produtor – resmunga Paul, olhando para o seu copo –, um produtor musical da pesada.

Há uma pausa. Tomo minha soda e coloco o copo no chão, mudo minha bolsa para o outro ombro e olho para os meus pés. Paul não parece estar vibrando muito por ter sido deixado sozinho comigo, mas talvez ele apenas esteja puto porque seus amigos o abandonaram para falar com alguém importante.

A Índia foi apenas uma história para MeninoLobo, o primeiro país que me veio à cabeça. Já tirei um passaporte, pronto para o momento em que eu finalmente tiver economizado bastante dinheiro para ir embora. Qualquer lugar, contanto que não seja Plexus. Posso aguentar os nomes que dão para mim e os sinais que colocam no meu armário, além de sentar sozinha na hora do almoço, mas isso? Isso não é algo com que eu saiba lidar. Atravessei o dia, mas nunca mais vou voltar para lá.

Contei tudo a Lupe. Eu não pretendia contar, mas, assim que ficamos sozinhas, de uma hora para a outra eu quis.

Foi difícil explicar.

Lupe não tinha ideia de como funcionava o *e-mail* ou o Photoshop. Tive que explicar como algumas garotas da escola haviam feito uma foto minha com aquele cara que eu nunca tinha visto na vida. Que o meu rosto estava

virado para a câmera como se o fotógrafo tivesse me pegado no ato, meu *top* desamarrado e minha saia suspensa em torno da minha cintura. E como não dava para você ver a colagem, não dava para dizer que elas tinham grudado minha cabeça no corpo de outra pessoa. Até eu achei que parecia de verdade.

E, então, elas mandaram a foto para todos os meus colegas de classe. E não só isso, havia outros nomes no campo de endereços que não reconheci, meninos, meninas, outros anos, outras escolas. Isso não é tão interessante para passar para a frente. Agora, centenas de pessoas provavelmente já viram isso. Talvez mais. Não tem como eu dizer para cada um que a menina na foto não sou eu.

Fiquei envergonhada de contar a história para Lupe como se eu tivesse mesmo feito alguma coisa errada. Conteí tudo para ela, menos sobre o cartão e meu plano de fugir. Não queria que ela dissesse o tipo de coisa que os adultos dizem, como: “Sua mãe não vai morrer de preocupação quando você a deixar?”.

– Então, hum, você vem muito aqui?

Tenho que piscar várias vezes para me trazer de volta ao local barulhento. Paul está olhando para mim. Não tenho certeza se é por eu ser uma garota ou por não ser daqui, mas toda a sua vivacidade anterior sumiu. Seus olhos castanhos estão ansiosos por detrás de seus óculos redondos.

– Não. É bom, estou gostando.

– PequenaMorte é legal. Umbra também não é ruim, mas por alguma razão nós sempre terminamos aqui.

Logo quando eu estava pensando que viver em Timidez significava estar sempre assustado, deprimido ou vivendo com medo dos macacos assaltantes, aparece um lugar cheio de gente se divertindo. E o melhor é que ninguém aqui me conhece.

– Aqui está sempre aberto? Quero dizer, se é sempre noite como é que se sabe quando se deve ir embora?

– Aqui nunca fecha, mas existem momentos calmos e momentos agitados. Parece que as pessoas sabem. Quero dizer, em Timidez existe um ritmo, mas demora um pouco para ser sentido.

– Acho que ainda não sinto. – O único ritmo que consigo sentir é o pulsar da música embebendo a minha pele, se espalhando pelos meus dedos, nas mãos e nos pés. Logo precisarei dançar. Paul tem os sapatos mais incríveis:

mocassins de verniz preto, presos com fivelas no formato de morcegos. Eles são o oposto do seu jeans surrado e da camisa para fora da calça.

– É bom ver MeninoLobo saindo com uma menina. – Paul olha para onde Thom e MeninoLobo estão sentados com o rapaz da gravadora.

– O que você quer dizer?

Dois círculos rosa aparecem em suas faces. Acabou de perceber que deveria fazer com que MeninoLobo parecesse um garanhão.

– Dá para ver que ele está se divertindo, quero dizer. Às vezes, eu acho que ele nunca quer se sentir bem, não depois que seu irmão morreu. É como se ele estivesse tentando se punir não se permitindo ser feliz.

Seu irmão.

Ortolan costumava sair com o irmão de MeninoLobo.

E agora ele está morto.

Mais pessoas entraram e não consigo ver MeninoLobo. Eu me sinto mal e triste por ele ter perdido alguém tão próximo. A estranha vibração do Asa do Corvo faz mais sentido agora, ajuda a entender por que Ortolan estava tão triste e MeninoLobo tão desconfortável.

– Claro – respondo. E depois fico quieta. É um truque que aprendi com o psiquiatra. Para que as pessoas falem, você tem que ser uma parede branca e vazia onde elas queiram pintar suas histórias. Sem julgamento, sem reação ou curiosidade.

Paul se reclina contra a parede, em um ângulo desconfortável. Seu copo está vazio, então deduzo que ele deva estar com vontade de conversar.

– Gram era como um deus para todos nós – continua Paul. – Ele era, você sabe, bonito, simpático pra danar, se dava bem com todo mundo. Ele e Ortie formavam o casal mais incrível. Mesmo antes de eu me interessar por garotas, costumava olhar aqueles dois e pensar: eu quero isso. Um dia, é isso que vou querer.

– Imagino que isso faça com que o que aconteceu seja ainda mais triste. – Sinto meu caminho, à medida que avanço.

– Ele nunca superou aquilo – diz Paul, empurrando seu cabelo desleixado para trás. Ele tem a aparência de quem se queimou demais no sol. – Não sei por que trouxe isto à tona. Estou bêbado.

Fico desesperada para ouvir mais, mas não quero pressionar. Paul está meio chapado e Timidez está novamente me deprimindo.

– Seu rosto ficou todo vermelho – digo a Paul.

– É uma característica asiática. Sempre acontece isso quando bebo.

Olho de soslaio, mas, por mais que eu me esforce, não consigo ver que porra MeninoLobo está fazendo naquele camarote. Sinto gratidão por Paul, que me deu mais peças para montar o quebra-cabeça de MeninoLobo. A música está mais alta e rápida do que nunca, batendo contra as pedras das paredes. O tipo de música com a qual você pode se soltar. Eu e Paul podemos nos divertir sozinhos um pouco.

– Vamos dançar – digo, agarrando-o pelo cotovelo.

treze

PERCEBO QUE ESTOU SEM ISQUEIRO, quando sento com Thom e Rick Markov e todas as suas inúmeras amigas. Costumo brincar bastante com o isqueiro. É um ponto de apoio, do mesmo jeito que outras pessoas roem as unhas ou estalam os nós dos dedos. Às vezes, fico abrindo e fechando a tampa, outras vezes eu o deixo na minha mão, me ancorando.

Tateio mais uma vez ambos os bolsos do meu jeans. Vazios, exceto pela carteira e pelas chaves. No bolso da minha camisa está meu celular e nada mais. Thom zumbe ao meu lado falando sobre nossas (suas) influências e nossa inexistente filosofia musical. Rick Markov mal parece estar acordado, quanto mais ouvindo. O tempo todo que Thom fala, Markov acaricia a perna da mulher ao seu lado.

Não posso mais ficar sentado aqui. Levanto-me, evitando os olhos de Thom e me arrasto para fora do camarote. Alguém bate na minha bunda conforme saio e uma mulher gargalha.

Eu estava com o isqueiro no mercado negro. Depois de usá-lo eu o pus de volta no bolso como sempre. E, então, encontramos os Moleques. Não é difícil imaginar o que aconteceu. Provavelmente, foram o menino e a menina que estavam atrás de nós. Eles podiam estar se fingindo de drogados para que não os levássemos a sério. Já aconteceu antes. Nunca se deve deixar os Moleques fora da vista enquanto estão roubando. Eu estava muito ocupado, preocupado com a segurança de MeninaSelvagem, para me lembrar das regras básicas.

Procuro pela parte mais escura do salão, perto do alambrado e do túnel de metrô inativo. Contorno o canto e ando além do final da cerca. A borda continua por menos de dez metros e termina. Um casal indistinto está se atracando no final da estreita plataforma. Eu os ignoro e sento em um bloco de concreto que dá para o abismo.

Ortolan deu o isqueiro a Gram em seu aniversário de dezoito anos e ele tem as iniciais dos dois gravadas na base, em letras minúsculas que

ninguém nota. Aquele isqueiro é a única peça que me restou de Gram. Logo depois que ele morreu, mamãe tirou todas as coisas dele que ainda estavam guardadas na garagem. Algumas deu para caridade, o restante ela jogou fora. Imagino que também tenha ido até o apartamento de Gram e feito a mesma coisa. Guardou apenas um punhado de fotos e o isqueiro, que ela me deu quando meu pai não estava por perto. Foi estranho ela fazer isso, já que era tão contra o fumo.

O túnel não tem uma só luz. Ocasionalmente passa uma leve rajada de ar frio. Tenho certeza de que o casal começou a tirar algumas peças de roupa, mas não me incomoda. Eu deveria estar louco de raiva, fazer alguma coisa, jurar vingança ou morte aos Moleques que roubaram meu isqueiro, mas estou morto por dentro. Sinto-me tão pesado que não me surpreenderia se nunca sáísse deste lugar, se eu mesmo me transformasse em concreto.

Não sei há quanto tempo estou sentado aqui quando começo a pensar se MeninaSelvagem está se virando bem sozinha. Forço-me a me levantar e voltar para o salão principal. MeninaSelvagem não está próxima à entrada, onde a vi pela última vez, com Paul. Ando pelos cantos do clube com um gosto amargo na boca. Não devia ter deixado Thom me raptar. Provavelmente, ela está furiosa.

Finalmente, eu a avisto na pista de dança, no centro da vala dos corpos. Ela dança com cada parte do corpo, os olhos estão fechados e o cabelo balança conforme ela se contorce, pula e gira. Ela ofusca todos os outros na sombra.

Paul pula próximo a ela, do seu costumeiro jeito contraído, ocasionalmente batucando com a boca, o cabelo grudado sobre o rosto. Ambos estão rindo e girando os braços. Parece que eu não deveria me preocupar.

Espero e assisto, escondido em uma floresta de pessoas. Dá para ver que MeninaSelvagem não está dançando para as pessoas à sua volta. A música percorre seu corpo como eletricidade. Meu mal-estar diminui um pouco enquanto a olho. Ela é uma coisa boa na minha noite.

Depois de um minuto, escorrego por trás dela, colocando meu rosto junto ao seu pescoço morno. Ela cheira a baunilha e cerveja. Por um segundo acho que vou lambê-la, da curva do seu pescoço até seu ouvido.

Em vez disso, digo em seu ouvido:

– Sinto muito – digo a ela, desculpando-me por deixar Thom me arrastar, e também por pensar em lamber seu rosto.

MeninaSelvagem dá meia-volta, mas não para de dançar e não recua. Ela segura meus ombros e se sacode na minha frente. Parece contente em me ver.

– Você tem que parar de pedir desculpas! – ela grita. Sua testa está úmida de suor.

Não sou muito de dançar, pelo menos até tomar um drinque ou dez. Mas pensar em dançar é melhor do que pensar no isqueiro. Chego mais perto de MeninaSelvagem, tentando combinar meus movimentos com os dela, tentando sentir a batida, rezando para que, de algum modo, meus pés façam a coisa certa. Às vezes, quando estou tocando guitarra, tudo o mais desaparece e toco sem pensar no que meus dedos estão fazendo. Sei que este também é o truque para dançar, mas nunca consigo chegar a isso.

Paul me nota com surpresa na pista de dança e depois vira as costas para nós, discretamente.

– Sinto muito ter deixado você sozinha.

– Tudo bem. Seu amigo Paul é legal, tivemos uma boa conversa.

Esta é a primeira vez que ouço as palavras “Paul” e “legal” usadas na mesma sentença.

– Sobre o que vocês conversaram?

– Ah, nada demais. Ele só estava se gabando de como Os Piscadas Longas são a melhor banda de todas e como vocês vão dominar o mundo.

Dominar o mundo soa mais como uma viagem de Thom, mas é verdade que tanto ele quanto Paul veem mais futuro na banda do que eu. Se tivesse que escolher com qual dos meus amigos eu deixaria MeninaSelvagem sozinha, Paul seria a escolha óbvia. Thom pode ser um pesadelo, achando que tem de impressionar todo mundo que atravessa o seu caminho. E piora, quanto mais ele bebe. Não há dúvida de que ele estava tentando olhar para dentro do *top* de MeninaSelvagem há pouco.

– Quer saber a verdade? – Ponho minha mão na parte de trás do seu pescoço, pousando meus dedos sobre os nós de sua coluna. – Somos ruins. Não consigo cantar afinado, Paul não consegue manter o ritmo e Thom mal sabe tocar três notas. Não vamos dominar nada. Fazemos isso para passar o tempo.

– Mas você está achando graça nisso. – MeninaSelvagem me olha por debaixo de suas pálpebras verde cobra. Você poderia pensar que confessar o quanto sou um caso perdido para a garota que estou desesperado para impressionar me faria querer voltar para casa e bater a cabeça na parede, mas, ao contrário disso, sinto alívio. Uma precipitação quente e fria corre dentro de mim.

Uivo.

Uivo para o teto como um pneu aquecido fazendo acrobacias em círculos, cheio de guinchos. Uivo como uma sirene de um ataque aéreo com os braços bem abertos. Uivos são como canções. Eles não podem ser convocados, simplesmente acontecem. Surgem de um lugar que eu mal conheço. E, então, algo mais vem à superfície, algo negro, pontiagudo, algo do fundo. Imagine todas as suas piores sensações surgindo. Imagine todos os seus piores medos vindo à tona. Imagine-se cuspiendo lâminas de barbear. Imagine-se não sendo capaz de impedir que a dor apareça e não sabendo quando ela vai terminar.

MeninaSelvagem ri e uiva para o teto. Ela não ouve as lâminas de barbear no meu uivo. Todas as pessoas à nossa volta estão rindo, batendo palmas e golpeando o ar. Minha garganta arde. Sempre sinto isto: dor e alívio ao mesmo tempo.

Puxo MeninaSelvagem para mim, para encobrir o tremor que sinto de repente e o fato de que eu possa chorar.

– É por isso que vocês não vão embora, não é?

– Por causa do quê?

– Disto! PequenaMorte, as pessoas daqui, é ótimo. Consigo entender por que você não sai de Timidez, não vai viver em outro lugar.

– Atravessei Panwood durante o dia no último verão. – Não quero que ela me olhe muito de perto, então ponho a boca junto ao seu ouvido. – E pensei que ia derreter, a luz era muito viva!

As verdadeiras razões de eu não deixar Timidez, de ficar preso aqui como um bloco de concreto, de não conseguir sair, são tantas que eu não saberia por onde começar. Será que eu me conheço? Encosto o rosto no cabelo de MeninaSelvagem e depois sobre o seu ombro. Vejo uma coisa que me faz morder o lábio com tanta força que sinto gosto de sangue.

O Elfo está parado do outro lado da pista de dança, olhando para mim de um jeito que não gosto. Seus olhos abrem um caminho direto através da

multidão. Pisco várias vezes antes de aceitar que ele está de fato aqui. O que mais ele quer de mim? Olho para o teto e para os nossos pés. Alguém me disse uma vez que PequenaMorte tem um telhado eletrificado para impedir que os tásios desçam até aqui, mas não custa conferir. Não há nenhum outro Moleque na pista de dança, mas ainda assim puxo MeninaSelvagem para fora. Todos os instintos me dizem para colocar algum espaço entre mim e o Elfo. Não pense. Apenas mova-se.

– Qual é o problema?

– Moleques – digo a ela. Suas sobrancelhas se erguem. Ela tenta ver por sobre a multidão.

– Onde? São os mesmos?

Faça com que ela continue andando.

– É o Elfo.

– Como ele entrou? Ele não é jovem demais?

– Provavelmente, pelos fundos. Vamos.

Thom está conversando com uma menina na beirada da pista, mas abaixo a cabeça e continuo andando. Rick Markov ainda está sentado no camarote, cercado pelo seu grupo e uma mesa cheia de garrafas e copos vazios. Na extremidade do salão há um túnel curto com salas saindo dos dois lados. Olho para trás para ver se o Elfo está nos seguindo, mas seu cabelo loiro ainda é visível na pista de dança. Será que ele nos seguiu todo esse tempo ou alguém lhe deu a dica?

Viramos à esquerda no final do túnel. Puxo a cortina da primeira porta para o lado, para que MeninaSelvagem entre. Um bocado de fumaça escapa.

– Bem-vinda à Terra dos Sonhos. Ninguém vai nos incomodar aqui.

A máquina de fumaça está regulada no máximo e raios *laser* arremetem por entre o nevoeiro. Mesmo com minha visão acentuada, é difícil enxergar bem. Um lugar de ilusões, bem de acordo com o gosto dos Sonhadores e um bom lugar para se esconder. Em algum ponto por aqui há uma banda tocando improvisos alucinados e depressivos, com guitarras se retorcendo. O rock-sonhador não é alto ou raivoso o bastante para o meu gosto, mas, às vezes, não me incomoda em ouvi-lo. Levo MeninaSelvagem para o outro lado da sala.

Lá há um sofá vazio em meio à névoa, junto ao pilar. Nós nos sentamos e MeninaSelvagem olha todo mundo com uma cara extasiada. Tenho notado

que ela tem a capacidade de compreender tudo ao seu redor como se nada mais existisse.

Um rapaz sentado perto de nós no chão não consegue impedir que o queixo se afunde e sua namorada já assumiu a posição fetal próxima a ele. Para além deles, um grupo de Sonhadores dança, os braços e as pernas esticados, parecendo um filme projetado numa velocidade errada. Atrás deles, há o cintilar prateado de um conjunto de percussão e um bar no canto ao fundo. O *barman* está recostado na parede de braços cruzados, entediado. Os Sonhadores não são muito de beber.

– Terra de Node – sussurra MeninaSelvagem.

– PequenaMorte é diferente. Aqui você encontra todo tipo de gente: sonhadores, fantasmaniks, necromentes, todos. Não tem segregação como em outros lugares.

MeninaSelvagem relaxa no sofá. Eu também me afundo bem, olhando para ela. Eu forço para abrir minhas mãos. Nossos rostos estão a apenas centímetros de distância. Tudo para a nossa volta, sozinhos na sala, envolvidos pela fumaça.

– Até do seu tipo?

Meu tipo.

– Na verdade não. Vi algumas pessoas em Timidez que se parecem comigo, talvez duas ou três, mas todas elas são menos... diferentes do que eu.

MeninaSelvagem mantém minha mão presa entre as dela. Ela enfia os dedos entre os pelos grossos das costas da minha mão.

– Quando eu vi você pela primeira vez – ela diz –, soube que você não seria como ninguém que eu conhecia.

– Eu não escolhi isso. Não como os Sonhadores. Eles escolheram ser assim.

E se quisessem poderiam voltar ao que costumavam ser. Não acredito que haja alguma maneira de eu poder voltar do ponto onde estou.

– Tenho esta aparência e ajo diferente, sem que saiba o motivo. Eu uivo e meus sentidos estão mais aguçados do que nunca. Nunca tenho frio e posso abrir garrafas de cerveja com os dentes. – Esta última característica impressiona Thom de verdade. Constantemente ele me expõe em festas para que as pessoas vejam.

– Quando foi que isso aconteceu?

– Aos poucos. Como a Escuridão.

Não me sinto diferente por dentro. Ou se sinto, é difícil dizer – por aqui tudo está tão complicado que não tenho ideia de quem eu seria em um lugar normal, com pessoas normais.

– Você ainda não me contou tudo. Nem chegou perto.

MeninaSelvagem fica maravilhosa sob essa luz, bronzeada e sobrenatural.

– Levaria toda a noite – respondo.

– Nós temos toda a noite.

Não posso argumentar contra isso. Por alguma razão, acho mais fácil conversar com MeninaSelvagem do que com outras pessoas. Olho para as nossas mãos. Estou finalmente entendendo que ela está mais interessada em mim do que em Timidez. Ela é mais do que eu mereço.

– Você parece mesmo diferente. Você é diferente. – MeninaSelvagem fala como se suas ideias estivessem se formando à medida que ela prossegue. – Acho que nós gostamos da atenção que atraímos com a nossa aparência, mas, ao mesmo tempo, detestamos isso.

Talvez. O fato de ter uma aparência diferente me mantém de fora e isso é tanto ruim quanto bom. É bom para conseguir bebidas de graça. É ruim por sentir que ninguém entende o que estou passando.

– Quero que as pessoas olhem para mim – ela continua. – Quero dizer, eu me visto de uma maneira que faz com que eles me olhem, mas, quando de fato olham, eu tenho raiva deles. Isso é loucura?

Um pouquinho.

– Isso significa que você tem raiva de mim?

– Hã?

– Porque estou olhando para você há horas.

Ela ri e me dá um tapa de brincadeira no braço. As marcas dos seus dedos queimam antes de desaparecer.

– Acho que tudo bem você lançar mão da sua aparência, mas é preciso que você também tenha outras coisas onde se apoiar. Minha mãe ainda acredita que ninguém se interessaria por ela por qualquer outra razão. E...

A ironia é que estou olhando para MeninaSelvagem e tudo o que consigo fazer é tocar suas bochechas macias e seu cabelo negro.

–... e é por isso que eu resolvi conseguir minha carta de alforria.

Minha expressão deve ser impagável porque MeninaSelvagem ri e bate nas coxas. Rio também. Eu me pergunto se colocaram algo na fumaça

porque estou meio fraco. MeninaSelvagem cutuca meu braço.

– Você contou a Thom e Paul?

– Contar o quê?

– Que estou me juntando à banda com meus estranhos acordes de rock no ukulele?

Não acredito como ela é engraçada. Tirei a sorte grande aqui. Se eu fosse uma pessoa diferente, se minha vida fosse menos complicada, se tivesse mais a lhe oferecer do que apenas tristeza, se não me sentisse tão cansado do peso do mundo todo me pressionando, então este seria o momento em que eu tentaria beijá-la.

ESTOU CERTA DE QUE ESTAMOS VIVENDO um momento especial, quando MeninoLobo quebra o clima e pergunta:

– Quer outra bebida?

Tento não parecer decepcionada. É óbvio que meu radar não está funcionando direito com toda a fumaça Sonhadora e com aquela música. Eu poderia jurar que um de nós teria se inclinado uns centímetros a mais.

– Claro. – Enfio a mão no bolso em busca do meu cartão ouro. – Vamos abusar de novo do cartão.

– O que você quer?

Mesmo com a luz, o cartão espelha uma promessa. Vou percorrer tantos quilômetros com a ajuda desta gracinha!

– O que você quiser. Ainda não acredito que eles não descobriram isto. Nós nos safamos de um jeito tão fácil!

MeninoLobo franze o cenho.

– Não tão fácil.

– O que você quer dizer?

MeninoLobo dá de ombros e observa os Sonhadores marchando sem sair do lugar. Alguém precisa de fato ensinar essas pessoas a se soltarem.

– Levaram meu isqueiro. Tiraram do meu bolso sem que eu percebesse.

– Isso é loucura! Eles nem chegaram perto de você!

Pelo menos não acho que tenham chegado. O ataque agora virou um borrão. Qualquer coisa podia ter acontecido enquanto aquele társio estava me apalpando. Eu me lembro de MeninoLobo ajudando Sebastien a acender aquele candelabro estúpido na pista de boliche. Ele tinha um isqueiro, então.

– Você o deixou no mercado negro?

– Não. Tenho certeza de que ele estava no meu bolso quando os Moleques nos atacaram. E agora não está mais.

Ele pareceu chateado, mas não fumou um único cigarro a noite toda, pelo menos não na minha frente. Olho o seu perfil preocupado e parece impossível que eu tenha o feito rir há um minuto. Talvez eu esteja sendo engraçada demais. Talvez ele ache que sou uma palhaça. Palhaços não são *sexies*.

– Um isqueiro bom ou porcaria?

– Um bom. Prata. Gravado.

– Eles levaram mais alguma coisa?

– Não. Só isso.

Pelo menos não levaram a carteira ou o celular dele.

– Não vi você fumando a noite toda.

– Não fumo.

– Então, por que você tem um isqueiro?

– Não sei. É só uma coisa que levo comigo. É do meu irmão.

Endireito o corpo e bato em seu joelho várias vezes, até que ele se vira para olhar para mim.

– E você só está me contando isso agora? Por que nós evitamos o Elfo? Vamos pedir o isqueiro de volta!

– Relaxe. É só um isqueiro.

MeninoLobo *poderia* ter me convencido de que não se importava se eu não soubesse sobre o seu irmão e se eu não visse que seus olhos estão vazios e mortos quando ele fala.

– NÃO é... – Tenho que tomar cuidado aqui. Não se espera que eu saiba sobre Gram e sobre o que MeninoLobo realmente queria dizer quando disse: não tão fácil. – Não é só um isqueiro, é o princípio da coisa.

– Você está parecendo o meu pai.

– Acho que devíamos tentar pegá-lo de volta.

– Nem mesmo temos certeza de que foram os Moleques. – MeninoLobo evita meus olhos. Ele sabe tão bem quanto eu quem é o responsável.

– Sim, temos. E o que é pior, sabemos quais foram. Você não está furioso?

Desisto de ficar calma. Espero que MeninoLobo saiba que não estou brava com ele. Mas, pelo seu olhar zangado, posso dizer que ele não sabe realmente.

–Vamos atrás deles.

– Nem pensar.

Tenho que fazer com que ele veja as coisas à minha maneira, mas percebo que, se for com calma, tenho mais chance de convencê-lo. Faço força para abaixar meu tom de voz.

– Você não pode deixar que as pessoas montem em você. Algumas vezes é preciso reagir.

– É só um isqueiro – ele repete.

É, não passa de um isqueiro como, ah, não passa de uma foto. Mas tenho que ajudá-lo a recuperar o que é seu. Se ele não quer me contar sobre Gram, então não vou forçá-lo. Mas tenho obrigação de fazer com que ele deixe de ser um capacho. Posso vê-lo se fechando bem em frente aos meus olhos, trancando portas e puxando toda a cortina para me manter fora de seus assuntos, mas não vou deixá-lo fazer isso.

– Não vamos viver como se estivéssemos com medo. Sentir medo é um grande desperdício.

– Você não sabe no que está se metendo.

– Vou atrás deles com ou sem você, portanto decida-se.

Pego minha bolsa e meu ukulele e me levanto do sofá. Mas não sei onde está a saída no nevoeiro onírico e dou apenas alguns passos confusos antes de parar. Talvez ele não queira me beijar, mas tenho certeza de que ele não quer que eu fique vagando por Timidez sozinha.

– Espere.

Sua mão está sobre o meu ombro. Ele não vê o sorriso que se abre no meu rosto. Não sei o que faria se ele não tivesse me seguido. Quando consigo controlar a expressão do meu rosto, viro-me para ele. MeninoLobo parece realmente preocupado, de uma maneira que não compreendo. Não consigo acreditar que ele tem medo dos Moleques.

– Vamos nos arrepender disso para sempre, sabia? – ele afirma.

Está enganado. Eu iria me arrepender é de não recuperar um pouco do controle. Arrasto-o para fora da Terra de Node, antes que ele tenha chance de mudar de ideia.

PequenaMorte está ainda mais cheia do que antes. Forçamos caminho em meio ao fluxo de corpos no túnel estreito. Agarro a mão de MeninoLobo, tentando me manter próxima, mas ele só aperta meus dedos por alguns segundos antes de soltá-los. Ele nos leva para os degraus em frente ao bar e examinamos a pista de dança. A cabeça tingida de loiro do Elfo não está entre os que dançam. Examinamos cada canto escuro de todas as salas do

clube. Paul se foi. Thom se foi. Rick Markov se foi. E o Elfo não está à vista em nenhum lugar.

A casa de MeninoLobo é uma construção creme de dois andares onde obviamente costumava ser uma boa região. As casas são todas mansões espalhadas em grandes quarteirões e seu antigo luxo ainda é visível através do seu mau estado e sujeira. Garagens duplas. Parabólicas. Raias de natação. Eu estava esperando um armazém abandonado, ou um quarto deprimente com banheiro coletivo, ou talvez até mesmo um saco de dormir sob uma ponte. Agora, essas ideias parecem estúpidas.

MeninoLobo parece deslocado em sua própria porta de entrada, enquanto se atrapalha com as chaves da porta e faz um sinal contido para que eu entre. Uma sensação de apreensão toma o fundo do estômago, enquanto me espremo para passar por ele. Minha mãe sempre me disse para não voltar para a toca dos lobos. Ah, dê um tempo, isso era para casas de homens estranhos, não era? De qualquer modo, tenho certeza de que ela não aprovaria.

A casa está escura, quieta e vazia. Um longo corredor percorre o centro, com cômodos saindo para os dois lados. MeninoLobo me leva para a sala da frente e acende um antigo lampião de querosene. O lugar é espaçoso, com tábuas enceradas, paredes cor de limão e pesadas cortinas de veludo. Em um canto ao fundo, alguns móveis estão cobertos com lençóis e as paredes trazem retângulos desbotados, nos quais antes deveria haver quadros ou fotos. Tudo está mortalmente quieto. Até o pó parece estar em suspenso no espaço.

– Vou buscar alguma coisa para bebermos. – MeninoLobo para na porta como se fosse dizer algo mais, mas depois sai. Olho em torno, à procura de detalhes. Não há muito onde procurar. Nenhuma bugiganga na lareira, nenhuma revista na mesa de centro, nenhuma almofada no sofá, mas é óbvio que aqui era uma casa de família.

Posso ouvir MeninoLobo abrindo e fechando armários onde deve ser a cozinha, na direção dos fundos da casa. Está falando consigo mesmo ou cantando.

Circulo pelo cômodo, passando as mãos pelo sofá, pelas paredes e cortinas, até chegar à mobília fantasma. Levanto a ponta empoeirada de um lençol. Sob ele, há um armário elegante, feito de madeira polida com portas de vidro e puxadores de bronze. É lindo. Adoraria ter coisas como esta ao meu redor todos os dias. Nossos móveis são de segunda mão. Na parte de cima do armário há uma vasilha de cristal cheia de flores secas, um par de pegadores de prata e um porta-retratos de cabeça para baixo.

Pego a foto e a aproximo da luz fraca. Três pessoas posam debaixo de uma grande árvore: um casal no começo dos seus cinquenta anos apoiando-se levemente um no outro e um garoto no final da adolescência de braços cruzados. De início penso que é MeninoLobo – uma versão mais jovem e arrumada –, mas depois vejo uma quarta pessoa, um menino pequeno empoleirado na árvore. Aquele é MeninoLobo: sardento, travesso e completamente adorável. O adolescente é Gram. Agora que olho de perto, fica óbvio que a foto é antiga: a mãe de MeninoLobo usa um vestido antiquado com mangas fofas. Gram não quer estar ali. Sua mãe olha para ele com uma expressão angustiada, mas o homem mais velho olha para a frente.

Ouçó MeninoLobo no corredor. Coloco a foto de volta, largo o lençol e corro para o sofá. MeninoLobo entra com uma bandeja e se senta ao meu lado. Seu cabelo ficou misteriosamente em ordem enquanto ele estava na cozinha. Limpo meus dedos empoeirados no sofá.

– Não sei como é que você gosta. – MeninoLobo derruba um líquido espesso e marrom em xícaras minúsculas de café. – Espero que seja puro, porque não tenho leite nem açúcar.

Tomo um gole e faço uma careta, que deveria ter feito MeninoLobo sorrir.

– Turco – ele diz.

Continuo tomando o café – está quente e vai me manter acordada até o amanhecer. Ou até a hora em que o sol deveria nascer.

Olho novamente ao redor. Não posso deixar de pensar em como esta rua é legal e em como todas as casas devem ter quadras de tênis, TVs de tela plana e sabe Deus o que mais e em como, mesmo vazia, esta casa exala dinheiro e privilégio.

– Só você mora aqui?

– É.

– O que tem lá em cima?

– Coisas.

– Coisas? – Faça uma careta. – Você pretende explicar mais?

– Meu quarto.

Ele está sendo tão monossilábico quanto foi com Ortolan.

Termo meu café e sirvo-me de mais. Sento-me de volta no sofá e olho para ele. Ele está chateado comigo, mas eu não vou falar sobre isso. Ele pode falar por si mesmo. O olhar funciona, porque MeninoLobo se inclina para a frente.

– Você quer mesmo fazer isso?

– Qual é a pior coisa que pode acontecer? – pergunto.

MeninoLobo apenas bufa e bebe o seu café. Ele se parece mesmo com Gram, especialmente a área dos olhos. – Olhe, é fácil. Nós os encontramos e pedimos seu isqueiro de volta. Se eles recusarem, lutamos com eles para o pegarmos de volta. Ou atacamos de surpresa, pegamos o isqueiro antes que eles cheguem a entender o que está acontecendo.

Veja só. Nunca participei de uma briga e mal sei o que é uma emboscada. Mas um de nós tem que tomar a iniciativa. MeninoLobo agora pode estar crescido, mas tenho a sensação de que ele vem deixando que pisem nele há anos. Ele não deveria ter permitido que os Moleques levassem uma lembrança do seu irmão com tanta facilidade.

– Precisamos de um plano melhor do que este. Chamei um amigo, alguém que pode nos ajudar.

– Cada segundo que não estamos lá fora vai fazer com que fique mais difícil encontrá-los – eu replico. Pelo menos, ele está falando comigo novamente.

– Não acho. Normalmente eles levam seu saque direto para Cidade dos Órfãos.

– Onde?

– Cidade dos Órfãos. É onde os Moleques moram. Um grande complexo habitacional de prédios. Dá para vê-lo da janela do meu quarto.

Estou a meio caminho do corredor antes que ele consiga falar. Finjo que não ouvi. Passo por várias portas fechadas, um cômodo vazio e um banheiro. Ao final do corredor há uma cozinha e uma grande sala de estar. Do lado direito, depois da cozinha, está a escada. MeninoLobo me surpreende bloqueando minha passagem.

– Não quero que você remexa as minhas coisas.

Eu agarro seus ombros.

– Pelo amor de Deus, MeninoLobo! Não vou encostar em suas coisas. Só quero ver a Terra dos Órfãos.

– Cidade dos Órfãos. – Ele parece mais do que apenas um pouco nervoso, mas me deixa passar.

O andar de cima parece mais um *loft* do que um segundo andar. Está totalmente tomado por amplificadores, alto-falantes, mesas com botões de girar e aquelas coisas que você empurra para cima e para baixo. O chão é uma confusão de cabos e filtros de linha. Um conjunto de percussão está amontoado em um canto, um violão escorado em uma cadeira. No teto, um cabo preto grosso desliza por uma claraboia aberta na noite. Aqui deve haver milhares de dólares em equipamento.

Aqui fede a garotos suados, o tipo de cheiro que você conseguiria se fervesse vinte garotos juntos, durante vinte horas e destilasse sua essência. Eau de BO. Tenho que passar por cima de latas de cerveja vazias, sacos de papel engordurados, rolos de fita isolante e lenços de papel amassados para chegar ao fim do cômodo, onde há uma passagem aberta que deve levar ao quarto de MeninoLobo.

O quarto dele não está tão ruim quanto o quarto da banda, mas mesmo assim é uma espécie de depósito de lixo. A cama é um colchão e um acolchoado no chão. Há roupas saindo de sacos de lixo e um engradado de leite serve como mesa de cabeceira. Alguém começou a pintar as paredes de preto e desistiu na metade do caminho. Na parede, estão presos com tachinhas cartazes desenhados e xerocados de Os Piscadas Longas. Há pilhas instáveis de livros e CDs por toda parte. Absorvo cada detalhe. É aqui que ele passa o tempo, onde ele dorme e sonha. Só há duas maneiras de saber como ele é: ouvindo outras pessoas e usando meus próprios olhos.

– Não queria que você visse isto.

Na mesma hora finjo que não estava olhando em volta. Aqui o cheiro não é tão ruim quanto no quarto da banda, provavelmente porque a janela da parede do fundo está bem aberta.

– Não se preocupe. Você deveria ver o meu quarto – minto e vou até a janela. Sinto o ar fresco de fora contra o rosto. MeninoLobo fica ao meu lado. Chega mais perto e aponta.

– Siga aquela série de árvores à direita. Está vendo ali? Aquilo é a Cidade dos Órfãos. Não é difícil perceber os prédios na escuridão: quatro retângulos escuros salpicados de luzes amarelas, destacando-se sobre o horizonte de Timidez. Eles me lembram um pouco Plexus Commons.

– Então, é para lá que eles foram.

– Talvez. Não tenho certeza absoluta.

– Então, por que o Elfo estava no clube?

– Não sei. – MeninoLobo suspira.

– Você acha que ele nos seguiu para ver quando daríamos pela falta do isqueiro?

Porque, se isso for verdade, então eles sabem que o isqueiro tem valor sentimental para MeninoLobo e isso me deixa tão louca que gostaria que o Elfo estivesse agora bem na minha frente para que eu pudesse – palavras não dariam conta. Olho para MeninoLobo, mas ele não responde. Estou muito mais brava do que ele. Mordo meu lábio para não perguntar a ele como isso é possível e em vez disso olho para as torres.

À noite, sempre que vejo minha casa a distância, penso que é muito estranho que cada luz represente uma família vivendo a própria vida, assistindo televisão, ou jantando, ou brigando, às voltas com seus problemas. A distância, cada luz é uma coisa insignificante, apenas uma estrela em toda uma galáxia.

O celular de MeninoLobo toca. Ele está tão perto que sinto o celular vibrando no bolso de sua camisa.

– Ótimo – ele diz, checando a mensagem. Passa uma mão rapidamente sobre o cabelo, ainda que ele esteja perfeito.

– Ela chegou.

É DIFÍCIL DIZER QUANTOS ANOS A MENINA tem. Sua camisa é pelo menos três tamanhos maior do que ela e ela se recusa a me olhar. De longe, seria difícil dizer se é um menino ou uma menina. Encolho-me quando MeninoLobo me apresenta como MeninaSelvagem. Posso ter sido uma espécie de personagem de história em quadrinhos antes, mas, quanto mais Timidez me surpreende, menos consigo fingir.

O nome dela é Blake. Tem alguma coisa de japonês na maneira como fica com os braços enganchados à sua frente, cada mão enfiada dentro da manga oposta. Cabeça baixa, cabelo sem brilho e liso. É magra de dar dó sob as roupas enormes. Ou não gosta do corpo que tem, ou só veste roupas de segunda mão.

Cochicho para MeninoLobo no corredor, enquanto Blake se acomoda no quarto da frente:

– Até que ponto você contou a ela?

– Conteí que os Moleques roubaram uma coisa nossa e que temos que pegá-la de volta.

– Não acho que deveríamos contar a ela sobre o cartão.

– Por que eu falaria sobre isso? Não tem nada a ver com o meu isqueiro.

– Sei lá. – Ele já era amigo dessa menina muito antes de me conhecer, portanto, como é que eu poderia saber que tipo de coisas eles contam um para o outro? – Só quis checar.

MeninoLobo me olha como se eu tivesse insultado gravemente sua inteligência e caminha pela sala. Blake está sentada no sofá. MeninoLobo descobre algumas cadeiras extras e sentamos fazendo um círculo, esperando que ela diga alguma coisa. Ela torce as mãos no colo e reparo nos seus ombros curvos, nas unhas roídas e nos tênis furados. Ela parece tão desesperada quanto um gatinho pendurado sobre um balde de água.

Por fim, MeninoLobo percebe que Blake não falará tão cedo.

– Blake costumava fazer parte de uma gangue – ele me conta. – Os Moleques. Ela deixou sua divisão, os Seis-Setes, há cinco meses e desde então anda escondida. O chefe dos Seis-Setes é o Elfo.

MeninoLobo dá um tapinha em Blake e ela arregaça as mangas do seu pulôver. Estende os braços à frente com as palmas para cima. Seus braços têm uns vergões grossos, vales fundos e vermelhos que se alternam com filetes pálidos de um tecido brilhante cicatrizado. Blake olha para MeninoLobo rapidamente, mas ela ainda não olhou para mim.

Ninguém precisa me dizer quem fez aquelas marcas. Havia uma boa razão para que MeninoLobo me fizesse cooperar com os Moleques antes. Forço-me a olhar de novo, ainda que a visão me deixe nauseada. É contra isso que estamos nos voltando. Não é de estranhar que ela esteja tão nervosa.

– Ele não fez isso como castigo, enquanto Blake ainda estava na sua divisão – explica MeninoLobo.

Noto que ele não olha para os machucados de Blake, mesmo enquanto fala sobre eles.

– Ele fez isso depois que ela deixou a gangue. Foi ao encalço dela e providenciou para que ela fosse castigada por deixá-lo.

Blake abaixa as mangas. Se alguém fizesse isso comigo ou com a minha mãe, eu não sosseitaria enquanto não desse o troco a eles. Talvez eu também incluísse Mike na lista, se soubesse onde ele vive agora. E vovó, se ainda estivesse viva. É uma lista bem pequena de pessoas pelas quais eu mataria.

– Em que tipo de bicicleta você andava?

É exatamente a pergunta certa a ser feita. Blake finalmente me olha. Fico imaginando se ela gostaria que fizessemos alguma coisa igualmente ruim com o Elfo quando o apanharmos.

– Uma velha Mongoose que foi do meu tio. Eu ainda a tenho, mas não é minha bicicleta de uso diário.

Blake fica bonita quando sorri. Ainda não resolvi se ela tem tesão por MeninoLobo ou não.

– Eu tinha uma Villain – conto a ela e ela faz um gesto de reconhecimento.

– É uma boa bicicleta, mas prefiro as mais antigas. Ou monto uma eu mesma com várias peças diferentes.

Estou só dizendo uma meia mentira. Eu andava mesmo numa Villain quando era mais jovem, mas pertencia ao meu melhor amigo, Mike. Ele nunca deixou que eu pedalasse longe da sua vista. O restante do tempo eu tinha que me virar com aquela coisa medonha cor-de-rosa com uma cesta de plástico presa na frente.

Uma das primeiras coisas em que reparei quando aqueles Moleques nos atacaram foi que as suas bicicletas estavam aparelhadas com rodas de pneus tufo de três raios e pedais denteados. Eles estavam gastando tempo e dinheiro nas suas magrelas. Uma delas até tinha cartas de baralho entrelaçadas nos raios para que as rodas produzissem som, quando em alta velocidade. Mike e eu costumávamos fazer isso e fingir que estávamos andando de mobilete.

– Seis-Setes, o que isso quer dizer?

– É onde a divisão mora, em Cidade dos Órfãos. Prédio Seis, Sétimo Andar.

A voz dela é baixa para uma menina e nunca sobe ou desce. Tenho que me inclinar para ouvir o que ela está dizendo.

– MeninoLobo acredita que eles levaram seu isqueiro diretamente para Cidade dos Órfãos.

– É provável que ele tenha razão. O Elfo reúne tudo e anota. Depois ele comunica aos que estão acima dele. Quando todos já tiraram a sua parte, o Elfo dá aos da sua divisão o que lhes cabe.

– Quem são os mais importantes?

– Não sei. Não achei que valia a pena perguntar. Eu só estava feliz por ter um lugar onde morar.

– O que acontece, Blake, é que eles *não* voltaram diretamente para Cidade dos Órfãos depois de nos assaltarem. Nós os vimos no PequenaMorte.

MeninoLobo intervém:

– Não todos. Só vimos o Elfo. Deduzimos que sua divisão estava no clube com ele, mas os outros já poderiam ter ido para Cidade dos Órfãos.

– Havia *outros* Moleques por lá – eu digo. Tinha me esquecido. – Um carinha estranho tentou fazer com que eu lhe comprasse uma bebida. Mas tenho certeza de que ele não era um dos Seis-Setes. Eu o teria reconhecido.

– Não gosto disso – diz Blake. – Não faz sentido. Se eu fosse vocês, sairia dessa.

À primeira vista eu diria que Blake tem cerca de treze anos. Agora, que estamos conversando, percebo que ela provavelmente está próxima dos quinze. Não consigo calcular a idade de ninguém em Timidez.

– Não tenho medo – digo a Blake. É mentira. Depois de ver suas cicatrizes estou com um pouco de medo. Mas ainda quero ir atrás. Blake deve achar que somos pirados, perseguindo uma coisa tão pequena. A não ser que MeninoLobo confie mais nela do que em mim e já lhe tenha contado tudo sobre o isqueiro e seu irmão.

– Bom, você deveria ter. – MeninoLobo cruza os braços. Percebo que ele achou que falando com Blake eu desistiria. Não é tão simples assim, colega.

– Bom, não tenho. Vamos para Cidade dos Órfãos. – Viro-me para Blake.
– Você vai com a gente pelo menos até uma parte do caminho, não vai?

MeninoLobo responde por ela:

– Não, vamos só nós.

Eles devem ter resolvido isto antes, pelo celular.

Blake dá de ombros.

– Não posso. Se o Elfo me encontrar perto de Cidade dos Órfãos, me mata.

Suponho que isto é razão mais do que suficiente.

Blake tira um pedaço de papel dobrado do bolso. MeninoLobo puxa a mesa de centro para perto e Blake estica o papel.

– Onde você mora agora? – eu pergunto.

– Tem uma mulher que dirige um projeto para pessoas que deixaram os Moleques. Como se fosse uma “Proteção a Testemunhas” – responde MeninoLobo. – Blake tem que tomar cuidado com as pessoas com quem ela fala.

– Sharon me mataria se soubesse que estou aqui.

– E seus pais? Não podem proteger você?

Blake olha para cima.

– Tanto um quanto o outro não querem nada comigo. Fiz algumas coisas ruins quando estava nos Moleques. Menti, roubei e fiz...outras coisas.

– Mas você não ligou para eles para contar que tinha saído, ligou? Como é que você sabe o que eles querem?

Blake olha para MeninoLobo com um olhar de pura irritação. Eles já tiveram essa conversa antes.

– *Não posso* – ela diz e se volta para o pedaço de papel. É um mapa de Cidade dos Órfãos feito às pressas com esferográfica azul.

Cidade dos Órfãos é maior do que eu esperava. Há doze retângulos numerados para as doze torres de apartamentos. Da janela de MeninoLobo só pude ver algumas delas. Um punhado de outros prédios está marcado com quadrados menores e há uma linha esboçada em torno da borda do papel, uma cerca.

– A melhor maneira de chegar lá é pelo lado do rio. – Blake acrescenta duas linhas paralelas do lado de fora da cerca. Entorto meu pescoço num ângulo esquisito, tentando ver o que ela está fazendo.

– Existe uma trilha de terra ao longo da margem leste. Vocês passarão pela antiga estação de energia e na ponte seguinte estarão logo atrás de Cidade dos Órfãos. Subam por uma colina íngreme aqui e descobrirão um caminho através da cerca. Chegando lá, vocês deverão ir ao prédio Seis.

Blake tampa a caneta e minha mente se acelera. O que mais precisamos saber?

– Quantos Moleques há no Seis-Setes?

– Cinco. O Elfo, Baby, Trisha, Shannon e o que ficou no meu lugar é um Moleque chamado Cassius. Não sei muito sobre ele, mas tome cuidado com Trisha porque ela carrega uma faca. Shannon também é boa de briga, mas o mais perigoso é o Elfo. Ele consegue escalar qualquer coisa, até paredes onde parece não haver nada onde se agarrar.

Para mim eles parecem super-heróis, de jeito nenhum umas crianças. MeninoLobo dobra o mapa e o coloca no bolso do seu jeans. Eu faço minha última pergunta:

– Se quiséssemos subornar um deles, o que teríamos que oferecer? O que é que eles querem que não conseguem ter?

– Suborno não funciona. Eles não precisam de nada dos que vêm de fora.

– Então, com o que eles mais se preocupam? Como é que podemos ameaçá-los?

– Honestamente? – pergunta Blake. – Eles não têm medo. Não se incomodam com ninguém, a não ser com eles mesmos. Ameaças não funcionam. Subornos não funcionam. A melhor coisa é esperar que você tenha sorte e não se encontre com eles. Mas, se encontrar, é melhor estar preparada para lutar de um jeito sujo.

dezesseis

AGIMOS RÁPIDO, SEM PENSAR. TROCO MINHA camisa xadrez por uma camiseta preta e acho um jeans, um pulôver de gola olímpica preta e um gorro da marinha para MeninaSelvagem. Tiro minha velha bicicleta da garagem. Está empoeirada e manchada de ferrugem, mas parece bem inteira. Enquanto MeninaSelvagem enche os pneus, lubrifica a corrente e arranca os refletores, coloco algumas coisas da garagem na minha mochila: um rolo de corda, um pedaço de plástico, fixadores elásticos, alicate, fita isolante, uma chave inglesa. Peguei a velha faca de pesca do meu pai e a embrulhei em um trapo.

Sinto como se estivesse me olhando fazer essas coisas. Se não pensar, então, não vou perder, para alguém ou alguma coisa. Era de se esperar que MeninaSelvagem desse uma olhada nos machucados de Blake e desse marcha a ré a duzentos quilômetros por hora, mas ela nem vacilou.

Da cozinha pego um pacote de pequenas barras de chocolate, que ganhei há meses por ajudar um amigo a pintar o novo lugar do qual ele se apossou. Perdi o paladar para coisas doces. Ponho o chocolate em uma sacola plástica, depois despejo um vidro de ervas italianas para disfarçar o cheiro.

Blake fica na minha casa – se as coisas correrem mal com o Elfo, não quero que ela esteja na rua – e MeninaSelvagem pega a sua bicicleta. Temos que subir um pouco o selim, mas, tirando isso, ela se ajusta bem. Quando saímos, Blake já estava dormindo no sofá, seus braços estavam dobrados sobre a cabeça.

Pedalamos em círculo algumas vezes na entrada de carros para checar as bicicletas e depois saímos para a rua deserta. Há anos que não uso minha bicicleta. Não me lembro exatamente quando Paul, Thom e eu deixamos de pedalar, mas foi por volta dos quinze anos, quando, de uma hora para a outra, ser visto em uma bicicleta se tornou desesperadamente babaca. Respiro com mais facilidade, agora que MeninaSelvagem não está matraqueando dentro da minha casa, mexendo em minhas coisas e fazendo

perguntas, mas não estou cem por cento feliz por seguirmos com isso. Não tínhamos pensado suficientemente a respeito.

– Sinto como se tivesse de novo doze anos – ela grita.

Sua bolsa balança em um dos lados do guidão. Sacode os braços como um pássaro, pedalando em torno de uma rotatória até que fico tonto. Tentei convencê-la a não levar a bolsa, mas ela me olhou como se eu estivesse pedindo que cortasse um dos braços fora. Deu uma vasculhada e tirou uma garrafa de água, um livro com as pontas das páginas viradas, um mp3 e um par de óculos escuros como uma concessão. Mas não houve jeito de convencê-la a deixar o ukulele, principalmente depois que percebeu que ele cabia dentro da bolsa.

– Fale baixo – eu digo. Parece que ela está tentando chamar atenção.

Nós poderíamos ainda estar sentados na sala relaxante do PequenaMorte com os rostos quase se tocando, as únicas duas pessoas no mundo. Em vez disso, estamos brincando de bandidos de bicicleta na periferia. Claro que eu quero o isqueiro de volta, mas as coisas não são preto no branco como MeninaSelvagem gostaria. Não é uma decisão simples. Eu poderia colocar Blake em perigo ou teria outras maneiras para ter o isqueiro de volta, sem precisar entrar em Cidade dos Órfãos. Mas nós não paramos para pensar sobre isso. MeninaSelvagem disse que eu não deveria deixar as pessoas me enrolarem, mas é exatamente o que ela está fazendo.

Entramos à direita em Oleander Crescent, uma rua larga com casas bolo de noiva sobre gramados secos. Ainda que seja só dobrando a esquina, aqui as casas valem duas vezes mais do que as da minha rua, por terem vista para o rio. Uma leve neblina paira rente ao chão e a rua parece um cenário de filme abandonado. Passo semanas sem ver outra pessoa andando nas ruas perto da minha casa. MeninaSelvagem vai mais devagar. Um efeito da única luz da rua faz com que as sombras projetadas pelas rodas das nossas bicicletas se alonguem até que pareçam aranhas crescendo rapidamente à nossa passagem.

– Quem mora aqui? – MeninaSelvagem aponta para as mansões.

– A maioria está vazia. – Os moradores ricos de Oleander Crescent foram alguns dos primeiros a deixar Timidez. A maioria tinha outras casas para onde podiam correr: casas de praia ou propriedades de aluguel em outros subúrbios.

– Por que não foram ocupadas?

– Grande parte é protegida por serviços de segurança armada ou cercas elétricas. As pessoas esperam que um dia as coisas mudem e elas possam voltar. De qualquer modo, é impossível vender imóveis em Timidez. Ninguém no seu juízo perfeito compraria alguma coisa neste lugar.

– Paul e Thom moram aqui perto?

– O que é isso, uma investigação? – Minha voz está mais ríspida do que pretendo.

– Não preciso saber, se for segredo.

Desvio para evitar um extenso buraco.

– Se sairmos desta vivos, vou levar você para conhecer a casa deles. Vale a pena.

MeninaSelvagem não pega a deixa sobre se vamos viver ou não. Por alguma razão, para ela basta que os Moleques tenham feito algo errado. Seus olhos têm um brilho angelical. Vi o mesmo brilho em fanáticos religiosos e assistentes sociais.

Mas MeninaSelvagem está ansiosa por ir. Eu não. Mesmo se não formos pegos hoje à noite, sempre existe a chance de que os Moleques venham atrás de mim depois.

Oleander Crescent desce numa curva em direção ao rio e depois o ladeia até a avenida e portões de Cidade dos Órfãos. Ponho mais força nas pernas. A rua se inclina num forte declive na próxima curva – quando moleques, costumávamos descer aqui de *kart* – e bombeio o breque enquanto me preparo para saltar a sarjeta no final da colina. Não aviso MeninaSelvagem. Se vamos fazer isso, ela tem que ser capaz de acompanhar.

Chego à sarjeta com um tranco mais duro do que pretendia e quase voo para fora da bicicleta, puxando o guidão para me manter sentado. Nos lançamos em uma trilha estreita entre duas casas. Minha roda traseira dá uma guinada de lado no cascalho e por pouco evito uma cerca enquanto tento controlar o desequilíbrio por causa da velocidade.

Espero MeninaSelvagem no final da trilha, mas ela vem me acompanhando durante quase todo o caminho. Estendendo-se por detrás das mansões à nossa esquerda e à direita está a trilha de terra que Blake sugeriu que tomássemos. Ela segue para Cidade dos Órfãos ao longo da margem do rio.

– Merda! – MeninaSelvagem põe um pé no chão para se equilibrar. Seus ombros sobem e descem. Ela usa o gorro para abanar o rosto. – Estou muito

fora de forma.

– Você anda bem. – Ela não hesitou no meio-fio e também entende um pouco de bicicletas. Não estava esperando que Blake e ela se entendessem quanto a isso. Ainda me sinto um pouco deslocado na minha. O guidão está muito baixo e os pedais são absurdamente pequenos. Eu seria quase tão rápido a pé.

– Nós não vamos ser vistos, vamos? – pergunta MeninaSelvagem.

– Não, se fizermos as coisas direito.

– Não, o que eu quero dizer é: ninguém vai me ver usando isto, vai?

Ela olha para os seus trajes com desgosto. Não posso acreditar que essa é sua maior preocupação, justo antes de entrarmos em território inimigo. O pulôver de gola olímpica não esconde seu corpo fora dos padrões, mas também não estou no clima de paparicá-la.

– Você está bem. Eu imagino.

Ela me mostra o dedo do meio. Acho que mereço.

– Então, temos que pegar esta trilha?

Não venho ao rio desde que deixei a escola. Suas margens tinham uma mata densa, mas agora resta somente um labirinto de arbustos e árvores mortas. A lua está alta no céu e brilha na faixa de água, fazendo com que a superfície pareça lisa e brilhante. A água é mais alta do que eu me lembrava. À nossa frente há uma ponte de madeira.

– Tive uma ideia melhor. Venha por aqui.

Minha bicicleta estremece ao longo das ripas de madeira desiguais da ponte. Vamos pegar uma rota ligeiramente diferente. Minha antiga escola, São Judas, fica do outro lado do rio e na outra margem há uma trilha idêntica. Eu costumava percorrer esse caminho até a escola todos os dias, durante quase cinco anos.

A trilha fica mais longe da margem do rio e não tem iluminação. Vou desembestado. MeninaSelvagem, por mais que diga estar fora de forma, consegue acompanhar. Pedalamos para dentro de uma depressão, com galhos de salgueiro se enroscando em nossos braços e rostos. Vou com um braço me servindo de escudo até que a trilha começa a subir. À nossa direita, o terreno cai abruptamente em direção ao rio e à nossa esquerda ele desce gradualmente até uma larga planície. A lua ilumina o bastante para que se possa ver em todas as direções: o rio negro, a planície prateada e à frente as luzes de Cidade dos Órfãos. Abaixo a cabeça e pedalo.

– Vá devagar – brada MeninaSelvagem. – Quero ver por onde estamos indo. – Ela colocou o gorro de volta e se parece muito com um duende de bicicleta.

Vamos bem mais devagar, até que mal temos velocidade para nos manter de pé. MeninaSelvagem recupera o fôlego aos bocados, sua atenção fixa-se nas torres à frente. Cidade dos Órfãos parece sólida e majestosa a distância, as torres são salpicadas por pontos de luz. No alto de uma torre há uma chama laranja – alguém deve ter acendido uma fogueira.

MeninaSelvagem pedala mais perto e agarra no meu guidão. Eu seguro o dela de forma que pedalamos ligados por nossos braços cruzados.

– Pensei que a esta altura estaria com medo.

– Também pensei que você já estaria com medo. – Estou gostando do jeito como o braço dela se empurra contra o meu, mas também me sinto incomodado por ela me dominar tanto. As palavras de Thom no PequenaMorte vêm à tona: *Você vai deixar passar esta oportunidade porque uma gostosa está lhe dando um pouco de atenção?*

As árvores se fecham mais uma vez à nossa volta, encobrindo o rio e a planície. Várias vezes, acho que vislumbro figuras paradas junto às moitas, alunos com blazers marrons, mas quando olho diretamente para eles, não há ninguém. Se existe alguém que está ficando assustado, sou eu. Há partes de Timidez onde os sonhos e as memórias ficam mais densos e isso deve acontecer próximo ao rio. Eu me pergunto se MeninaSelvagem sente isso também. Tenho que continuar falando.

– Como é que você entende tanto de bicicletas?

– Eu era um verdadeiro moleque. Mike e eu pedalávamos para tudo quanto é lugar quando éramos crianças. Seguíamos pelas trilhas da praia o mais longe que podíamos, quilômetros e quilômetros por nossa conta. Sumíamos dias inteiros.

Aperto o punho no guidão de MeninaSelvagem. Estamos ficando bons nessa pedalada atrelada.

– Quem é Mike?

– Era meu melhor amigo. Morava num apartamento abaixo de nós.

– *Era* seu melhor amigo?

– Ele se mudou quando eu tinha doze anos.

Deixo que meu punho se afrouxe um pouco. A trilha volta mais uma vez a se inclinar e nossas bicicletas ganham velocidade. Se seguirmos por esse

caminho vamos chegar ao que resta de uma concessionária de automóveis, algumas quadras esportivas e, então, veremos as torres do São Judas.

– Era esta a ponte descrita por Blake? – MeninaSelvagem aponta e nossas bicicletas se desequilibram violentamente. Eu solto e nós nos separamos.

Uma ponte de madeira se estende sobre o rio à nossa direita, entre duas pedras enormes. Há um rosto pintado nelas. Devemos estar agora bem atrás de Cidade dos Órfãos. Desvio e paro no começo da ponte. A brecada de MeninaSelvagem provoca uma chuva de lama.

A ponte está desmoronando, a cada três tábuas de madeira quase sempre uma está faltando. O corrimão de segurança está completamente destruído.

– Parece que vamos ter que atravessá-la a pé.

Desço da minha bicicleta e a levanto, de forma que o cano fique sobre o meu ombro. Lascas de madeira repousam na água e na margem inferior. Uma camada de névoa desloca-se na superfície do rio. A lua desapareceu por detrás de um bloco de nuvens e tudo está escuro e parado.

Fico próximo à beirada da ponte, onde ela parece mais firme, e seguro no que resta do corrimão com minha mão livre. MeninaSelvagem faz a mesma coisa. A ponte faz curvas fechadas o suficiente para que eu não consiga ver o que está do outro lado. Estamos prestes a terminar a travessia quando três figuras saem debaixo da ponte.

Isto não é bom.

MeninaSelvagem larga sua bicicleta e continua andando como se estivesse em transe. Seguro a bicicleta antes que ela caia. Cada músculo do meu corpo se tenciona, pronto para agir.

dezessete

A PRIMEIRA COISA QUE NOTO É QUE ELES estão vestidos de preto, branco e vermelho. Duas meninas e um garoto, em torno de treze ou quatorze anos, embora seja difícil dizer com suas roupas. Todos os três vestem camisas de babados e calça pretas fofas. As divisões geralmente têm um código de vestimenta, da mesma maneira que os Sonhadores gostam de usar branco e todos os necromentes são carecas. Deito nossas bicicletas no chão, na entrada da ponte. Tenho pelo menos vinte centímetros e muitos quilos a mais do que eles. Se estiverem desarmados e não calibrados de açúcar, devo conseguir dar conta da situação.

MeninaSelvagem desafia os desconhecidos:

– Quem são vocês?

A menina mais alta responde. É óbvio que ela é a líder, porque usa um grande chapéu de Napoleão e os outros dois param atrás dela. Suas mãos estão pousadas no quadril enquanto ela se dirige a nós.

– Na verdade, bela donzela, a pergunta é: que porra são vocês, caminhando pela minha ponte?

MeninaSelvagem responde quase em cima:

– Bom, nós não somos os cabritinhos da história, se é isso que você está perguntando. Vocês estão em três, o que faz com que *vocês* sejam os cabritinhos, não é?

Os lábios da capitã se curvam. Ela joga suas tranças por cima dos ombros e levanta o queixo. Seu rosto é magro, atento e sardento.

– Somos os *trolls*, você não percebe? Tomamos conta da ponte.

– Bom, para mim vocês mais parecem *piratas*.

MeninaSelvagem tem razão. Posso não estar entendendo nada da conversa, mas os Moleques se parecem mesmo com piratas. A menina menor até tem uma venda de olho, embora ela esteja colocada acima do olho e não sobre ele. Essa menina fala agora, com uma voz fina que combina com seus braços de graveto e seu cabelo ralo.

– Nãaaaao. Somos *trolls*.

Todos eles estão viajando, inclusive MeninaSelvagem.

A capitã se aproxima de MeninaSelvagem, chega próximo ao seu rosto e, justiça seja feita, MeninaSelvagem não recua nem um milímetro. Elas se encaram até que, de algum modo, chegam a um acordo de não se esmurrar.

– Somos *freelancers* – diz a capitã. – Comerciantes *freelancers* de cogumelos e guardiões da ponte.

Confiro se os três piratas têm armas, mas não consigo ver nenhuma. Meus músculos relaxam e me estico do ligeiro agachamento em que nem tinha percebido que estava. A Menina-da-Venda segura uma cesta de vime coberta com um pano de prato.

– Quanto os Moleques pagam a vocês para tomar conta da ponte? – pergunto à capitã.

A Menina-da-Venda dá um passo à frente.

– Não somos escravos. Trabalhamos por conta própria.

Provavelmente, ela pretende demonstrar irritação, mas sua voz soa mais como a de uma menininha que descobriu fadas vivendo no fundo do seu jardim.

– Nós também – responde MeninaSelvagem. – Eu e o Pé-Grande aqui. Somos ninjas treinados. Estudamos com o Supremo Mestre durante três anos, no alto de uma montanha isolada.

Ela me olha e eu reviro os olhos. Conversa de louco. Esta é a última coisa de que precisamos agora.

As duas meninas me olham sem interesse e voltam para MeninaSelvagem. Não questionam sua história improvável. Perceberam que MeninaSelvagem vem de fora e isso a torna muito mais interessante do que eu. O garoto pirata permanece atrás, olhando-nos por debaixo de um lenço decorado com caveira e cruzes de ossos. Faço-lhe um aceno com a cabeça, mas ele está completamente desligado.

Tanto MeninaSelvagem quanto a capitã agora têm as mãos nos bolsos, parecendo estar em meio a uma conversa amigável.

MeninaSelvagem aponta a cesta da Menina-da-Venda.

– O que é aquilo?

A Menina-da-Venda tira a toalha.

– São cogumelos da meia-noite. Quer um pouco?

MeninaSelvagem balança a cabeça e a Menina-da-Venda estica a toalha de volta.

– O que vocês estão fazendo no rio? Nunca ninguém do seu tipo apareceu por estas bandas.

Para minha surpresa, depois de todo o falatório sobre ninja, MeninaSelvagem conta a verdade.

– Vamos invadir Cidade dos Órfãos. Os Moleques roubaram uma coisa que nos pertence e vamos roubar de volta.

Ótimo. Disse a estranhos o nosso plano secreto.

Os olhos da Menina-da-Venda parecem um par de moedas brilhantes.

– Demais!

A capitã não fica impressionada com tanta facilidade.

– Você tem certeza de que é para lá que vocês estão indo? Porque, assim que vi vocês, pensei comigo mesma, eles estão indo para o velô, com certeza.

– O velô?

Estou tão intrigado quanto MeninaSelvagem. Olho para onde a capitã está apontando, bem depois do rio, depois de São Judas.

– O lugar das bicicletas. O lugar do *cachorro*.

Ela deve estar falando do velódromo, mas não tenho ideia do que isso tem a ver com cachorros. Talvez eles façam corridas com cachorros por lá. Estou prestes a lhe perguntar o que ela quer dizer com isso quando MeninaSelvagem pula.

– Não. Cidade dos Órfãos. É para lá que estamos indo.

– O que foi que os Moleques roubaram?

– Uma coisa importante.

– Que divisão?

Respondo no lugar de MeninaSelvagem:

– Os Seis-Setes.

– O Elfo? – a capitã está surpresa.

– Ele passou por aqui há menos de quinze minutos – a Menina-da-Venda interfere. – Todos eles, em direção à base. Parecia que estava acontecendo alguma coisa realmente incrível!

A capitã a manda ficar quieta e pensa um pouco, puxando a enxurrada de tecido branco de sua garganta. Quando ela finalmente fala, sua voz já não traz qualquer tolice.

– Você precisa descobrir a sala forte deles. Todos os prédios têm uma. Uma sala forte para cada divisão que mora lá. Em cada prédio os Moleques juram manter segredo sobre a localização de suas salas, mas as pessoas falam.

– Como é que você sabe? – pergunto.

– Porque já fui um Moleque, mas saí porque não gostava das regras.

A capitã me olha direto nos olhos. Contra todo o bom senso, acredito nela. Atrás dela, o menino pirata está de quatro como se procurasse alguma coisa na terra.

– O que acontece com ele?

– O Camareiro Pete? Ele não gosta muito de falar. Agora, nós demos a vocês alguma coisa. Está na hora de vocês pagarem o pedágio.

– Quem disse?

– Eu digo. São as regras. Vocês atravessaram a ponte, pagam o pedágio.

– Claro. Quanto é?

Tenho algum dinheiro. Nunca se sabe quem você vai ter que subornar por aqui. Está na hora de acabar com isso, antes que alguém apareça e nos veja. Duas pessoas vestidas de preto podem passar despercebidas sob o radar, se tomarem cuidado. Cinco pessoas, incluindo três piratas vestidos com extravagância, não.

– Vai custar a generosa quantia de um beijo – diz a capitã.

– Nem pensar.

Não existe a menor chance de eu chegar mais perto da capitã do que já estou. Não entendo de piratas nem de *trolls*, mas imagino que a higiene bucal não seja uma de suas maiores prioridades.

– Não estava me referindo a você, estúpido. – Ela me dá um olhar de desprezo e olha para MeninaSelvagem. A princípio penso que a capitã tem um tique nervoso, mas depois percebo que está tentando vibrar os cílios. Ela não pode estar fazendo isto a sério.

MeninaSelvagem vai em frente sem hesitação.

– Tudo bem. Faça um biquinho, rapariga pirata!

– Espere! – diz o Camareiro Pete. Ele se senta sobre as coxas e aponta nossas bicicletas. A roda da frente da minha gira lentamente. Já ouvi a voz do Camareiro Pete antes.

– Não! – A capitã mostra-se inflexível. – Nós não andamos mais de bicicleta, você se lembra?

– Venda-as – insiste Pete, mordendo o lábio. Olho para o seu rosto, tentando entender por que ele me é tão familiar.

– Para quem? Os Moleques? – A capitã cospe no chão e vira as costas para Pete. Ele volta a ficar de quatro, movendo as mãos com movimentos circulares sobre o chão. Compreendo o que ele está fazendo. Está lavando o convés de um navio imaginário com uma escova imaginária. Algo estala no meu cérebro. Pete. Peter. Conheço este cara.

– Peter Kouros?

Pete não me reconhece. Ele aumenta seus pretensos esforços de esfregação. Peter Kouros estava um ano abaixo de mim na escola. Um cara legal. Era o primeiro em quase todas as matérias, mas você nunca ouvia ele se gabar sobre isso. Algum tempo depois que a Escuridão começou, enquanto Paul, Thom e eu ainda estávamos assistindo às aulas, ele desapareceu. Paul o conhecia melhor do que eu, porque eles costumavam jogar xadrez juntos na hora do almoço. Nem mesmo ele não conseguiu descobrir o motivo de Peter ter se afastado ou para onde tinha ido. Agora eu sei. Ele se juntou aos Moleques.

– O que ele fez a você? – perguntei à capitã. Não consigo acreditar que o garoto rastejando na minha frente é o mesmo com o qual eu ia para a escola. Está pele e osso.

– O Camareiro fez uma coisa ruim. E agora ele quer me compensar.

– O que você fez com ele?

– O que eu fiz? – A voz da capitã aumenta. – Eu o salvei. Você deveria estar perguntando o que *eles* fizeram com ele.

MeninaSelvagem se coloca entre mim e a capitã.

– Não podemos entregar nossas bicicletas. Precisamos delas para escapar. O que mais vocês querem?

Agora a capitã está de mau humor.

– Eu estava brincando quando falei em beijo – ela diz a MeninaSelvagem.

– De qualquer modo, eu poderia pegar alguma coisa de você, alguma coisa de fora. Insolação, ou queimadura, ou alguma coisa.

– Bom, eu não estava brincando – responde MeninaSelvagem. Quero apressá-la, porém vejo que ela é mais diplomática do que eu. – Mas pare de enrolar. Estamos com pressa. O que você quer?

A Menina-da-Venda começa a falar. Ela ainda olha para nossas bicicletas deitadas.

– Quero AQUILO. A coisa vermelha. Quero aquilo.

Todos nós olhamos para a bolsa vermelha de MeninaSelvagem presa sob o guidão. Olho para MeninaSelvagem. Ela dá de ombros, um pouco displicente demais.

– Aquela coisa velha? Claro, quero dizer, se você conseguir encarar todas aquelas manchas, o zíper quebrado e o cheiro de mofo. Por que não?

A Menina-da-Venda olha com ar de súplica para a capitã. Ao meu lado, MeninaSelvagem segura a respiração.

A capitã suspira.

– Acho que podemos usá-la para carregar cogumelos.

A Menina-da-Venda dá pulos. MeninaSelvagem solta todo o ar de seus pulmões. Ela anda em direção à sua bicicleta devagar como quem anda em direção à forca, tira a bolsa do guidão, depois vem atrás de mim e abre a minha mochila. As alças forçam os meus ombros conforme ela despeja o conteúdo da bolsa. O ukulele não cabe, então, volta a pendurá-lo atravessado nos ombros. Ela passa a bolsa para a capitã. A capitã a entrega diretamente à Menina-da-Venda, que abraça a bolsa contra o peito. Bom. Agora nós podemos finalmente continuar.

– Sinto muito – diz a capitã –, mas é assim que ganhamos a vida.

MeninaSelvagem fuzila a Menina-da-Venda com os olhos. Peter Kouros agora está se levantando, seu corpo semivirado de costas para nós como se não pudesse esperar para partir. Coloco minha mão no seu ombro. Posso sentir a extremidade pontuda de sua omoplata logo sob a pele.

– Peter – digo calmamente –, você se lembra de mim? – Eu me inclino para tentar encará-lo nos olhos, mas ele está duro como uma tábua. Espero um momento e desisto. Não sei o que eu esperava. De qualquer maneira, não podemos levá-lo conosco para Cidade dos Órfãos. Pego minha bicicleta e faço um sinal para MeninaSelvagem.

– Sinto muito – repete a capitã.

MeninaSelvagem dirige-se para pegar sua bicicleta, mas no último minuto ela se arremessa em direção à capitã e a beija com força na boca. MeninaSelvagem segura a capitã para trás até que o chapéu dela caia. É uma verdadeira cena de Hollywood. Eu olho para o outro lado. Quando olho novamente, a capitã está pegando seu chapéu do chão e saudando MeninaSelvagem com um largo sorriso no rosto.

MeninaSelvagem sobe na bicicleta sem olhar para trás. Ela não estava brincando naquela cabine quando falou sobre roubar corações.

A capitã bate seus calcanhares.

– Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra! – Ela acena teatralmente para sua tropa e eles partem em formação atrás dela. Não digo nada até começarmos a empurrar nossas bicicletas para cima da colina íngreme que leva a Cidade dos Órfãos.

– Por que você fez aquilo? – pergunto, idiota que sou.

– Me poupe – diz MeninaSelvagem. – Por que é que eu faço qualquer coisa?

Ela está ofegante. Eu poderia pôr minha mão em suas costas e ajudá-la na ladeira puxada, mas não o faço.

– Quer dizer, por que você gosta de mexer com os sentimentos das pessoas? – eu pergunto.

– Você sabe por quê? Ela acabou de me conhecer. Vai superar isso. Você está com ciúmes?

– Não. Por que eu estaria com ciúmes de uma pessoa louca? Porque eles eram loucos, você sabe. Todos eles.

Incluindo Peter. Que era a pessoa mais normal que eu conheço. Talvez eu não devesse tê-lo deixado para trás. Devo ser a única pessoa dos velhos tempos que sabe onde ele está. Olho para trás, lá para baixo, mas a margem do rio já está deserta.

– Bem, aqueles loucos nos deram uma importante informação, que de outra forma nós não teríamos, então, eu não sei por que você está tão puto.

MeninaSelvagem está concentrada em subir a colina e eu estou congelando. Não tenho certeza se deveria procurar por Peter ou pelo menos avisar Paul para que ele saiba que eu vi Peter. No final, eu continuo pedalando. No alto da colina há uma faixa plana de terra que está coberta com uma fina camada de grama morta. O alambrado é alto – mais de três metros –, mas não tem arame farpado em cima. Acho que conseguimos escalá-lo. Apoio minha bicicleta contra a cerca e olho através dela. Estamos nos fundos de Cidade dos Órfãos e há menos luzes do que se estivéssemos chegando pela frente. Isso é o mais próximo que já estive da sede dos Moleques e me parece surpreendentemente comum. Os primeiros prédios estão a cem metros. Vislumbro algo mais a distância, antes dos prédios, algo que impede nossa visão da área.

– Existe outra cerca – digo surpreso. – Blake não colocou isso no mapa.

Blake também não mencionou nada sobre uma sala forte e não acredito que ela tenha se esquecido de nos contar algo tão importante. Ela tinha que saber disso, tendo passado um ano com os Moleques. Penso nela sozinha em minha casa. Eu me esforço para engolir minha suspeita. Não tem sentido ficar paranoico. Blake é uma boa pessoa.

Jogo minha mochila no chão e pego o mapa no bolso do meu jeans. MeninaSelvagem está deitada de costas com os braços abertos. O ukulele está aconchegado ao seu lado como um bebê dormindo.

Então é isso. Seu trabalho oficial é beijar estranhos e se deitar por aí. Meu trabalho aparentemente é fazer com que tudo faça sentido e descobrir o que devemos fazer depois. Apesar de tudo isso ser ideia dela. Sento-me e desdobro o mapa. Há só uma cerca marcada. Espero que isso não signifique que haja outros erros.

A voz de MeninaSelvagem sobe de seu leito de grama.

– Olhe, nos esquecemos da Lua.

Acompanho seu dedo indicador. A Lua está no topo, acima de nós, menor e mais distante agora. Resta apenas um punhado de nuvens. Eu não tinha me esquecido da Lua nem por um segundo.

– Para nós é melhor se não houver Lua. Menos luz para sermos vistos. – Volto ao mapa com algum esforço, mas MeninaSelvagem puxa a minha camiseta. Ela se levanta e estende sua mão.

– O quê? – Estou tentando me concentrar aqui. Para alguém que me convenceu a fazer isto, MeninaSelvagem está demonstrando uma notável falta de interesse nos detalhes mais delicados de nossa missão mortífera. Ela mantém a mão estendida até que percebo que quer que eu a cumprimente.

– Prazer em conhecê-lo, Jethro – ela diz, segurando com firmeza a minha mão com as suas duas. – Meu nome é Nia.

Olho para ela sem entender de fato.

– Nia – ela repete. – Não é MeninaSelvagem. Nia. Este é o meu verdadeiro nome N-I-A. É gaélico. Ou swahili. Parece que sou meio irlandesa ou meio africana. Talvez os dois. Faça com que eu pare de falar daqui a pouco, está bem?

– Por que é que você está me dizendo isso agora? – Ainda estou pasmo. O que ela está fazendo? – Olhe, isto não é um jogo. Se você está fazendo isso

para ter alguma coisa para contar aos seus amigos quando voltar para casa, não faça. Não preciso da sua ajuda. Posso me virar sem o estúpido isqueiro.

– Não, é aí que você se engana. Você precisa *sim* da minha ajuda, só você não percebe isso.

Os olhos de MeninaSelvagem brilham aborrecidos.

– Achei que deveria contar meu nome a você antes de entrarmos lá, porque temos que estar juntos nisto. Uma equipe. Sem segredos e besteiras.

Eu deveria ter gostado de ela me ter dito o seu nome. Significa que confia em mim, pelo menos um pouco. Mas eu não me importaria de saber o que ela entende por equipe. Ela quer que eu seja como seu amigo qualquer de infância?

– Estou fazendo isso por você – ela diz, ainda que esteja me olhando furiosa.

Mas não lhe pedi. Nunca peço sua ajuda. Sou uma bagunça tão grande, um caso de piedade, para que ela tenha que intervir?

Por um segundo me vejo pelos olhos dela. Um cara preguiçoso demais e covarde demais para entrar em ação quando deveria. Não valho o esforço, penso em dizer a ela. Um murro fantasma volta a curvar os meus dedos e eu não saberia quem escolher primeiro para descarregá-lo. Estou tão confuso! Se eu ficar sentado aqui, pensando, alguma coisa na minha cabeça vai estourar. Fico de pé e espremo o mapa em meu bolso. A cerca ergue-se alta sobre nós.

– Vamos. Vou lhe dar um impulso para subir.

FINALMENTE, DEITADA À SOMBRA DE CIDADE dos Órfãos, o medo toma conta de mim. Eu deveria me sentir aliviada. Já era hora de encarar isso seriamente. MeninoLobo está em seu limite. Posso ver pela sua postura: contraído e pronto para entrar em ação de uma hora para outra. Não é que eu pense que os Moleques não são perigosos. É só que, até agora, me senti enfeitiçada. Eu me senti enfeitiçada desde o momento em que vi MeninoLobo. O que me manteve pedalando em alta velocidade na noite escura, tendo apenas como guia o som das rodas da bicicleta dele e sem qualquer ideia do que me esperava, foi a sensação de que coisas extraordinárias poderiam acontecer hoje à noite.

Mas isto é diferente. Isto é real. A grama pálida e frágil é real sob meus dedos, a cerca e os prédios à minha frente são reais e a chateação que vem de MeninoLobo é mais real do que qualquer outra coisa. Inspiro profundamente algumas vezes. Passamos sobre a primeira cerca e estamos deitados próximos da segunda, que é ainda mais alta e tem rolos de arame farpado no topo. Do outro lado há quadras escuras, amplos mares de escuridão, depois as torres. Seus contornos estão indistintos sob esta luz, mas posso preencher suas formas através dos quadrados de luz.

Repasso tudo o que Blake nos contou.

Procure por armadilhas. Até o mais novo dos Moleques pode montar uma boa.

Evite os Moleques drogados de açúcar: você não vai querer lutar com alguém que não sente dor de jeito nenhum.

Não ajude os Moleques pequenos que parecerem indefesos ou machucados. Eles usam os mais novos como isca.

– Você acha que o círculo da Lupe nos manteve a salvo dos piratas? – Estou procurando algo que me devolva confiança. Gostaria de acreditar que ainda estamos protegidos. Levanto-me sobre um cotovelo para averiguar o que está acontecendo no grande além-mundo. Não tenho ideia de por que

cochichei, não há ninguém à vista. Pensei que pudesse haver guardas, mas até aqui nada. Cidade dos Órfãos parece adormecida e quieta.

A resposta de MeninoLobo é abrupta:

– Não eram piratas, eram crianças.

Ele ainda está de mau humor. Pensei que fosse gostar de saber o meu nome verdadeiro, mas aparentemente não foi o que aconteceu. Mudei o rumo de toda a minha noite por causa dele. Percebo que MeninoLobo não quer balançar o barco e que essas pessoas realmente machucaram um amigo dele, mas não entendo por que ele está bravo comigo e não com os Moleques. Olho para trás, para a primeira cerca, para as silhuetas de nossas bicicletas apoiadas nela. Devíamos tê-las deixado deitadas no chão ou escondidas em algumas moitas. Se qualquer um passar e as vir, vai saber que alguém pulou a cerca.

– Temos que nos livrar de algumas dessas coisas.

– Por que você trouxe tanta tralha? – pergunto, enquanto MeninoLobo esvazia o conteúdo de sua mochila no chão.

– Não sabia do que iríamos precisar. – Ele não me olha. – Estávamos com pressa, então, trouxe tudo.

– Não jogue fora as minhas coisas. Estão no bolso da frente. Sem meu celular ou minhas chaves de casa, estou fodida. – Paguei minha bolsa com o primeiro contracheque que recebi do *call center*. Não quero perder mais nada esta noite.

A única coisa que conservei comigo, fora o ukulele, foi o cartão do banco. Eu o escondi a salvo no meu sutiã. Pego o mapa de MeninoLobo, enquanto ele remexe na mochila e tento sincronizar o desenho com o que está à minha frente. Mapas não são meu ponto forte.

– Blake não disse nada sobre as salas fortes, disse? – Posso estar falando comigo mesma. Espero de verdade que ela não nos tenha confundido de propósito, porque, se tiver, isso vai se tornar muito mais difícil. – Há quanto tempo você a conhece?

O olhar de MeninoLobo é duro.

– Cerca de seis meses. Nós nos conhecemos remexendo o lixo. Ela provavelmente se esqueceu de mencionar as salas. Você viu como estava Pete. Acho que o açúcar em excesso atrapalha a memória deles.

Seis meses não é tanto tempo para se conhecer alguém. Por outro lado, nenhum período o é, por maior que seja. Desisto do assunto. Vamos ter que

nos virar com as informações que temos.

O primeiro prédio depois da segunda cerca é um quadrado baixo. Uma espécie de barracão, ao que parece. Giro o mapa, tentando encontrar em vão o quadrado correspondente. Talvez Blake só tenha desenhado corretamente as torres e o resto seja apenas para nos dar uma ideia do que mais podemos encontrar. Aprendemos a ler mapas nas aulas de geografia no ano passado, mas acho que cochilei na maior parte do tempo.

MeninoLobo mostra um alicate monstruoso.

– Eu sabia que tinha trazido isto por alguma razão. Ele é bastante forte para cortar a cerca.

– Ótimo. Eu não estava morrendo de vontade de me rasgar no arame farpado.

Até agora, a noite tem sido como um acampamento para recrutas, especialmente cruel. MeninoLobo é quase doce. Se me desse algumas horas eu provavelmente o transformaria em um dançarino quase bom. Estou cheia. Meu peito dói, meus braços e pernas parecem gelatina. O jeans de MeninoLobo é grande demais para mim e a barra se arrasta sob meu calcanhar. Tenho que lembrar a mim mesma que posso não ser a corredora mais veloz e que tenho outras habilidades. Poderíamos facilmente ter entrado em confronto com os piratas, mas, em vez disso, no final, eles estavam praticamente comendo em nossas mãos. Se pelo menos eu conseguisse fazer isso com as meninas da escola. Com elas as coisas deram errado desde o começo.

– Pronto.

MeninoLobo enrola o equipamento dispensável em um pedaço de plástico azul e o esconde perto da cerca.

– Podemos apanhar isto quando sairmos.

Fico feliz que ele ache que vai haver uma saída. Do jeito que ele estava falando, era de se pensar que tínhamos reservado uma passagem só de ida para Terra dos Órfãos.

– Você começa com a cerca. Vou arrumar sua mochila.

MeninoLobo concorda e começa a cortar o arame. Observo-o por alguns minutos, com os olhos fixos em seus ombros caídos. Ele está tão distante quanto as estrelas acima de nós. Isso é como imaginei, a proximidade que tivemos na sala dos sonhadores no PequenaMorte.

Volto para a mochila. Ainda há muita coisa para arrumar, mesmo depois da triagem: uma quantidade pesada de corda, uma chave inglesa, um rolo de fita. Encontro uma faca e a coloco junto à pilha de objetos rejeitados, enquanto MeninoLobo não está olhando. Mike me disse para nunca carregar uma arma perto dos Commons porque ela poderá ser usada contra mim com a mesma facilidade. Isso é algo muito esquisito para um menino de doze anos dizer. Agora que estou pensando nisso, acho que essas palavras vieram do seu pai, um cara assustador, saído do exército, que nunca fez mais do que grunhir para mim, mesmo eu estando quase todos os dias na casa deles.

Por alguma razão, MeninoLobo colocou um saco plástico cheio de folhas verdes. Coloco o rosto perto dele e cheiro. Alguma espécie de erva, talvez orégano ou tomilho. Deixo o saco de fora.

– Você está vendendo maconha para criancinhas?

Na escuridão, o alicate parece uma extensão natural do braço de MeninoLobo, como se ele tivesse torques no lugar das mãos. Está escuro demais para que se possa ver seus olhos direito. Ele não responde, então falo com minha melhor voz de policial de narcóticos. Mamãe gosta muito de programas policiais de TV, então, faço isso bem.

– Então, você acha que tudo bem traficar drogas para a moçada de cinco anos, animal?

MeninoLobo responde com indolência:

– Eles têm pelo menos sete e você sabe disto.

Procuro seu sorriso no escuro, o que se torna ainda melhor quando de fato o encontro. Eu me convenço de que um sorriso significa que tudo está bem entre nós. Para começo de conversa, ele não era o garoto mais tagarela do mundo e provavelmente estamos nervosos pra danar. Vamos estar seguros, desde que possamos confiar um no outro.

Coloco as ervas misteriosas na mochila.

Depois que estivermos em Cidade dos Órfãos, pode ser que não tenhamos tempo para falar e preciso saber algumas coisas antes de atravessarmos a cerca final.

– O que mais você sabe sobre os Moleques?

– Não muito mais do que Blake nos contou.

– Mas você tem vivido deste jeito por três anos. Tem que saber mais.

– Não faz tanto tempo que os Moleques apareceram. Eles só começaram a se organizar há cerca de dois anos.

– Eles fizeram alguma coisa contra a sua família? Foi por isso que seus pais foram embora?

Foi apenas depois que as palavras saíram da minha boca que percebi que poderia estar me aproximando demais do que aconteceu com Gram. Talvez os Moleques tivessem algo a ver com sua morte. MeninoLobo para de cortar a cerca por um momento, mas não me olha.

– Minha família foi embora... bom, eles foram embora por muitas razões. Disseram que era porque todos os seus amigos estavam indo, os negócios estavam fechando e o preço dos imóveis despencando. Mas não acredito que fosse realmente por isso. Você sabe como os lugares podem se tornar ruins? Quando as coisas que acontecem ali ficam tão associadas ao próprio lugar que você não pode ir lá... – MeninoLobo vai se aquietando, como se não estivesse dizendo exatamente o que pretendia.

– Sei o que você quer dizer. – Cruzo os dedos e tento com todas as forças não interromper. Finalmente, ele está falando de novo. Eu sei mesmo o que ele quer dizer. Eles não precisam estar em lugares com lembranças ruins. Mike e eu costumávamos nos esconder no depósito, no telhado do nosso prédio. Transformamos aquilo em um clube, ainda que não fosse um clube de verdade. Mas era o lugar onde nós contávamos nossos segredos e fumávamos. Ou Mike fumava e eu olhava, porque eu detestava o gosto. Os segredos de Mike sempre eram maiores do que os meus. Desde que Mike foi embora, não vou mais lá. Não posso nem mesmo subir no telhado sem sentir um aperto no peito.

Não tenho pensado em Mike durante anos, é estranho que em uma hora eu tenha pensado nele duas vezes. Ele partiu um dia sem deixar um número de telefone ou o endereço novo. Quando você tem doze anos não pode fazer grande coisa para rastrear alguém. Naquela época, achei que nunca o perdoaria por me abandonar. Mas agora me vejo imaginando o que teria acontecido com ele. Será que voltaríamos a ser amigos se nos encontrássemos por acaso na rua?

MeninoLobo ficou quieto, logo deduzo que nossa conversa terminou. Ainda assim, foi um começo. Ele está quase terminando de cortar a ponta de um arame. Seu cabelo se concentra em cachos escuros contra a pele pálida do seu pescoço. Uma brisa assobia pela grama e o alicate continua

cortando, cortando, cortando. Olho para o alto e a lua está lá, cheia e redonda como um grande olho.

Quando a voz de MeninoLobo interrompe o momento, é só um sussurro sobre o farfalhar da grama.

– Se você quer saber a verdade, aconteceu mesmo uma coisa ruim com a minha família, mas não teve nada a ver com a Escuridão. Meu irmão, Gram. Tinha cinco anos a mais do que eu. Há cerca de quatro anos, ele se matou.

MeninoLobo parou de mexer na cerca, mas ainda está olhando para ela, ajoelhado, em posição de derrota. Essa era a verdade que eu queria que ele me dissesse, mas, agora que a ouvi, desejo não saber.

– As coisas andavam ruins há um tempo. Para a minha família, para Gram. Ele não falava com o meu pai há anos e só falava com a minha mãe pelo telefone a cada dois meses. Ele nunca ficava cara a cara com eles para nada. Rompeu com sua namorada e ela se mudou para o exterior. Estavam juntos desde os dezesseis anos e ninguém soube por que brigaram, por que ela foi embora.

MeninoLobo se vira para mim. Não há lágrimas em seus olhos, que estão escuros, insondáveis e vazios.

A primeira coisa que quero lhe perguntar é: como ele fez? Esta é sempre a primeira coisa que as pessoas querem saber, mas também é a mais estúpida. Seguro as palavras antes que saiam da minha boca.

– Esse é o isqueiro de Gram, não é? – eu pergunto e ele concorda.

– Gram ficou péssimo. Ele não andava bem. Sabíamos que estava bebendo demais e que se mantinha isolado. Passava o tempo todo puto. Mas ninguém percebeu o que ia acontecer. As coisas estavam mal, mas não pareciam tão mal.

Não parece que a história chegou ao fim, mas MeninoLobo está esgotado. É agora que devo dizer alguma coisa confortante, sábia ou até mesmo reconhecer o quanto tudo isso é horrível. Mas o que posso dizer? Fico só sentada ali com ele e a brisa assobia ao nosso redor. Espero que ele sinta a minha compaixão, ainda que eu não toque nele nem diga nada. Eu me sinto insuportavelmente triste. Agora entendo por que ele está segurando a história toda.

MeninoLobo escolheu viver entre as memórias de seu irmão e seus pais escolheram fugir delas. Mas duvido de que as tenham deixado para trás. Você pode viajar meio mundo e a dor ainda continuará dentro de você.

Depois de um tempo, MeninoLobo se inclina para a frente e puxa a aba do alambrado para cima, usando ambas as mãos para entortá-la tão alta quanto possível.

– Pronto – ele diz.

dezenove

DEPOIS DA SEGUNDA CERCA HÁ CINQUENTA metros de terreno descoberto antes do primeiro prédio. Rastejo como numa incursão militar, minha mochila faz uma protuberância indevida em minhas costas. MeninaSelvagem segue atrás. Paro por um segundo para ter certeza de que está me seguindo. Ela se arrasta obedientemente, mas revira os olhos, fazendo com que eu saiba que não está feliz com a situação. O ukulele fica escorregando para a frente e ela o empurra para trás com irritação.

Meus pés se arrastam. Sinto-me desligado da tarefa à minha frente. Quero me chutar por causa de todas as coisas que contei a ela. Os adultos sempre dizem: ponha pra fora, fale sobre o assunto, você vai se sentir muito melhor depois. Mas, pela minha experiência, não é verdade. Sinto-me mais pesado do que nunca.

São necessários alguns minutos para se chegar a uma área coberta. Blake nos preveniu sobre armadilhas idiotas, então, a cada movimento, examino o terreno à frente, procurando algo fora do normal. Chego ao prédio e me agacho contra suas paredes precárias. Deste lado não há portas nem janelas. A luz mais próxima fica ao pé da torre principal mais perto, ainda a uma boa distância. Este prédio é um galpão pequeno, com cerca de quatro metros de comprimento. Eu ouço atentamente. Em algum lugar distante um cachorro late. Perto de nós uma porta ou portão se movimenta com o vento.

MeninaSelvagem finalmente chega aonde estou sentado e se agacha junto a mim, esfregando os cotovelos, fazendo caretas. Pedacos de grama estão grudados no seu pulôver e no seu cabelo. Suas mãos estão imundas como as minhas.

– Definitivamente chega de rastejar por esta noite e isto é uma regra. Não sou uma lesma.

Quero dizer a MeninaSelvagem que o ukulele é um estorvo e precisa ser abandonado, mas tenho certeza de que ela vai me dizer onde enfiar. Arrasto-me até a esquina do prédio. Há mais quatro construções semelhantes à

nossa volta, depois uma área asfaltada que parece um estacionamento. Conseguimos. Estamos em Cidade dos Órfãos. Não conheço ninguém que tenha adentrado essas cercas. É hora de concentração, mas “Estou confuso”, digo. Estou confuso sobre essa sensação tensa entre nós. Estou confuso quanto ao fato de ter contado a ela um monte de informações pessoais e ela não ter feito qualquer comentário.

– É? Sobre o quê? – MeninaSelvagem pressiona o queixo sobre o meu ombro, tentando ver o que estou vendo.

– Devo chamar você de Nia ou MeninaSelvagem?

– MeninaSelvagem, claro. Não estou chamando você de Jethro, estou?

Olho para ela. Seu batom já saiu e sua sombra está borrada. Há uma pequena ruga entre suas sobrancelhas que antes não estava lá. Eu fiz isso com ela. Na melhor das hipóteses, ela esperava ir a algum clube descolado hoje à noite e talvez ver alguns malucos notívagos. Em vez disso, eu lhe contei minha triste história.

Dói não ter o peso familiar do isqueiro de Gram em meu bolso. Ainda sinto conforto em tocar em algo que ele segurou tantas vezes. Minha mãe ficaria muito chateada se soubesse que o perdi.

Posso ver o limite de uma das torres no final do estacionamento e, além dela, as outras torres se erguendo firmes na noite. Elas estão horizontalmente recortadas com janelas e verticalmente com uma coluna central de luz que deve ser o fosso da escada ou dos cabos do elevador. Pelo padrão das luzes, é possível dizer que prédios estão mais ocupados e quais são mais perigosos. Menos de um quarto das luzes está aceso na torre mais próxima.

Deve parecer tão incrível para os Moleques conseguirem viver juntos sem pais, sem adultos, sem ninguém para dizer o que fazer. Se eu fosse menor quando a Escuridão apareceu, talvez tivesse me juntado a eles.

– Então, de novo, qual era o plano? – pergunta MeninaSelvagem.

É preciso culhão para atravessar aquela cerca. Procuo minha raiva, mas ela se foi. MeninaSelvagem não tem que fazer isso e ela não está apontando uma faca para a minha cabeça para eu fazer isso. Eu devo a ela fazer com que isto seja o mais fácil possível. É uma pena que não tenhamos pensado em depois de “invadir Cidade dos Órfãos”.

Tiro o mapa de Blake do bolso. Ele já está ficando gasto nas dobras. Tento juntar o mapa com o que está à nossa frente, mas ele se perde em uma

confusão aleatória de escritas toscas e rabiscos. Suspiro.

– Acho que achamos o prédio Seis.

– Acho que aquele é o prédio Dez. – MeninaSelvagem aponta a torre mais próxima. – Os prédios estão dispostos em dois semicírculos. De Um a Cinco estão na curva interna, de Seis a Dez, na externa. – Ela para com a testa franzida, a boca aberta como se fosse continuar. Tira o mapa das minhas mãos.

– O que foi? – pergunto.

– Nada – ela responde. – Pensei... a localização dos prédios. É difícil dizer.

– Bom, se aquele é o número Dez, o que está diagonalmente atrás dele é o Um, o que significa que o Seis estaria do lado esquerdo, logo no final. Acho que deveríamos passar por entre as duas fileiras. Assim, podemos ir tanto para a esquerda quanto para a direita, protegidos.

Eu me levanto e dou alguns passos para fora da cobertura, assim posso ver melhor. As torres mais próximas estão quase completamente apagadas. MeninaSelvagem estava certa. Precisamos trabalhar juntos. Talvez isto seja mais fácil do que prevíamos. Não vamos precisar de muito tempo para chegar ao prédio Seis. Poderíamos entrar e sair em quinze minutos.

– Cuidado – diz MeninaSelvagem.

– Está tranquilo – digo, no momento em que um feixe de luz corre pelo meu braço e percorre o meu torso. Caio no chão, meio cego, minha visão se enche de clarões.

MENINOLOBO SE ABAIXA COM A VELOCIDADE de um raio. Eu me esmago contra a parede e seguro a respiração como se isso fizesse diferença para a minha visibilidade.

A luz varre de volta sobre o mesmo lugar, acima de onde MeninoLobo está deitado e se vai. Vislumbro a traseira de um carro preto. Uma passagem de carro estreita, quase invisível desta posição passa por detrás do estacionamento e defronte ao primeiro semicírculo de torres. Forço a vista em direção ao carro, mas tudo o que posso ver é o brilho reflexivo do número da placa. Do outro lado, à direita, há um jogo de portões automáticos que se fecham entre dois pilares de tijolos. Como não vimos isso antes?

Quando torno a olhar para onde MeninoLobo estava deitado há apenas segundos, não há nada, só uma escuridão indistinta. Ele se foi. Deixo que meus olhos vagueiem bem abertos pelo estacionamento vazio. Estou à beira do pânico absoluto quando o vejo agachado ainda mais longe, diante do prédio Dez, acenando para que eu vá até lá.

Merda. Para chegar lá vou ter que atravessar o estacionamento e a passagem de carro. Não tenho a menor ideia de como MeninoLobo percorreu esta distância tão rápido. O carro preto está além do estacionamento agora, mas, se o motorista olhar pelo retrovisor no momento errado, vai me ver com certeza.

Respiro fundo, depois atravesso rapidamente quatro quadras desbotadas, pintadas de betume, e evito uma rede de futebol arrebatada, deixada de lado. Escorrego com meus joelhos, raspando-os contra uma madeira para chegar ao prédio Dez. É mais novo e mais vistoso do que os prédios do Plexus Commons, com janelas refletivas como um conjunto de escritórios.

– Acha que eles viram a gente? – ofego. Mas nós já saímos de lá.

MeninoLobo me puxa pelo punho do meu pulôver, através da brecha estreita até o próximo prédio. De início tento resistir, mas depois me deixo

levar, tentando não tropeçar nele nem ficar para trás. Minha respiração está ofegante, meus ouvidos se enchem de zumbido. O mundo está embaçado. Outra torre reluz. Passamos por uns restos de lenha e bicicletas arrebitadas. Paramos no prédio Oito e recomeçamos a rastejar de novo.

– O que você está fazendo? – consigo perguntar. O ar que entra nos meus pulmões não é suficiente.

– Vamos. Acho que vi alguma coisa.

– O quê?

Agarro no seu pulso e tento contê-lo, mas ele é forte demais e sou forçada a segui-lo até o canto extremo do prédio.

MeninoLobo espia dobrando a esquina e depois gesticula para que eu me aproxime. Aqui não é tão escuro quanto eu esperava. A vaga luz laranja dos poucos postes salpicados em torno suaviza a noite.

Por detrás do prédio Oito, a faixa de asfalto se curva para a direita, passando por entre as duas fileiras de prédios até terminar no meio de quatro torres. Entre nós e a rua, a cinco metros de distância, há apenas uma caçamba de lixo. O carro preto está estacionado no final da rua, ainda com os faróis acesos. As portas do carro se abrem, uma na frente e uma atrás, e dois homens saem. Tento prestar atenção nos prédios a distância, além do carro parado. Ainda não tenho certeza, mas eles parecem...

MeninoLobo rasteja para ainda mais perto da esquina.

– Pare! – cochicho o mais alto que me atrevo. – Aonde você está indo?

Ele se esgueira dobrando a esquina, onde não há quase nada entre ele e o carro, e entre ser visto e sermos pegos, e acabar acontecendo sabe-deus-o-quê conosco.

Merda.

Espicho a cabeça na virada da esquina, esperando ver MeninoLobo escondido atrás da caçamba, mas ele não está lá. Além dela, os dois homens dão a volta na frente do carro. Estão de terno e parecem agentes do serviço secreto, não que eu já tenha visto algum ao vivo. Recuo vários passos. De jeito nenhum vou seguir MeninoLobo e não vou ficar aqui parada para ver se ele é suficientemente estúpido para chegar perto do carro. Sigo arrastando os pés, até que contorno outra esquina. É possível que eu esteja prestes a vomitar. Minha cabeça é uma bola confusa de pensamentos com fios se desenrolando em todos os cantos. Não tenho certeza se devo incitar

tanto MeninoLobo. Sua família já perdeu alguém e deixou que essa desgraça os separasse. E se algo acontecesse a MeninoLobo esta noite?

Do outro lado do prédio Oito, tropeço em uma reentrância rasa, feita para uma caixa de fusíveis. A caixa de metal está parafusada na parede ao nível dos olhos, deixando espaço suficiente para se sentar debaixo dela. Não é o melhor lugar para se esconder, mas por alguns minutos vai servir.

Escorrego na brecha e abraço meus joelhos junto ao peito, tentando aquietar a respiração, o coração e as mãos. Este é meu castigo por querer uma noite que apagaria o dia, uma noite com segredos sombrios, perseguições em becos e senhas. Cuidado ao que você deseja. Fecho os olhos.

Cidade dos Órfãos parece real demais e, ao mesmo tempo, completamente irreal como um sonho. Há coisas acontecendo neste lugar que mal entendo. Aqueles homens podem ter qualquer coisa no porta-malas do carro: armas, ou vendas, ou cordas, ou tijolos. Isso não é mais um jogo dos Moleques. Podemos morrer aqui em Cidade dos Órfãos e ninguém vai saber o que aconteceu conosco.

Depois, as meninas da escola vão ser a última das minhas preocupações.

Meus olhos se arregalam quando ouço pés passando. Encolho-me contra a parede. Os passos voltam. MeninoLobo se abaixa perto de mim ofegante e vitorioso.

– Eu sabia que havia alguma coisa ilícita com aquele carro!

Ele olha para mim esperando alguma espécie de reação, mas não reajo.

– Aqueles dois caras saíram e conversaram com alguns Moleques. Os Moleques lhes deram alguma coisa em uma sacola de plástico e depois todos entraram juntos no carro. Pensei que fossem sair para algum lugar, mas ficaram lá. Cheguei mais perto, mas não consegui ver mais nada. Até onde sei, eles ainda estão lá. Aposto que têm malas cheias de dinheiro.

Ele torna a me olhar e eu o olho sem expressão.

– Exatamente como um filme... – ele me encara. Sua cabeça quase encosta na caixa de fusível acima de nós.

– Aconteceu alguma coisa com você?

Dou de ombros.

– Nada. – Ele não se preocupa com o risco que acabou de nos fazer passar.

Faço meu truque: vou-me embora, abandono a cabeça, o corpo, até que nada tenha importância. Estou a mundos de distância e parei de tremer. O ar noturno me congelou, estou completamente gelada e dura.

– Não faça isto – diz MeninoLobo com uma voz tênue.

– O quê?

– Me ignorar. Diga o que fiz de errado.

Ele parece pequeno e esgotado, nada parecido com o descolado uivador que encontrei no bar há horas. Seria mais fácil se ele estivesse bravo.

– Se eu soubesse o que fiz de errado, provavelmente eu não teria feito, teria?

Expiro fracamente.

– Você não está *tentando* ser morto, está?

MeninoLobo fica embasbacado.

– Que diabo você estava fazendo, correndo atrás daquele carro daquele jeito? Não sabemos quem são aquelas pessoas. Você está tentando fazer com que nos matem?

Pensei que estivesse só chateada, mas minha voz sai num tom bravo. Mordisco meu lábio inferior enquanto MeninoLobo me olha como se eu fosse uma granada com o pino puxado.

– Pensei que tivesse reconhecido o carro – diz com suavidade. Ele não enfrenta a minha raiva. – Fui em frente sem pensar, por instinto. Não tenho vontade de morrer. Não pense *nisso*.

Minha raiva se esvai com a mesma velocidade com que veio. Queria poder pegar minhas palavras de volta. Não pensei no que estava insinuando.

– Você quer que eu me desculpe?

Penso por alguns segundos. Não vai doer.

– Sim – decido, mesmo não fazendo tanto tempo que disse para ele parar de se desculpar. – Quero.

– Sinto muito – ele diz honestamente e por uma fração de segundo vejo o menininho na árvore. Um calor invade meu corpo.

– Mas pensei que era isso que você queria – MeninoLobo diz. – E nós já descobrimos uma coisa. Há mais coisas acontecendo em Cidade dos Órfãos do que suspeitávamos.

Arrisco um olhar para ele.

– Me sinto estúpida. Foi uma ideia minha, mas está mais assustador do que pensei que poderia ser. Ao primeiro sinal de perigo eu corri e você agiu

como um homem de ação.

– Eu não me preocuparia. Você está apenas se aquecendo.

De repente, me lembro do que Blake disse na casa de MeninoLobo: *Você não sabe como são essas pessoas*. Pessoas, não Moleques. Ela sabia que havia adultos envolvidos. – Faz sentido haver adultos envolvidos, não faz? – eu digo. – Se os Moleques estão o tempo todo doidões, tem que haver alguém sóbrio no comando. E não iriam ser os macacos, não é?

MeninoLobo sorri, mostrando seus dentes incisivos brancos e pontudos.

– Você pensou que encontraríamos um tásio na suíte da cobertura, sentado sobre pilhas de barras de ouro?

– Hum, hum. E que eles teriam calculadoras gigantes em suas mãos minúsculas e cocaína nos seus bigodes.

Sorrimos perante essa visão.

MeninoLobo coloca a mão no meu joelho.

– Posso fazer isso sozinho. Se você quiser voltar não vou usar isso contra você. Você já fez o bastante.

– Não. Eu já te falei. Eu não vou voltar agora.

MeninoLobo coloca-se de pé e me estende a mão.

– Pelo lado positivo, estamos agora muito mais próximos do prédio Seis.

– Quanto a isto – digo, deixando que ele me puxe de sob a caixa de fusível e dando uma respirada profunda. Está na hora de descobrir se minhas suspeitas estão corretas. – Você reparou que tem alguma coisa diferente no prédio Sete?

vinte e um

NÃO VAI DAR PARA IR DIRETAMENTE até os outros prédios. O carro preto ainda está parado no final da rua com os faróis desligados. Não sabemos se os homens e os Moleques ainda estão lá. A invasão já valeu a pena só por ver a troca entre os homens e os Moleques. Isso tudo significa alguma coisa e eu quero saber o quê.

– Se voltarmos um pouco, vamos sair do campo de visão – sussurra MeninaSelvagem.

Eu estava pensando a mesma coisa.

Voltamos pelo caminho de onde viemos até que a rua fica reta e não se vê mais o carro. Aponto do outro lado da rua para outro barracão. Olho nos olhos de MeninaSelvagem e esboço um caminho com o dedo. Os prédios Sete e Seis não são muito distantes um do outro. Devemos conseguir ficar fora da vista do carro.

A lua está bem no alto. A cena à nossa frente parece sem profundidade, como se tivesse sido pintada em uma tela com tinta a óleo. O barracão é em forma de cubo. Manchas escuras da sombra. Luz branca da lua.

Corremos em silêncio, mantendo-nos abaixados. Minha mochila balança para cima e para baixo. Nossos pés esmagam o cascalho, depois passam pela terra até o barracão. Todos os outros sons parecem ter sido sugados da noite.

Ficamos grudados um ao outro, atrás do barracão. Dou uma olhada em MeninaSelvagem. Ela sorri de volta, tensa. Acho que estamos bem. Não me ocorreu que ela poderia pirar desse jeito. Minhas pernas e meus braços formigam por causa da adrenalina. É uma sensação boa. Nós estamos realmente indo em frente.

– Pronta? – encosto no ombro de MeninaSelvagem, preparando-nos para outra corrida rápida até os fundos do Sete.

Mas, em vez de concordar, ela agarra o meu braço.

– O que é aquele som?

– O quê?

– Ouça.

De início só há um silêncio evidente e melancólico que combina com a cena evidente e melancólica à nossa frente, mas, então, eu ouço. Uma chilreada e um farfalhar. Um sopro muito leve de brisa flutua por nós, carregando com ele um cheiro definido.

– Acho que vem de dentro... – não preciso acrescentar: deste prédio. O que nós estamos encostados.

MeninaSelvagem me agarra com mais força. Paro, minhas narinas inalam o ar à nossa volta em pequenas arfadas. A resposta me chega como um Sonhador na noite.

– Venha – cochicho. Vou em frente, forçando MeninaSelvagem a afrouxar sua pressão. A frente do barracão tem uma varanda estreita e uma parede baixa encimada por duas portas de tela de arame. A chilreada se intensifica. Alço-me sobre a beirada da parede para olhar pelas portas. MeninaSelvagem fica atrás, no canto, recusando-se a se aproximar.

Volumes peludos se aninham em dois ou três em poleiros horizontais, perto do chão e mais altos. Um aquecedor perto da parede do fundo espalha uma luz vermelha mortiça. O ar está denso com o cheiro azedo de excrementos, urina e pelos.

– É a suíte da cobertura!

MeninaSelvagem junta-se a mim na borda.

Uns poucos társios piscam para nós, imperturbáveis. O restante está dormindo, alguns se apoiando entre si, outros sentados nos poucos galhos espalhados. Começo a contá-los, mas paro no cinquenta. MeninaSelvagem agarra-se à tela, enfiando os dedos pelo arame.

– São tão pequenos. E tão pacíficos!

De perto, o társio parece menor e mais delicado. Ocuparia confortavelmente a palma da minha mão e ainda sobraria espaço. Não parece que possam machucar ninguém. Um társio sonolento está em um poleiro baixo na nossa frente. A pele dos seus dedos é translúcida, revelando redes de veias como teias de aranha. Suas orelhas, finas como papel, giram como discos parabólicos de satélites.

– Acabei de reparar em uma coisa – digo. – Os olhos deles não refletem a luz.

– E deveriam?

– Bom, pense nos cachorros, gambás ou gatos. Todos têm olhos que brilham à noite.

– Não é de se estranhar que seja tão difícil localizá-los no escuro.

Agora, mais olhos se abrem. É como se a notícia da presença de humanos estúpidos nos arredores tivesse se espalhado.

– Você acha que os Moleques têm quantos?

– Não faço ideia. Aqui há muitos. Talvez eles façam com que trabalhem em turnos, alguns ficam aqui descansando enquanto outros fazem as rondas.

– Por algum motivo imaginei a coisa de um jeito diferente. – MeninaSelvagem olha o tásio que está mais perto de nós. Ela está com um ar enternecido, uma aparência desarmada que eu nunca tinha visto antes. – Pensei que eles eram animais de estimação. Como se todo Moleque tivesse seu próprio companheiro macaquinho, que senta em seu ombro e dorme no seu travesseiro.

É uma ideia simpática, mas não é realista.

– Já vi alguns Moleques fazerem coisas para lá de terríveis com os társios. Já os vi serem chutados, atirados longe, queimados e por aí vai. Mas talvez não seja um caminho de mão única. Paul tem uma teoria de que os társios estão formando seu próprio exército para derrubar os Moleques.

– Gosto do Paul. Quando isto tudo terminar, podemos nos encontrar de novo com ele, para que eu possa ouvir todas essas teorias malucas?

Olho para ela surpreso. Acho que, até hoje, nenhuma menina teve vontade de passar um tempo com meus amigos.

– Claro. Mas o fim ainda está longe, não é?

– Tenho uma ideia.

MeninaSelvagem examina as portas. Uma corrente grossa com um cadeado envolve os trincos. Ela sacode a corrente. Vários pares de olhos se abrem rapidamente. Dezenas de társios se agitam, se acomodam e depois tornam a se agitar.

Acho que sei qual é a brilhante ideia dela.

– Você não está... – digo, e ela se vira para mim.

– Não está trancado! Eles puseram esta corrente de merda e o cadeado e olhe... – ela chacoalha de novo para mostrar que o cadeado só está passado pelas portas e não passado pela tranca.

– Não. Não, você não vai.

– Vou.

– Os Moleques vão saber que alguém os soltou. Vão saber que tem alguém dentro de Cidade dos Órfãos.

– Se os tásrios escaparem, eles vão estar ocupados demais tentando prendê-los de volta para se preocupar em saber onde estamos. Além disso... eca!

Um tásrio atravessa o cercado em um salto e bate contra as portas. Seus olhos saltados estão a centímetros do rosto de MeninaSelvagem. Ela cai para trás.

Não sei se dou risada ou digo para ela ficar quieta. Ela me dá um olhar fuzilante, mas posso dizer que até ela vê o lado engraçado disso.

– Você vai me ajudar ou o quê?

Ajudo-a a se levantar. O tásrio ainda está pressionado contra a barreira com uma expressão suplicante. Seus dedos agarram o arame. Vários outros animais vão para o chão e avançam rastejando.

– Acho que ele quer sair – diz MeninaSelvagem, e o tásrio inclina a cabeça. – Ele quer. Pobre bichinho.

Ela estende seu dedo indicador, contraindo os lábios e fazendo som de beijos. Quem imaginaria que ela poderia ser uma manteiga derretida. – É de matar o que eles fazem com os tásrios.

– Você quer perder um dedo? – afasto a mão dela.

Agora, há dezenas de tásrios se arrastando para a porta, com amor assomando a seus olhos. Eles se reúnem defronte à parede da frente. Juro que alguns deles estão com as mãos ossudas estendidas, pedindo.

– Eles precisam que nós os libertemos.

– E o que você acha disso? Nós deixamos que saiam e em vez de fugirem eles nos atacam.

– Olhe para eles, estão todos confinados e miseráveis. Seria realmente errado deixarmos que continuem trancados, quando é tão fácil soltá-los.

MeninaSelvagem, movendo-se bem decidida, como se temesse que eu a impedisse, enfia sua mão pela porta e solta o pino. Os tásrios recuam para dar espaço para a porta, que se abre para dentro.

Por um segundo há uma calma, umas batidas e, então, os tásrios se aglomeram como se fossem um só em direção à porta. Jorram pela abertura estreita e saem para o ar livre, em todas as direções, pelo estacionamento, subindo pelas paredes do prédio mais próximo, em direção à cerca. Parecem rolamentos correndo pela paisagem de pintura a óleo.

– Corram criaturinhas! – MeninaSelvagem bate palmas.
Levo-a embora. Nós também temos que correr.

Assim que chegamos ao Prédio Sete, fica óbvio que MeninaSelvagem tem razão quanto ao fato de ele ser diferente: tem pelo menos dez anos a mais do que os outros prédios que nós vimos. O Sete se apoia em pilares sólidos, pintados de laranja desbotado, e suas entranhas são um labirinto de escadas, corrimões e fossos de escadas. Um desenho de Escher ao vivo. Preferia as paredes suaves dos outros prédios. Havia menos lugares onde pudéssemos nos esconder, mas pelo menos dava para ver claramente o que estava acontecendo.

MeninaSelvagem parece não ter tais escrúpulos. Toma a dianteira, arrastando-me com uma mão coberta de lã. Enfiou seus polegares pelos buracos das mangas do meu pulôver, criando luvas provisórias. Com certeza deixou de ser a pessoa assustada demais, de dez minutos atrás, para seguir em frente. O prédio com a fogueira deve estar perto, porque sinto cheiro de fumaça no ar.

Subimos um lance pequeno de escada e contornamos o prédio pela esquerda. As paredes são feitas de milhares de pedras brilhantes juntadas com concreto. Estamos indo na direção errada, para longe do prédio Seis. Quebro a cabeça para dizer isso a MeninaSelvagem de um jeito delicado.

– Isto é perfeito – diz MeninaSelvagem.

– Do que você está falando?

– Estes prédios foram construídos do mesmo jeito que o Plexus Commons.

Passamos pelo fosso de uma escada com uma gaiola fechada cheia de bicicletas dentro. Plexus Commons? Estou confuso por causa do que ela diz.

– Eu contei para você. Vivo num conjunto habitacional. Nos Commons, onde eu moro, há oito prédios e eles são exatamente iguais, dentro e fora. Bom, Cidade dos Órfãos deve ter sido construída com a mesma planta, porque conheço isso aqui como se fosse a palma da minha mão. Os prédios desta ponta devem ter sido construídos antes dos outros.

– Tem certeza? Talvez eles só pareçam iguais por fora.

MeninaSelvagem desfila com suas botas de cowboy como se a calçada fosse uma passarela. Duas janelas acesas no primeiro andar nos espreitam de cima como um par de olhos amarelos. Outras janelas estão abertas para deixar que o ar e o som entrem. Ao contrário dos outros, parece que neste prédio há vida. MeninaSelvagem para e me olha. Pelo menos ela tem o bom senso de manter a voz baixa.

– Pergunte-me quantos andares tem este prédio.

– Não temos tempo para isso.

– Doze. Em algum momento você me viu olhar para cima e contar?

– Está bem, está bem – ergo as mãos reconhecendo minha derrota. – Mas o que há de errado em correr até o Seis? Podemos chegar lá em segundos.

– Porque o plano não é esse. Confie em mim.

Não posso me conter.

– Claro, desde que você confie em mim.

Seus olhos cintilam como fósforos acesos.

– Ah, nós vamos ter esta conversa agora? – ela diz.

Volto a pegar na sua mão coberta de lã. Eu poderia lembrá-la do seu comentário sobre o desejo de morrer, mas me contenho. É bom tê-la ao meu lado. Temos que guardar a nossa fúria para quando for preciso.

– Mais tarde. Diga-me como vamos entrar no prédio Seis.

O QUE MENINOLOBO NÃO SABE É que a entrada para o Seis passa pelo Sete. E a entrada para o Sete é diretamente pela porta da frente, como se fôssemos Moleques chupadores de pirulitos e sorvetes. Não vou mentir: a entrada deprimente parece uma boca do inferno, mas me obrigo a descer a escada. As portas de vidro estão lambuzadas de marcas de milhares de dedos dos Moleques. O *hall* está deserto e não está mais quente do que lá fora. Desagradáveis luzes fluorescentes saltam do chão de linóleo gasto e dos falsos painéis de madeira. A decoração é diferente, mas estou quase cem por cento certa de que o *layout* destes prédios é igual ao dos Commons.

Caminho imediatamente até o elevador e aperto o botão para subir. Sei quais deverão ser nossos próximos movimentos e quero que MeninoLobo volte a ter confiança em mim. Chega de histeria. Libertar os társios não foi a coisa mais esperta a se fazer, mas significou também que não tenho mais medo de fazer o que é certo. Não acho que afetou nossas chances. Pelo menos não por enquanto.

O elevador não chega. Cruzo os braços e brinco com as pontas esfiapadas das minhas mangas. Eu posso saber para onde estamos indo, mas ainda não sei o que encontraremos lá. Percebo que MeninoLobo parece ansioso, então me esforço para não me mostrar impaciente. Não o culpo. Estamos expostos aqui, iluminados por uma luz fluorescente doentia.

– O que faremos quando virmos alguém? – MeninoLobo pergunta. – Eles vão saber de cara que não somos daqui. Precisamos de uma desculpa. Ou vamos atirar primeiro e perguntar depois?

Aperto novamente o botão para subir e me concentro nos números dos andares acima da porta do elevador, fingindo que posso fazer com que ele chegue mais rápido só olhando para eles. Vamos lá. Por que nem mesmo o ouço se movimentando?

– Temos que agir de improviso. A recomendação é não sairmos atirando para tudo quanto é lado. Primeiro temos que tentar nos safar pela conversa.

O elevador finalmente começa a descer. Os números dos andares acendem em sequência: 5, 4, 3, 2, 1.

– Ele estava parado no quinto andar – observo. – É um bom sinal.

O elevador chega ao térreo com um tranco. As botas de MeninoLobo guincham no linóleo enquanto ele se agacha em uma posição defensiva. Fixo meus olhos nas portas de aço, preparando-me para o que estiver por detrás dela. As portas se abrem. O elevador está vazio.

Ele está iluminado por uma lâmpada fraca e tem um cheiro muito desagradável de urina ou de alguma coisa pior. Em um canto há um velho banquinho surrado e todas as paredes estão rabiscadas com hidrográfica vermelha. É um horror, mas está vazio.

As portas se fecham fazendo barulho atrás de nós. O elevador é precário e corre ar encanado. Tenho certeza de que posso ver vãos onde as paredes se encontram com o chão. Aperto o botão de cima, marcado “T”. Os cabos e pesos que operam a arapuca mortífera ressoam à nossa volta. As paredes são tão finas como papelão.

– T?

– Telhado.

– Nós vamos fazer um rapel para o Seis?

– Precisamos dar uma olhada na disposição das coisas antes de nos precipitarmos. Do telhado podemos ver tudo. Ver se tem armadilhas. Traçar algumas rotas de fuga.

MeninoLobo se acalma, o que me leva a pensar que ele não considera meu plano completamente insano. Se há algo de que não posso acusá-lo é de estar sendo machão. Ele estava me ouvindo quando disse que precisávamos ser uma equipe. E, nesse momento, esse membro da equipe precisa ir ao telhado para esfriar a cabeça. Quando atravessamos a cerca para entrar em Cidade dos Órfãos, não deixamos nossos problemas para trás. Depois que estivermos no Prédio Seis, com a chance de conseguir o isqueiro, não quero estar pensando em mais nada.

Volto minha atenção para os números acima da porta.

2.

3.

A subida do elevador está longe de ser macia e, por várias vezes, ele balança e dá umas paradas, somente para segundos depois arrancar para cima.

4.

5.

– Lembra um pouco a roleta-russa, não lembra? – eu digo sem deixar de olhar os números dos andares à medida que acendem.

– Está perdendo a calma? – ele pergunta, mas suspeito de que ele esteja duro de medo. Provavelmente, estou a segundos de me descontrolar. Por favor, não permita que o elevador pare. Por favor, faça com que ele vá direto para o telhado.

E, então, acontece.

8.

O elevador para.

DING!

Só tenho tempo para xingar antes que as portas se abram.

O oitavo andar está totalmente escuro e é impossível enxergar além da entrada do elevador. Uma figura sai do escuro. MeninoLobo vai para o canto, no fundo do elevador. Acho que ele aceitou a história de não sair atirando.

Um Moleque pequeno, carregando uma minitevê com a tela quebrada, entra no elevador. Seu capuz de proteção contra o vento obscurece quase todo o seu rosto e seus pés descalços estão esfolados e sujos. Um fedor de lã molhada e esterco de galinha invade o elevador.

Ele entra sem olhar para nós, vira o rosto para a entrada e aperta o número 11. Usa uma prancha de madeira amarrada diagonalmente em suas costas como uma espada. Meus olhos se arregalam. Cacos de vidro foram colados na madeira com as pontas para fora. Se alguém tivesse a infelicidade de ser espancado com isso, sangraria em cerca de cinquenta lugares diferentes. As portas se fecham e o elevador range mais uma vez entrando em ação.

9.

Não respiro. Mantenho a calma. Movimento os ombros para poder sentir o ukulele se mexendo. Se for necessário, sacrifico-o em qualquer Moleque que precise de um ukulele na cabeça.

O Encapuzado não consegue ficar quieto: sapatea no linóleo gasto. Existe a possibilidade de que não consiga nos ver com clareza debaixo do capuz, ou de que ele esteja chapado demais para se interessar. As pernas do banquinho ressoam no chão conforme o elevador se mexe. O Encapuzado

se vira para nós, reagindo ao som, e resmunga um cumprimento. Estica a TV para a frente.

– Perdi meus *privilézios* de poder – ele diz com a pronúncia defeituosa de um assassino. – Gordie pegou os meus tesouros, então dei umas facadas nele.

Nenhum de nós diz uma palavra.

Logicamente não é uma conversa agradável que o Encapuzado está procurando, porque ele fica tenso e se vira para nos encarar. Seu rosto poderia estar semiderretido debaixo daquele capuz que nós não saberíamos. Uma de suas mãos solta a televisão e se dirige lentamente para o ombro, para tocar a ponta do que lhe serve como arma.

Dou uma olhada em MeninoLobo e ele está paralisado junto ao canto.

Depende de mim.

Eu me recolho e recorro a considerações breves. Curvo meus ombros e balanço para a frente e para trás sobre os calcanhares. Faço uma expressão extasiada e mordo o lábio.

– Parece que Gordie recebeu o que merecia – digo com a voz esganiçada. Acho que exagerei, mas o Encapuzado ri, mostrando nada além do que gengivas rosa. Não é de estranhar que ele fale como se tivesse a boca cheia de algodão-doce. Sua mão contraída recua e ele luta com a televisão por alguns segundos, tentando não deixá-la cair.

– Ainda não acabei com ele, não é?

11.

O elevador dá um solavanco e o Encapuzado ajeita as mãos sobre a TV para conseguir segurá-la melhor.

– Qui si paxa cu... – ele gesticula com a TV. – Qui si paxa cu colega ali?

Ah, MeninoLobo vai adorar isso!

– Ah, ele? – Enrolo um pedaço de cabelo em torno do dedo e tento parecer ignorante. – Sei lá. O chefe diz que é pra eu tomar conta dele. É um *freelancer* ou coisa parecida.

A porta se abre. O Encapuzado assente com prudência. Tenho uma visão dos seus olhos brilhantes, quando seu capuz escorrega.

– Tá cuntecendo um bucadu dixo nexes dias. Eles conseguiram um xem nome exa noite. Pode ser que tenha um pouco de axão. Espero.

Sem nome. Foi o que o *barman* disse no PequenaMorte quando usei o cartão.

O décimo primeiro andar cheira a fumaça e vibra com uma luz vermelha. Conforme o Encapuzado atravessa a soleira, ele tropeça e cai de joelhos. A TV cai das suas mãos e se arrebenta no chão. Um caco de plástico preto é arremessado para a escuridão. MeninoLobo corre para ajudar, enquanto o Encapuzado rola para o lado e se enrola em uma bola de proteção.

Algo me faz esticar o braço, impedindo MeninoLobo de deixar o elevador. Tenho tempo bastante para vislumbrar uma segunda figura de tocaia, no corredor, antes que as portas se fechem.

MEU CORAÇÃO AINDA NÃO TINHA VOLTADO ao ritmo normal quando o elevador nos despejou no último andar. As portas de aço se abrem para um vestíbulo e subo quase correndo a escada estreita que leva para cima, à direita. A escada termina em uma porta de um verde hospitalar. Tudo está exatamente onde deve-ria estar.

– Devagar – MeninoLobo me previne, quando abaixo o trinco. Abro a porta aos poucos, colocando primeiro a cabeça no ar cortante da noite e depois o resto do corpo.

O telhado está vazio. Pego a mão de MeninoLobo, mais para me confortar do que o inverso. O telhado é um retângulo liso de concreto, talvez com trinta metros de um lado e vinte de outro e uma mureta na altura da cintura o circunda. No Commons, ela não é suficientemente alta para desencorajar o suicida ocasional. Fico imaginando se eles têm o mesmo problema em Cidade dos Órfãos.

Minhas narinas coçam com o cheiro acre de madeira queimada. Alguém andou se dedicando a uma séria piromania por aqui. O telhado está coberto de lenha carbonizada. O concreto está chamuscado e sujo de carvão. No centro, há uma pilha de mobília queimada. Posso estar imaginando coisas, mas o concreto parece quente sob os meus pés.

Todos que moram no Commons têm o direito de usar o telhado de seu próprio prédio, mas na realidade, em cada um deles, há sempre um grupo de pessoas que detém o controle. Meu telhado é dominado por um grupo de avós que jogam cartas e bebem gim e que não se incomodam comigo. Assim, eu poderia subir lá se quisesse, mas não faço isso há anos.

Solto a mão de MeninoLobo e vou até a beira do telhado, para ver este estranho subúrbio escuro aqui de cima. Preciso ficar sozinha por um momento. Encosto na barricada de concreto e encho os pulmões de ar fresco. Minha expiração enevoadada é levada pela brisa. Olho para a franja de árvores de Cidade dos Órfãos, para o rio serpenteado e depois levanto os

olhos para o céu negro de veludo. A cidade abaixo de mim poderia ser facilmente o reflexo do céu: uma escuridão sem fim salpicada de luz.

Ali está ela.

Aquela sensação familiar, como o irromper repentino de um raio de sol explode do meu peito, como uma onda pode estourar sobre mim e me dar um banho. Quando eu costumava olhar do telhado do meu prédio no Commons, todo o meu corpo formigava enquanto eu olhava meu mundo de cima. Não por causa do que estava diretamente abaixo de mim, mas pelo que estava além dos limites da minha visão. O mundo. Um mundo todo lá fora, maior e melhor do que eu podia imaginar.

Aqui, neste telhado, o mundo à minha volta é estrangeiro. Imagino manchinhas de társios correndo na escuridão, espalhando-se até o rio e pelas ruas e quintais. Embebo-me da vista até ficar tonta e até ser possível navegar para longe com a maravilha disso tudo. Tentar conservar esta sensação é como tentar segurar a água com as mãos em concha. Tudo o que se pode fazer é preservá-la o tempo que for possível.

– Não estou com medo – digo em um tom alto, sem querer. MeninoLobo ainda está parado no lugar onde soltei sua mão. – Venha dar uma olhada.

– Não me dou tão bem com alturas.

– Nem eu, mas daqui de cima nem parece de verdade.

Ficamos ombro a ombro.

– O que você acha que tem lá embaixo? – pergunto.

– Pete e Thom em algum lugar, bebendo e falando merda. Pessoas se metendo em brigas, Moleques fazendo confusão. Lupe adormecendo na mesa. – Ele fica quieto e depois dá um lento assobio. Está impressionado com a vista.

– Nenhum uivo? – Se eu pudesse uivar, então ficaria de pé neste telhado e o faria.

– Isto nos entregaria, você não acha?

É verdade. Excelente observação.

– Daqui dá para se ver Panwood. – Ele aponta para onde as luzes estão reunidas em fileiras organizadas. Elas ficam mais densas nas bordas da vista.

– E outras partes da Cidade. – Aponto o edifício onde os últimos andares estão revestidos de ouro. – Daqui dá para se ver o Dedo de Ouro.

– É assim que ele se chama?

– É como eu o chamo. Provavelmente, ele tem algum nome corporativo. Eu o vejo quando vou para a escola. Às vezes, ele reflete feixes de luz, dependendo da posição do sol. Sempre achei que seus construtores estavam secretamente mandando toda a cidade se danar.

– Faz tanto tempo que eu não penso no que acontece fora de Timidez!

– Minha vida mataria você de tédio.

– Não acredito. Tenho a sensação de que você não leva a sua vida de uma maneira comum. Como se você pudesse estar fazendo a lição na sua escrivaninha e para você isso fosse uma aventura.

– Não tenho uma escrivaninha. Não há espaço. Faço minha lição na mesa da cozinha.

– Bom, de qualquer modo, você sabe o que eu estou dizendo.

Sorrio para ele. Sua voz tem um tom de admiração. Não sei se mereço isso. Mas quando tudo o que ouço normalmente é que falo alto demais, argumento demais, tenho opinião demais, sou impulsiva demais, sem tato demais, faladora demais, qualquer coisa *demais*, passo a aceitar quaisquer elogios que consiga receber.

– Você mudou, não é?

Ele solta uma risada.

– Você só percebeu isso agora?

– O que eu quero dizer é que você está diferente agora de quando nos conhecemos. Sabe, quando vi você no bar, pensei que fosse apenas um roqueiro iniciante, muito legal para seu próprio bem. Eu não queria me sentir impressionada por você, mas me senti. Mas você não é nada disso, totalmente na sua.

– Obrigado... acho.

– Você é diferente dos garotos de onde eu moro. Acho que nunca conheci alguém como você.

Poderia ter pensado em alguma coisa específica para dizer aqui, mas não quero ser melosa. E, então, me surpreendo com o que sai da minha boca em seguida.

– Gostei que você tivesse me contado sobre o seu irmão.

MeninoLobo me olha confuso e eu não o culpo por ele não conseguir ver a ligação. Eu não pretendia trazer seu irmão à tona de novo.

– Não consigo ter a mínima ideia de como deva ser uma coisa dessas – acrescento, como se isto fosse deixar as coisas mais claras.

– Eu não gostaria que você conhecesse a sensação.

– A única pessoa que perdi foi minha avó.

Mesmo sabendo que eu iria sentir falta dela, não fiquei tão mal quando minha avó morreu. Ela estava preparada. Ela mesma disse isso. Era ela quem servia de ligação entre minha mãe e eu. Depois que ela se foi, mamãe e eu ficamos separadas uma da outra, flutuando pelo nosso apartamento como astronautas num espaço infinito.

– Você lembra de Ortolan – diz MeninoLobo –, a mulher que conhecemos no Asa do Corvo. Não sei se ela contou a você, mas ela é, quero dizer, era...

– Era a namorada do seu irmão. – Quando descobri que Gram estava morto, o jeito que Ortolan olhava para MeninoLobo fez sentido. Ela parecia frágil como um passarinho e resistente como aço, ao mesmo tempo.

– O que mais ela disse?

– Não muito – eu digo. Não é necessário mencionar as coisas que Paul me disse.

– Ortolan vive depois da fronteira, em Panwood – ele aponta novamente para o aglomerado de luzes –, mas eu quase nunca a vejo. Eu não a evito, mas também não faço qualquer esforço.

– Você a culpa pelo que aconteceu com Gram?

– Não, claro que não. Mas ela pertence ao passado. Provavelmente, não temos nada em comum. Ela tem uma criança para cuidar. E agora ela é uma descolada *designer* de moda...

– Ela não me pareceu triste por encontrar você no Asa do Corvo. Só um pouco atrapalhada. Se você quisesse voltar a fazer parte da vida dela, tenho certeza de que seria possível.

– Fiz papel de idiota esta noite. – Neste momento ele parece tão jovem que sei exatamente que é isso o que ele quer, estar em contato com um pedaço da vida de antes da Escuridão, mesmo que ele não saiba.

Ele se empertiga, tira os cotovelos da parede.

– Então, o que precisamos observar daqui?

Nós tornamos a divagar na noite, perdendo o foco no que acontece à nossa volta como na sala dos Sonhadores, no clube. Forço minha atenção de volta aos prédios abaixo. Daqui é como um mapa ao vivo, tudo disposto perfeitamente ao nosso redor.

– Em primeiro lugar, deveríamos tomar nota de tudo que está em torno do Prédio Seis. Temos que saber qual a rota de fuga mais rápida, e, caso essa

não dê certo, todas as outras maneiras para dar o fora daqui. Podemos olhar o mapa? Na hora de sair os Moleques podem estar na nossa cola.

– Os portões principais são a saída mais próxima – MeninoLobo diz.

– Os portões da frente têm porteiros? – A visão de MeninoLobo deve ser duas vezes melhor do que a minha. Não consigo ver os portões na escuridão.

– Duvido. Ninguém, a não ser os Moleques, iria querer entrar por lá.

– Se não conseguirmos chegar aos portões, teremos que correr para o lugar de onde viemos. Para o buraco na cerca.

– Não necessariamente. Existem os portões dos fundos. Enquanto o carro estiver aqui, os portões devem continuar abertos. Se eles estiverem perto dos portões, deverão seguir direto.

Confiro. O carro preto ainda está estacionado entre os prédios.

MeninoLobo olha com desagrado o espaço aberto entre esse prédio e o próximo.

– Vamos ter que passar rapidamente para o Seis. Provavelmente, os Moleques estão em cada esquina.

– Não temos que nos preocupar – respondo. A outra parte do meu plano se encarregará disso.

– Fico feliz que se sinta confiante. – MeninoLobo está ficando inquieto. – Você está pronta para ir?

Pego uma de suas mãos e a coloco entre as minhas. Seus olhos são tão escuros que acho impossível conhecê-lo realmente.

– Mais uma coisa. Está vendo toda esta... – olho para as estrelas, para as luzes, para a noite aveludada e para o mundo pra lá de estranho – isto é tudo que temos, só isto. Por enquanto.

Ele não me acompanha. Continuo tentando.

– Tudo o que temos é esta sensação, exatamente aqui e agora. Não existe nada além disto. Nada realmente importa.

Não tenho certeza de que ele tenha entendido.

Passo minhas mãos de leve pelo seu cabelo. Imagino fios de prata correndo nos meus dedos, enquanto envolvo seu rosto com as mãos, ainda mal o tocando. Fico assustada quando percebo o quanto gosto dele. Isso não é igual a estar a fim de alguém a distância.

– Eu o liberto – sussurro, meio em tom de brincadeira, meio a sério –, do passado, do futuro, de todos os enfadonhos intervalos comerciais.

Desejo essas coisas também para mim. Desejo essas coisas de verdade para mim.

MeninoLobo pega uma de minhas mãos e a leva até seus lábios. Ele está tão próximo que posso sentir o calor do seu corpo. Recuo. Não quero começar alguma coisa que teremos que parar. Gostaria que pudesse ser apenas ele e eu nos escondendo do mundo em algum lugar calmo. Mas é hora de trabalhar.

vinte e quatro

O ELEVADOR AINDA ESTÁ LÁ QUANDO descemos do telhado. Ele despenca para o porão do Sete sem parar. Suas portas se abrem para um corredor gelado e escuro. Não me dou o trabalho de perguntar à MeninaSelvagem aonde estamos indo. Ela é maluca, isso é óbvio, mas estou disposto a acreditar nela. Ninguém que eu conheça teria conseguido se safar tão bem daquela situação no elevador e aquilo nos ajudou a ver a Cidade dos Órfãos de cima.

MeninaSelvagem segue pela esquerda com os dedos percorrendo a parede para se guiar. Para ela, a escuridão não deve ser fácil. Fecho meus olhos pela metade, tentando ter uma ideia da sensação que ela tem.

Pegamos um lance curto de escada que desce para um lugar ainda mais escuro e chegamos a um pequeno corredor de concreto que cheira a mijo. O frio emana das paredes. Uma tênue luz azul brilha através de uma grade de metal na parte inferior da parede, no nível do chão. Quatro máquinas de lavar enferrujadas estão na parede oposta, uma delas com a tampa arrancada. Por um segundo penso que a mangueira preta enrolada no chão é uma cobra. Desisto de fazer força para enxergar, antes que me venha uma dor de cabeça ou um enfarte. MeninaSelvagem examina uma das máquinas quebradas.

– Fato Número Um. Os Moleques não gostam de lavar roupa. Mais uma razão pela qual devemos manter uma grande distância deles hoje à noite.

A única maneira de sair desta roubada é voltar exatamente pelo mesmo lugar de onde viemos.

– Desisto. Como vamos chegar ao Seis?

MeninaSelvagem aponta a grade aos nossos pés. Ela tem barras grossas de metal que se prendem na moldura de madeira que fica embaixo.

– Você quer que eu entorte essas barras para abrir espaço? – pergunto. – Fico lisonjeado que você pense que consigo fazer isso, mas...

MeninaSelvagem suspira dramaticamente, chuta a grade com força dos dois lados, depois se ajoelha e a remove. Ergue-a, com um sorriso insolente, depois a recosta contra a parede.

– Senhor, sua passagem segura para o Prédio Seis está garantida.

Espio pelo buraco retangular.

– O que há ali?

– Está com medo?

– Na verdade, estou. Não acharia ruim saber se estamos prestes a entrar em um... sei lá, um laboratório de açúcar ou um tanque de ácido.

– É um túnel de serviços. Existe uma rede de passagens subterrâneas que liga todos os prédios. Bom, pelo menos os mais antigos. Apostaria minha bolsa preferida quanto a isso. – Ela bate na testa. – Ah, mas espere um pouco, nós já abrimos mão dela, não foi?

Finjo que não a ouço. Se puder, vou substituir sua bolsa mais tarde. Talvez Sebastien possa me ajudar.

– Então, devemos conseguir chegar ao porão do Seis?

– A ideia é essa. Estilo ninja. – Ela se ajoelha em frente ao buraco e enfia a cabeça. Desvio o olhar. O tesão não vai me ajudar agora.

– Aqui embaixo está tudo claro. Está pronto?

Acho que sim.

– Vou na frente, não é longe.

Ela volta para a abertura e desce se chacoalhando até conseguir um equilíbrio sobre o estômago.

– Lá vai. – Ela se abaixa. Ouço seus pés arrastando-se pelo chão e um discordante som de cordas vibra do ukulele.

– Você está bem? – grito. A última coisa de que precisamos neste momento é um tornozelo torcido ou um osso quebrado.

– Tô. – Sua voz ecoa distante, ainda que ela não possa estar a mais de poucos metros.

Enfio primeiro minha mochila no buraco. Mãos alheias a tiram de mim. Espero alguns segundos e depois escorrego para dentro. Para mim, vai ser muito mais apertado.

Minhas mãos ainda estão segurando na borda, quando meus pés encontram terreno firme. O túnel de serviços tem poucos metros de largura, paredes toscas e teto baixo. Grossos canos de metal correm pelo lado direito do túnel. Canos mais finos e feixes de cabos passam no alto. Uma série de

luzes interrompe a escuridão a cada cinco metros mais ou menos. O ar é carregado, mas surpreendentemente tépido.

– Então, é assim que você se diverte em Plexus? Rastejando pelos esgotos?

MeninaSelvagem devolve minha mochila.

– Aqui não tem esgoto. São principalmente dutos de aquecimento e cabos de energia. Onde moro, estive nos túneis poucas vezes, mas meu amigo costumava se arrastar por eles o tempo todo. Ele conseguia ir de um lado ao outro do Plexus sem ver a luz do dia.

Ela não diz o nome dele, mas sei que se refere ao amigo que mencionou antes, Mike.

O túnel se bifurca em dois túneis idênticos à nossa frente.

– Nós vamos nos perder aqui embaixo, não vamos? – Examino o buraco. Se for preciso, posso ajudar MeninaSelvagem a subir de volta e depois eu mesmo me ergo pela passagem.

– Não. – A voz dela está firme. – Tenho certeza de que o Seis fica nesta direção. O outro túnel deve levar para o Quatro. Os túneis do Commons são em rede, portanto, não há razão para achar que aqui não seja a mesma coisa.

Tenho que me inclinar ligeiramente, quando pegamos o túnel à esquerda. Os canos estão velhos e cobertos de fuligem. Eles emanam calor e chamam como bebês dormindo. De tempos em tempos há uma roda, uma alavanca ou um aviso esporádico para quebrar a monotonia. Nossos pés ressoam no chão seco de concreto. Ajusto minha mochila, distribuindo o peso igualmente entre os ombros.

– Fico imaginando se estes aqui se conectam aos velhos túneis de metrô perto do PequenaMorte.

– Pode ser.

– Deveríamos estar deixando marcas para o caso de nos perdermos e termos que voltar.

MeninaSelvagem não responde. A acústica daqui é boa. Sinto como se estivesse cochichando, mas minha voz ressoa alta. Daria para gravar coisas muito interessantes aqui embaixo se descobrisse como trazer eletricidade. Passamos por uma boca de lobo no alto, com uma escada de metal afixada na parede abaixo dela.

Espero que isto não seja uma perda de tempo. Pelo menos estamos escondidos aqui embaixo e parece que MeninaSelvagem sabe mesmo como

se virar por aqui. Talvez vários prédios construídos pelo governo sejam feitos do mesmo jeito para economizar dinheiro.

– Então, você gosta do lugar onde mora?

– É um lixo – diz MeninaSelvagem sem se virar para mim. – Moramos em um apartamento minúsculo, mais ou menos do tamanho da sua sala da frente. Estamos cercadas por centenas de outras pessoas que vivem em apartamentos exatamente iguais ao nosso. Todos empilhados uns sobre os outros. Temos nosso próprio banheiro e nossa própria cozinha, mas precisamos compartilhar a lavanderia, as latas de lixo e o estacionamento. Mal posso esperar para sair dali.

Ah! Os passos dela se aceleram me obrigando a ir mais rápido. Sua voz soa estranha, talvez por causa da acústica.

– E a sua escola? – pergunto.

– Frequento uma escola particular com bolsa. Você sabe, a menina pobre que é inteligente. Toda escola tem uma. As meninas de lá têm pelo menos dez calças jeans cada uma e o triplo em pares de sapatos e eu uso o mesmo uniforme desde que comecei. Elas acham que eu gosto de usar o vestido do uniforme.

Ela ri, mas não é um riso alegre. Deve me odiar depois de ter visto a minha casa. Sei que não a tenho conservado como minha mãe fazia, mas, mesmo assim... Deve ser óbvio que temos – tínhamos – dinheiro. Mas este troço não devia fazer diferença, certo? Será que tenho que pedir desculpas por meus pais terem dinheiro?

Um estrondo repentino ressoa no túnel. Fico tão chocada que dou um pulo e bato com força nos canos. Ouve-se um assobio alto e alguns metros de nuvem de vapor escapam no ar. Todo o meu corpo fica com os pelos arrepiados.

Quando o vapor desaparece, vejo MeninaSelvagem à frente, me esperando com os braços cruzados, rindo com deboche.

– Às vezes, os canos fazem isso – ela diz.

Dou uma espanada na roupa e me junto a ela. Meu corpo avança com uma adrenalina indesejada. O momento pede uma dignidade forçada, então é exatamente isso que dou a ela. Assumo um forte sotaque inglês.

– De onde venho, nossos canos são de ouro maciço com diamantes. Meu pai disse que, se tiver sorte, posso ganhar um no meu aniversário.

Ela ri e me dá um soco no ombro. Quem disse que não consigo atuar?

– Houston, temos um problema.

Ela tem razão. Mais à frente, há um portão fechado, bloqueando nosso caminho. Foi feito para se adequar aos contornos irregulares do túnel, envolvendo de um lado o bojo dos canos. Está fechado por um ferrolho com uma fechadura antiga. Experimento o ferrolho, mas está trancado. Seguro a porta com ambas as mãos e sacudo. Nada acontece.

– Sabe – diz MeninaSelvagem –, acho que consigo passar me espremendo.

As barras têm um espaço de apenas quinze centímetros entre elas. Meu ceticismo é evidente.

– Não pelas barras, idiota. Pelo lado... aqui – MeninaSelvagem enfia os braços pela brecha onde o portão se ajusta aos canos. Existe um espaço respeitável entre os canos e o portão. Ainda assim...

– Não acho que você consiga passar por ali.

– Não sou tão gorda – ela responde. – Nossa! Que jeito de fazer com que uma mulher se sinta especial, *Jethro!*

– Será que eu disse... – começo e paro. Sei quando não vou ganhar uma discussão. – Deixe-me primeiro tentar quebrar a fechadura.

– Não precisa – diz MeninaSelvagem. Ela tira seu pulôver – no caso, o meu pulôver – e o atira através das barras. Ele cai do outro lado, fora do alcance. Reparo que ela não se arrisca do mesmo jeito com o ukulele, colocando-o com cuidado junto à parede.

Passa o braço direito e o ombro com facilidade pela abertura. Depois a cabeça e, por fim, o quadril.

– Ufa! – ela suspira depois de conseguir passar. Então, coloca o pulôver novamente e segura o portão com as duas mãos, caçoando de mim. Seu cabelo está bagunçado.

– Sua vez, *homem de ação*.

Gram costumava fazer esse tipo de coisa. Pedia que eu fechasse o portão enquanto ele esperava no carro, depois, quando eu tentava abrir a porta do passageiro, não conseguia porque ele andava um pouquinho com o carro em avanços súbitos que me enfureciam. O mesmo princípio irritante.

– Estou esperando.

– Não tem como eu passar por aí.

– Então, sorte sua de estar comigo.

MeninaSelvagem se curva para olhar a tranca e a fechadura.

– Está emperrada deste lado. Alguém colocou um pedaço de papelão ou alguma outra coisa aqui. Você pode me passar meu estojo de maquiagem? Está no bolso da frente.

Acho um *nécessaire* com estampa de zebra e entrego a ela pelas barras.

MeninaSelvagem usa uma pinça para tirar um chumaço de papelão da fechadura e depois torna a remexer seu *nécessaire*.

– *Voilà!* – ela tira um grampo e se senta com as pernas cruzadas, com a *nécessaire* no colo. Ando pelo corredor, pelo caminho de onde viemos, e perscruto a distância. Nada. Apenas as batidas e os gemidos dos canos.

– A qualquer momento agora – eu digo. – A qualquer segundo uma enxurrada de crianças piradas podem entrar por aquele buraco, mas você sabe, não tenha pressa.

MeninaSelvagem não tira os olhos da sua tarefa. Está entortando um grampo.

– Quantos anos tem a filha de Ortolan? – ela pergunta do nada.

Pisco.

– Não sei. A filha dela nasceu quando ela estava no exterior.

– Que foi depois que Gram e ela se separaram, certo? Isso foi há quanto tempo?

Tive que forçar a cabeça para me lembrar. Tudo está confuso. Nada que aconteceu antes parece real.

– Foi você que viu uma foto dela. – Consigo falar sem amargura, mas MeninaSelvagem ainda não levanta os olhos. – O que você acha?

– Talvez quatro ou cinco anos. E há quanto tempo Ortolan se separou de Gram?

– Talvez, cinco anos... – As palavras estão vagarosas na minha boca. As ideias se desenrolam lentas e oleosas como enguias.

– E todos vocês têm vivido no escuro quase que por este mesmo tempo.

Os olhos de MeninaSelvagem encontram-se com os meus e depois tornam a baixar. Ela enfia o grampo dobrado na fechadura e depois o tira, voltando ao trabalho.

Se sua namorada tivesse engravidado de outro homem, você ficaria muito nervoso. Teria que romper com ela e tudo que você tinha planejado viraria fumaça. Nessas circunstâncias, pareceria que você não tinha muitos motivos para viver.

Gram tinha apenas dezenove anos. No ano que vem, terei a mesma idade que ele tinha quando morreu. E um ano depois, estarei mais velho do que ele jamais foi. Eu costumava achar que Gram era um homem, pensava que ele sabia tudo, mas ele mal era um adulto quando teve que lidar com todos esses problemas. Não posso lidar com nada mais complicado do que comer e dormir.

– Minha mãe nunca me contou quem é o meu pai – MeninaSelvagem diz.
– Pode ser qualquer um. A melhor hipótese é: eles eram jovens e ele estava assustado. Minha mãe não podia encarar um aborto e ele não podia encarar o fato de ser pai. Então, ele fugiu. Recusou-se a ter qualquer coisa a ver com aquilo. Conosco, quero dizer, comigo.

Os braços de MeninaSelvagem estão esticados, seu *nécessaire* e ferramentas estão no chão empoeirado, à sua frente.

– Na pior das hipóteses – respondo –, ela o mandou embora, não deixou que ele tivesse nada a ver com aquilo. – Mas estou pensando em Ortolan e não em MeninaSelvagem e estou adicionando e subtraindo pensamentos em minha mente.

MeninaSelvagem está com o rosto contraído, como se sentisse dor, e tenho certeza de que o meu está igual. Não pretendia ser cruel. Ela se ajoelha defronte à fechadura e experimenta o grampo. Ele raspa contra a fechadura e eu ouço um clique. MeninaSelvagem abaixa a maçaneta e o portão se mexe.

– Não sabemos, não é? – ela diz suavemente. O portão se abre com um chiado, abrindo um arco na poeira enquanto se move. O som que ele faz é o de um gemido enferrujado.

Passo por ele. O túnel parece exatamente igual do outro lado. Os mesmos canos, as mesmas luzes no teto. Pego na mão de MeninaSelvagem e a seguro com tanta força que posso sentir uma leve pulsação nos seus dedos. Ela me olha e seu sorriso é estranhamente grato. Nossas palavras machucaram um ao outro, mas não fora nossa intenção. A verdade dói, mas não saber a verdade dói mais.

vinte e cinco

O PORÃO DO SEIS É QUASE IDÊNTICO ao do Sete, mas em vez de máquinas de lavar há uma coleção de caixas de papelão e um colchão podre no canto. Uma única lâmpada ilumina o corredor no alto da escada já conhecida.

– Se eu tivesse uma sala forte – observo –, eu a colocaria em um prédio separado, construído com esse propósito, com um fosso, seguranças armados e cerca elétrica.

– Aí todos saberiam exatamente onde você guarda o que tem de melhor. E seria o primeiro lugar que eles atacariam. Com o maior exército que pudessem reunir.

– Você não me ouviu? Homens armados? Um *fosso*?

MeninaSelvagem mexe os olhos, recusando uma mudança de planos.

– Cada prédio tem doze andares. Blake não disse cerca de dez divisões vivendo em cada prédio?

Eu concordo.

– Então, eles precisam separar dez salas. Com certeza você usaria um andar inteiro, o topo ou a base do prédio. Então, vamos procurar neste andar e depois ir ao mais alto e ir de cima para baixo. Assim, quanto mais ficarmos aqui...

Interrompo:

– E o mais provável é que eles vão nos achar...

Ela concorda com isso acenando com a cabeça.

– Portanto, quanto mais perto ficarmos do andar térreo, mais perto ficaremos da nossa rota de fuga.

Há duas portas em cada lado do corredor antes do fosso do elevador. Sem precisarmos discutir, vou para a esquerda e MeninaSelvagem para a direita.

A primeira porta que experimento leva a um armário de depósito que contém uma reserva de vasilhames alemães de plástico e um sufocante cheiro de petróleo. Fecho a porta e parto para a próxima.

– Eles não vêm aqui – grito para MeninaSelvagem. – As portas não têm trancas e tudo está empoeirado. Ninguém vem aqui há um tempo.

A próxima porta se abre para um quarto cheio de equipamentos esportivos fora de uso: bolas de basquete murchas, redes embaraçadas e um velho plinto de madeira. Nada que possa ser usado.

– Estou começando a achar que você tem razão – ela diz –, mas pelo menos encontrei isto.

Viro-me e a vejo em posição de esgrima, zunindo um garfo verde de jardinagem de um lado para o outro. Seus movimentos provocam sombras que lampejam pelas paredes.

– É o meu tridente. Legal, né?

– Letal. Você achou alguma coisa para mim?

– Claro. Eu não me esqueceria de você.

Ela segura uma pá pequena com uma concha de metal e um cabo curto de madeira.

– Uma colher de pedreiro? – Minha voz ainda fica aguda quando estou indignado. – Repara no poder incrível da minha *colher de pedreiro*?

Ela joga a colher para mim e eu a pego com um golpe. Em minhas mãos ela parece uma colher de chá. Eu a coloco num bolso de malha na lateral da minha mochila.

– Você tem razão, aqui só tem material inofensivo e fodido. Vamos para o último andar.

MeninaSelvagem passa pelo elevador e abre a última porta. Nela há um grande “6” pintado, portanto não há dúvida de que estamos no prédio certo. MeninaSelvagem mantém a porta aberta com um pé e faz sinal para que eu entre. Um ar frio atravessa pela porta aberta.

– Sem elevador? – pergunto.

– Vou dispensá-lo. Vamos pela escada. Se ouvirmos alguém vindo, podemos subir ou descer um andar e entrar por uma porta.

O fosso da escada se perde na distância acima de nós. Espio pelo buraco central, até o topo do prédio, e sinto uma vertigem ao contrário. As escadas estão divididas em meio-lances com um patamar pequeno em cada metade e um patamar maior em cada andar. Uma pequena janela em cada patamar principal deixa que a fraca luz do luar penetre.

Subimos lado a lado sem falar. MeninaSelvagem enfiou o garfo de jardim na sua presilha de cinto. Eu me concentro na subida, olhando-a

ocasionalmente. De tempos em tempos, uma pálida faixa de luar atravessa seu rosto. Nenhum de nós mencionou o que foi conversado nos túneis. É como se nunca tivesse acontecido. Talvez o que aconteceu no subsolo permaneça no subsolo.

– Você está a quilômetros de distância. No que está pensando? – pergunto.

– Estava pensando em vingança.

– Contra os Moleques?

– Não, não contra os Moleques.

– Então contra quem? – pergunto, mas ela não responde.

O problema com a morte de Gram foi que não havia ninguém a quem culpar, exceto ele, e ele não estava por perto para receber a culpa. Sei que meus pais culparam Ortolan, pelo menos meu pai a culpou. Se eu fosse forçado a escolher um lado, aproximaria a culpa de casa.

– Em que andar você acha que estamos?

O rosto de MeninaSelvagem está rosado e ela está ofegante.

– Estamos chegando ao sétimo – ela diz. – Estou contando.

Paro.

– Este é o andar da casa do Elfo. Por que não damos uma olhada rápida?

– É perigoso demais. Sabemos que eles estavam vindo para casa há algum tempo, poderíamos cair de cara nas suas garras.

– Não temos certeza de que as salas fortes existam. Se houver alguma chance de que eles estejam ali com o isqueiro, poderíamos negociar.

É claro que de jeito nenhum o Elfo desistiria do isqueiro por um saco plástico cheio de barras de chocolate comuns, mas há outras coisas que poderíamos oferecer a eles, não importa o que Blake pensa. Conheço pessoas em Timidez que conseguem qualquer coisa que você queira, por um preço. Ou eu poderia oferecer meus próprios serviços.

– Você não acha que sua amiga Blake tentou argumentar com eles? E veja o que aconteceu com ela!

MeninaSelvagem torna a subir, com as botas fazendo um excesso de barulho nos degraus de concreto.

Desisto. Esperava que eu soubesse como Timidez funciona, mas me ocorre que estamos agindo com um monte de informações de segunda mão. Vindas de pessoas que podem ou não ser confiáveis. Talvez precisemos

deixar de subterfúgios e perguntar ao próximo Moleque que encontrarmos onde está o Elfo. Negociar com ele diretamente.

No alto do fosso da escada, olho para baixo para todos os andares por onde passamos. Se tivermos que sair daqui rapidamente, será voltando diretamente por estas escadas. Avalio a distância entre os lances. Eu poderia pular por cima do corrimão e cobrir meio lance de cada vez, mas não tenho certeza de que MeninaSelvagem conseguiria fazer isso.

Ela está parada defronte à última porta.

– Quando atravessarmos esta porta, o elevador estará próximo e a escada para o telhado estará à esquerda como no outro prédio. Para chegar ao corredor principal temos que atravessar uma porta de vidro à direita, depois do elevador.

Imagino a situação, tentando fixar o *layout* em minha cabeça.

– Pronta?

Passo por MeninaSelvagem e ponho meu peso contra a porta. Ela pode ter estado no comando, mas eu posso, pelo menos, tomar a primeira porrada quando ela vier.

O décimo segundo andar reluz com uma luz roxa de duas lâmpadas ultravioletas colocadas nas duas extremidades do corredor. Com a borda da mão, bato no mecanismo que trava a porta de vidro no alto, para que ela fique aberta. Alguém grudou tiras e tiras de fita isolante de cores variadas ao longo de toda a extensão do chão, formando um arco-íris. Deslizo como se tivesse rodas nos pés, junto à parede. As paredes e o teto estão pintados de preto com estrelas prateadas que brilham com a luz ultravioleta.

MeninaSelvagem me segue de perto. Passamos por uma porta à nossa direita, há um leve pulsar de música por detrás dela. MeninaSelvagem levanta a mão até o trinco e eu sacudo a cabeça. Continuamos deslizando para a frente. A próxima porta, à nossa esquerda, está com tranca e cadeado. Eu poderia pegar uma chave de parafuso na minha mochila e tentar abri-la, mas acho melhor continuar vendo o que há nos outros cômodos.

MeninaSelvagem encosta o ouvido na próxima porta e acena com a cabeça. Ela recua e abro a porta, dando para uma sala banhada de luar. No chão, um amontoado de cobertores, uma provisão de latas de tinta *spray* em uma caixa de papelão, um cartaz de *death-metal* pregado na parede e um fedor horroroso. Tampo o nariz, entro e dou uma olhada rápida em torno. Ao lado do cômodo principal há uma cozinha cheia de equipamento de

laboratório e um banheiro escabroso. Outro cômodo minúsculo contém um colchão inflável e um saco de dormir.

Parece que estamos em um andar residencial comum. As poucas portas a seguir estão destrancadas. Uma dá para um apartamento vazio com uma cozinha carbonizada. O outro apartamento está totalmente estocado com material de entretenimento. O dormitório tem um sistema de som que vai de parede a parede no lugar de uma cama. A cozinha está inativa. O corredor termina em uma sala aberta para fumantes. Uso um dedo para indicar que devemos dar meia-volta. MeninaSelvagem recua, mas para novamente em frente à porta com a tranca e o cadeado.

Observo a tranca, calculando o risco. Parece frágil. Provavelmente, eu conseguiria tirar os parafusos com muita rapidez. Mas, se fosse uma sala forte, não teria um sistema de segurança melhor do que este? MeninaSelvagem coloca a mão no meu braço, pronta para dizer algo, quando há um baque surdo no final do corredor.

O elevador.

Não tenho tempo para pensar.

Puxo-a pela mão e corremos pelo corredor em direção ao fosso da escada. Temos no máximo um segundo ou dois. Estamos passando pela porta de vidro quando ouvimos um barulho.

As portas do elevador se abrem e ficamos em frente a eles, momentaneamente impactados com a parada: três homens de terno e, destacando-se pálido no canto, o Elfo.

MeninaSelvagem agarra meu braço e me tira de lá. Ela se arremessa pelos degraus de aço em direção ao telhado e não tenho alternativa a não ser segui-la. Estamos expostos ao ar noturno, olhando freneticamente a nossa volta, antes que eu chegue a ter tempo para considerar o quanto estamos encurralados.

vinte e seis

OUTRO RETÂNGULO DE CONCRETO CERCADO por uma mureta de concreto, o céu negro acima e apenas uma porta para entrada e saída. Os homens de terno e o Elfo só podem estar a poucos metros de distância, do outro lado da porta. Minha mão pressiona o trinco para cima, para que ele não possa ser abaixado do outro lado. Olhamos um para o outro com os olhos arregalados.

Nossa única opção é nos escondermos.

– Rápido.

Não penso em mais nada a não ser em me afastar da porta e descobrir um bom lugar para nos esconder. Esquivamo-nos de latas de tinta empilhadas, oleados e lonas amarrotados salpicados de cores. Precisamos de alguma coisa alta para nos tapar. Salto por cima de uma velha máquina de escrever e dou uma olhada relâmpago para trás. A porta se abre e os três homens e o Elfo chegam ao telhado. Os de terno se espalham em torno da porta. O Elfo fica para trás, recortado contra uma decrescente luz amarela.

Puxo MeninaSelvagem para baixo, detrás de uma escada erguida, coberta com um lençol. Não é o esconderijo ideal, mas dá para o gasto. Estamos quase tão longe dos homens quanto é possível, acotovelados no canto extremo do telhado.

Espio através dos degraus. Um rasgo no lençol enquadra perfeitamente um dos homens de terno. Ele fica completamente parado, percorrendo todos os cantos com o olhar, na maior eficiência. Óculos escuros encobrem metade do seu rosto. Não acho que ele seja um dos homens que vi mais cedo, no carro, mas tem algo de familiar. Ele gesticula para que um dos homens dê a volta em torno dos fundos do fosso da escada e manda que o outro verifique o telhado em nossa direção. A maneira como ele se comporta sugere que seja mais do que apenas um segurança.

Olho em torno para ver se há qualquer coisa ao alcance da mão. Um balde cheio de rolos para pintura não será de grande serventia. Nem uma pilha de

velhas embalagens para ovos. Eu poderia usar a escada para fazer uma ponte para a torre vizinha? Não. Muito perigoso. MeninaSelvagem se abaixa mais do que eu, olhando ao redor da escada. Ela solta o garfo de jardinagem da sua cintura e fixa os olhos no homem de óculos escuros.

– Conheço aquele cara – ela sussurra e puxa meu jeans. A surpresa a deixa boquiaberta.

– É o Doutor Gregory!

Olho através do rasgo do lençol.

Ela tem razão. O homem agora tirou os óculos escuros é, sem sombra de dúvida, o Doutor Gregory. De terno e capa preta comprida parece outra pessoa, com o cabelo ruivo enebado para trás. O bronzeado alaranjado continua ali, mas o sorriso arreganhado transformou-se em uma expressão severa. Macio por fora e podre por dentro.

Minha pele está formigando. Doutor Gregory. Faz todo o sentido que ele esteja envolvido com os Moleques e com Cidade dos Órfãos. Primeiro você cria o problema e depois vende a solução a todos.

Doutor Gregory segue em frente, como se soubesse que o estamos espionando. Como se estivesse no cenário de outro vídeo de motivação.

– É isto que você está procurando?

Sua voz ressoa alta e clara, apesar do ar livre e do assobio da brisa. Segura um pequeno objeto prateado acima de sua cabeça com o polegar e o indicador. Parece ser meu isqueiro, mas não confio nele. Ele gira de um lado para o outro, segurando o isqueiro com o braço esticado, assegurando-se de que seja visto, onde quer que estejamos.

– Você gostaria de tê-lo? – A voz do Doutor Gregory tem um tom duro como aço, nada parecido com a voz dos vídeos. – Você deve querer muito isto aqui para chegar a esse ponto. Admiro isso. Não acho que os jovens devam ser punidos por mostrar tal iniciativa.

Meus olhos estão fixos no isqueiro, na mão do Doutor Gregory. Não brilha tanto quanto o relógio cintilante que ele tem no pulso. Abaixo-me para ficar face a face com MeninaSelvagem.

– Temos que sair daqui imediatamente – digo a ela.

– Por que nós não falamos com ele?

– O Elfo rouba meu isqueiro e o que ele faz? Chama o Doutor G, que vem o mais rápido possível. Você não percebe que é esquisito?

MeninaSelvagem pensa no assunto. Não quero ficar cochichando com os homens por perto, mas tenho que convencê-la.

– Temos que sair daqui.

– Como?

– Olhem o que vai acontecer, crianças. – A voz do Doutor Gregory volta a ressoar novamente. Parece que ele está mais perto. – Vocês têm algo que me pertence, eu tenho algo que pertence a vocês.

Algo que lhe pertence?

– Ao que parece, um dos meus funcionários não teve muito cuidado com um pertence da empresa. E um de vocês não foi nada escrupuloso ao lidar com ele. Vocês devolvem o meu cartão que eu dou o isqueiro a vocês e damos o caso por encerrado. Vou até desconsiderar qualquer débito feito no decorrer da noite.

O rosto de MeninaSelvagem se assombreira. Ela não vai desistir do cartão sem brigar. Doutor Gregory fala de novo. O homem não se cala nunca.

– Este isqueiro traz uma gravação muito bonita. O que é? Um “G” e um “O”. O que isso quer dizer?

Estou muito concentrado olhando o tremor das minhas mãos para impedir MeninaSelvagem, quando ela se expõe completamente.

– Como você quer fazer isto?

– Não! – cochicho, mas ela se move saindo da minha visão.

– Vamos ser objetivos quanto a isto: você entrega o meu cartão e eu devolvo o seu isqueiro.

– Não. – MeninaSelvagem tenta parecer confiante, mas sua voz vacila. – Você coloca o isqueiro naquele tonel, o azul. E eu ponho o cartão em cima daquelas latas. E em seguida nós retiramos nossas coisas. Mas não quero que nem você nem ninguém chegue perto de mim, certo?

O Doutor Gregory solta um riso seco. Tenho que tirar MeninaSelvagem do telhado. Ela não tem nada a ver com isso. Não acredito nem por um segundo que o Doutor Gregory esteja interessado no cartão.

– Muito bem, mocinha. Vamos jogar seu joguinho divertido, se é isso que você quer. Mostre o cartão agora para que eu possa vê-lo por um segundo. Quero ter certeza de que é o meu.

MeninaSelvagem recua enquanto sua mão se levanta, de modo que ela volta a entrar na minha linha de visão. Os passos do Doutor Gregory ressoam nítidos e resolutos. Ele deve estar colocando o isqueiro sobre o

tonel. É quase impossível fazer um plano claro quando não entendo o que está acontecendo. MeninaSelvagem não me olha, quando cochicho para ela.

– O Elfo ainda está lá?

– Não. – MeninaSelvagem responde sem mover os lábios ou virar a cabeça.

– Ponha o cartão onde você disse que poria. Depois corra para a porta. Vou mantê-los ocupados.

– O isqueiro?

– Eu pego – respondo. – Encontre-me no túnel.

Fico de pé e olho através do rasgo do lençol. Quando MeninaSelvagem coloca o cartão, parto para a ação. Levanto a escada como um aríete e invisto contra o terno mais próximo, gritando. MeninaSelvagem toma o meu grito como um sinal e corre para a porta.

O Doutor Gregory deixa que ela se vá sem hesitar.

O homem se abaixa, quando tento atacá-lo com a ponta da escada e depois se arremessa em direção às minhas costas. Giro, esperando pegá-lo no trajeto, mas ele é rápido demais. Pula atrás de mim e aperta suas mãos ao redor da minha garganta. Algo pontudo pressiona as minhas costas dolorosamente. Deixo a escada cair no chão e me esforço para me livrar dele. Rosno e jogo a cabeça para trás, contra o nariz dele. Ouvem-se um estalido e um grito agudo, conforme o homem escorrega para o chão.

Tenho poucos segundos para decidir como resolver isso. Exibo uns olhos alucinados e uma confusão fingida, procurando, o tempo todo, possíveis rotas de fuga. O homem que me atacou arrastou-se para longe, deixando uma trilha de sangue. Não tenho certeza se posso escapar dos três.

– Como está se sentindo, Jethro? – O Doutor Gregory inclina a cabeça como um periquito curioso. – Você não respondeu a nenhuma das minhas cartas. Estou começando a pensar que você não gosta de mim.

Rosno, mostrando os dentes. Não quero que cheguem perto. O sujeito em quem bati com a cabeça está novamente em pé, ao lado do Doutor Gregory. O outro guarda-costas, mais alto e mais magro, completa o trio.

– Foi boa a sensação? – pergunta o Doutor Gregory. – Machucar Delany desse jeito?

Delany olha furioso. Seu rosto está viscoso de sangue, saliva e ranho. Uma mancha roxa já está se espalhando do seu nariz para as órbitas dos olhos. Não tinha ideia de que poderia provocar isso com um golpe.

– Deve ser bom dar vazão a seu lado animal – continua o doutor. – Obedecer à sua *verdadeira natureza*.

Lembro-me da colher de pedreiro na lateral da minha mochila e curvo o braço para alcançá-la. Doutor Gregory observa meu rosto com tanta atenção que não percebe o movimento, mas Delany repara nos meus mínimos gestos. Pego a colher e abaixo o braço.

– Estou de fato interessado na sua situação, Jethro.

Doutor Gregory dá um passo à frente, suas mãos estão em frente ao estômago como um padre ou um político. Recuo e aponto a colher para eles. Vou me afastando, chegando perto da beirada do telhado.

Doutor Gregory para e levanta a mão para manter seus guarda-costas a distância. Não consigo saber se está tentando me enfurecer ou me acalmar. Ele me mostra o isqueiro.

– Quero que você me tenha como um amigo – ele diz, e o atira para mim. Pego-o com uma mão e o coloco automaticamente no bolso.

–Você poderia vir morar no Instituto. Sei mais sobre o seu problema do que imagina. Fico feliz em compartilhar o que sei. Lá há outros como você. Acho que para você seria um conforto. Afinal de contas, você não tem mais ninguém, não é?

Outros iguais a mim. Talvez até mesmo a cura ou ao menos uma explicação. Ele está blefando, não está?

O guarda-costas alto esfrega algo ao lado da sua perna. Olho para sua mão até perceber que ele tem um par de algemas pendurado no cinto. Eles querem me pegar à força. A voz untuosa do médico continua.

– Sua namoradinha o abandonou. Sem pais, sem irmão...

Subo na mureta de concreto o mais rápido que posso, sem perder o equilíbrio. A colher de pedreiro cai no chão. Estico as pernas até ficar quase ereto. O parapeito tem cerca de trinta centímetros de largura. Estendo os braços na lateral para me equilibrar e evito olhar à esquerda, para o cavernoso vão de doze andares.

Se o que eles querem é o animal, então é o animal que terão.

Encaro os homens e rosno com os lábios retesados para trás e a cabeça balançando de um lado para outro.

Doutor Gregory grita um rápido alerta a seus guarda-costas para que se mantenham afastados.

Todos os três me olham com expressões que são um misto de horror e fascínio.

– Espere, Jethro... – começa o doutor, mas já fui.

Corro ao longo do parapeito estreito com os passos mais largos a que me atrevo. Uivo enquanto corro, num tom alto e agudo, virando a primeira esquina. Minha velocidade aumenta na extensão seguinte e posso ver o brilho do vão da porta. Quando estou no nível dela, pulo para a direita, ganhando o chão enquanto corro. Desvio-me de um monte de engradados de leite que bloqueiam meu caminho. Estou perto da porta quando... SLAM!

Disparo em alta velocidade contra o guarda-costas mais alto. Ele mal vacila e tem tempo para me dar um soco no estômago. Minha visão se turva. Quando ela clareia, soco meu punho direito à frente e o atinjo no peito. Continuo com o esquerdo, mal olhando para o meu alvo. Sinto que o crânio do guarda-costas se entrega, enquanto as juntas dos meus dedos o esmurram. Não paro até que ele desmorone no chão.

Corro em direção à única saída. Cronometro Delany tentando me interceptar e atrás dele o borrão escuro flutuante do Doutor Gregory. Delany é muito devagar.

Meus pés agem por conta própria, fazendo-me atravessar a porta e descer em direção ao fosso da escada.

Olho para trás apenas uma vez, para ver o Doutor Gregory de pé na soleira da porta. Ele observa minha ida, enquanto alisa o cabelo com uma das mãos.

ESTOU COM A PORTA DO PORÃO ABERTA quando ouço. Reverberando em torno do fosso da escada.

Um uivo.

Um longo e abafado uivo que só poderia vir de MeninoLobo.

O som de alguém sofrendo.

Sem pensar, volto e subo a escada, mas, então, hesito. E se for uma armadilha? E se eu piorar as coisas?

Dou meia-volta e continuo indo para o porão. As lágrimas começam e não param. A grade de metal ainda está no chão, na entrada do túnel. Quanto tempo se passou desde que eu e MeninoLobo estivemos aqui? Olho para o buraco. Agora que estou por minha conta, ele não parece tão atraente. Levanto a grade. Posso tentar equilibrá-la contra a entrada para que pareça que está vedada. Eu me agacho e puxo a grade para a borda. Deslizo sobre meu estômago e me empurro para trás. Espero que eu seja capaz de segurar a borda com uma mão e a grade com a outra. Mas logo escorrego e caio, perdendo o controle. Minhas mãos raspam contra a parede do túnel.

– Merda! – digo para ninguém em particular.

O túnel está vazio, mas não tenho vontade de esperar sob a entrada, exposta. Afago minhas mãos e sigo pelo túnel até ver uma reentrância escura na parede, atrás de um monte de canos. Eu me curvo para um olhar mais de perto. O lugar é maior do que eu esperava. Alguém transformou esse lugar em um refúgio com cobertores e almofadas.

Meu ukulele entala nos canos, então eu o tiro e engatinho para dentro do cubículo. Sento-me sobre uma almofada e limpo meu rosto com a ponta de um cobertor. Estou total e profundamente esvaziada.

Eu queria ter machucado mais minha mão porque é o que mereço. Deveria ter voltado, mas agora, provavelmente, é tarde demais. MeninoLobo pode estar deitado no telhado, sangrando ou inconsciente. Doutor Gregory e seus homens podem tê-lo carregado para o carro e ido

embora. Era isso exatamente que eu temia. Não tenho nada comigo: minha carteira, meu celular e minhas chaves estão na mochila de MeninoLobo. O que eu deveria fazer? Andar até em casa e fingir que nada aconteceu? Que eu não o conheci, que ele nunca existiu?

Vou esperar dez minutos ou o mais perto que posso imaginar do que sejam dez minutos. Não quero voltar para lá. Não quero que esse seja o final.

Fecho os olhos por pouco tempo quando ouço alguém chegando ao túnel. Estou cansada demais para pensar em lutar, então, apenas me sento e espero. Um rosto surge sob os canos.

MeninoLobo parece em tão mau estado quanto eu, mas aliviado por me ver.

– Hei – digo, enquanto ele se espreme para dentro do buraco. Levanto dois dedos em sinal de paz. – Milagres Acontecem.

MeninoLobo rasteja pelo chão e cai sobre mim, escondendo seu rosto no meu pescoço. Tenho que morder o lábio para não chorar. E então, embaraçosamente, choro.

Choro em meio a muitos soluços e de maneira indigna, antes de me afastar para olhar MeninoLobo. Seu cabelo está despenteado e ele tem um arranhão no rosto. Seus olhos já não estão belicosos.

– Não peguei o cartão – é a primeira coisa que ele diz.

O cartão é a última coisa que me passa pela cabeça. Mal posso acreditar que ele esteja aqui, vivo. Eu o ouvi uivando como se alguém o tivesse esfaqueado no coração com a pá de pedreiro.

– Não estou preocupada com isso. Você está salvo. Conseguiu o isqueiro?

Ele acena positivamente.

– Que bom! – É reconfortante que não tenhamos feito isso em troca de nada, mas o isqueiro parece menos importante do que antes. – Sinto muito. Ficamos encurralados por minha culpa.

– Não seja estúpida. Não é culpa de ninguém.

A mão de MeninoLobo está suja de poeira e sangue.

– Você se machucou?

Ele segue meu olhar.

– O sangue não é meu. – Sua mão treme sob a minha e percebo que ele está tão abalado quanto eu. Toco no seu rosto.

– Tem certeza de que você está bem?

– Estou bem.

Enxugo minhas lágrimas mais uma vez. Devo estar com uma aparência péssima. Meus dias de *glamour* com certeza chegaram ao fim.

– O que aconteceu?

– Doutor Gregory... – MeninoLobo se esforça em busca das palavras. – Existe alguma coisa realmente errada com aquele cara.

– Ele é um nojo total. Como você escapou deles?

– Eu não sabia o que fazer, então subi na mureta. Corri pela borda uivando feito um louco.

– Você *o quê?* – Tento imaginar MeninoLobo em pé na beira do telhado, o vento o arrebatando, o enorme espaço acima e abaixo.

– Corri em torno uivando e eles me olharam como se eu fosse um documentário sobre a natureza.

Então, aquele foi o uivo que ouvi. Um pouco do aperto no meu peito se dissipa.

– E depois?

– Abri caminho até a porta. E depois fui pela escada.

– Eles deixaram que você saísse sem lutar?

Mesmo perguntando, percebo que já sei a resposta. O rosto de MeninoLobo se inflama com algo além do que apenas o arranhão no seu rosto.

– Não. Eu me encarreguei deles.

– O que isso quer dizer? – Olho novamente para sua mão cheia de sangue.

– Quero dizer que esmurrei um deles na cabeça com tanta força que não acredito que ele acorde até o ano que vem. E dei uma cabeçada no outro. Doutor Gregory me viu fazendo isso.

As mãos de MeninoLobo envolvem sua cabeça, como se ele tentasse manter juntas as partes do seu crânio.

– Acho que ouvi seu nariz se quebrando.

– Eles estavam tentando machucar você – digo a ele, esfregando sua perna. – Você tinha que se defender.

– Foi como se eu estivesse fora do meu corpo, me vendo fazer aquilo. Foi fácil, mas agora me sinto péssimo.

– É porque você é uma boa pessoa. É por isso. Você não tinha escolha.

Ele ainda está confuso, em meio a dúvidas. Sempre que acontecem brigas no Commons, os contendores parecem muito orgulhosos, mesmo quando

perdem. Nunca me ocorreu que eles pudessem ir para casa e se sentir envergonhados.

– E você não viu o Elfo?

Quando saí do telhado, estava pronta para lutar com o meu garfo de jardinagem, caso o Elfo ainda estivesse por perto, mas ele não estava em lugar nenhum.

– Não. Eu estava preocupado, ele poderia estar esperando por você na escada. Quando vi que a grade tinha sido mexida, então soube que você tinha escapado. E depois que cheguei no túnel vi seu ukulele.

Uau! Isto foi mesmo esperto da minha parte. Talvez eu pudesse ter hasteado uma bandeira e acendido uma chama enquanto estava aqui.

– Qual o próximo passo? – pergunto.

Agora, a única coisa que quero fazer é me enrolar e dormir por algumas horas, mas ainda estamos sob o domínio do mal e nosso esconderijo não é tão bom. Pelo menos alguns Moleques devem saber sobre estes túneis.

– Acho que deveríamos ver aonde o túnel nos leva.

– Tuuudo bem.

– Pensei que você não tivesse problemas em ficar no subterrâneo.

– No começo você também não gostou. E se ficarmos vagando por dias sem comida nem água?

– E daqui a cinquenta anos eles encontrarem nossos esqueletos, um deles com uma mão ossuda estendida em desespero? – MeninoLobo faz uma personificação muito boa de um esqueleto em súplica.

– Exatamente. Consegui reconhecer a direção dos túneis entre os prédios em Cidade dos Órfãos, mas, depois que passarmos desse ponto, não tenho ideia.

– Daremos um jeito. Os túneis devem nos levar a algum lugar.

Olho nos seus olhos. Posso ver apenas o brilho e não sua cor, nesta luz. Estou tão feliz que ele não esteja me culpando. Não sei por que chorei tanto. Isso não é mesmo do meu feitio.

– E você? Está bem? – é a vez dele de perguntar.

– Só estou aliviada.

MeninoLobo parece milhões de vezes melhor do que quando o vi pela primeira vez. Agora sei o que há por baixo. Sua paciência. A maneira como ele faz uma brincadeira, parecendo depois que quer voltar atrás. Quando me

ouve, ouve de verdade. Como sobreviveu às coisas terríveis que lhe aconteceram.

Ele olha de volta e nós, de fato, *vemos* um ao outro. MeninoLobo toca a ponta do meu nariz com um dedo, fazendo-me sorrir. Chego mais perto, muito lentamente. Sua respiração está quente e curta, junto à minha face. Fecho os olhos no último minuto e sinto seus lábios virem de encontro aos meus. Macios. Deixo meus lábios descansarem nos dele por alguns segundos e depois me afasto. Ele delicadamente me puxa de volta.

vinte e oito

O TETO AINDA É ALTO O SUFICIENTE PARA se andar em pé, mas o túnel estreitou notavelmente. As paredes têm partes forradas com isopor laranja.

– Existe alguma chance de o Elfo saber que estamos usando os túneis? – MeninaSelvagem pergunta.

– Acho que não.

Imagino que, enquanto estávamos no telhado, ele poderia ter seguido nossa pista até aqui, mas não acho provável.

– Blake disse que ele podia escalar. – MeninaSelvagem está ansiosa. – Fico imaginando que vou olhar para trás e ele vai estar rastejando pelo teto como uma aranha.

Essa é uma visão confortante. Paro e olho para ela. É muito fácil ficar assombrado na Escuridão. É preciso se manter acima dos seus pensamentos mais paranoicos.

– Acho que ele foi se encontrar com o restante dos Seis-Setes – eu digo. – Ele deve ter ganhado muitos pontos com o Doutor Gregory por nos atrair até Cidade dos Órfãos. Aquilo teria sido suficiente. Ele não vai mais nos incomodar.

Pelo menos esta noite, eu penso, mas não digo. Puxamos a grade de volta sobre a entrada e a prendemos em alguns canos com a corda que eu tinha na mochila. É claro que existe a entrada do porão no Sete e mais nos outros prédios, mas a acústica é tão boa aqui embaixo que teremos um bom aviso. Até agora não surgiram obstáculos e progredimos bastante.

– Foi tudo por causa disto? Atrair-nos até Cidade dos Órfãos?

Estendo meu braço sobre uma parte baixa do teto, enquanto MeninaSelvagem passa. Ela tem uma coisa azul e brilhante enrolada em torno da sua cabeça, como um turbante. Ninguém mais poderia sair assim. Ela está linda.

– Não sei o que pensar.

Doutor Gregory fez sua pesquisa. Eu era seu alvo e ele pensava que sabia como me pegar.

– Nós caímos direto na armadilha deles.

– É. Eles sabiam que eu não ia desistir do isqueiro com tanta facilidade. – O problema era que eu quase desisti. Se não fosse por MeninaSelvagem, eu poderia ter desistido. Sou mais covarde do que eles pensavam que eu fosse.

– Talvez não esperassem que eu fizesse alguma coisa hoje à noite, mas...

– Por que eles não se limitaram a pedir o cartão? Eu o teria devolvido. Por que passar por toda essa confusão?

– Não acredito que o cartão tivesse nada a ver com isso. Os Moleques só viram você com ele no PequenaMorte, depois que tinham roubado o isqueiro. Eles não sabiam disso quando nos assaltaram.

– Então, por quê?

Suspiro. Doutor Gregory sabe demais a meu respeito. O modo como ele ficou ali, arrumando o cabelo, me vendo sair... Ele não parecia muito preocupado em me deixar ir embora. Parecia um homem esperando pelo momento oportuno.

– Acho que ele quer me recolher como um espécime em um vidro – digo finalmente, ainda que tenha certeza de que é mais complicado do que isso. De alguma forma Doutor Gregory pegou o que ele queria, mesmo eu saindo de lá com o isqueiro.

– Se eles estão pouco se lixando para o cartão, gostaria que tivessem me deixado ficar com ele.

– Para você ficar por aí gastando o dinheiro deles? Acho que não.

O túnel volta a se alargar e seguimos para a direita. Até agora não chegamos a nenhuma intersecção. É aí que as coisas vão se complicar.

– Espere, MeninoLobo! – MeninaSelvagem para e olha diretamente para cima. – Viu isto?

Junto-me a ela. Quando passei não vi o buraco gradeado com ar fresco entrando por ele. O céu noturno é visível. Firmo-me com os braços nas paredes, depois subo em alguns canos e chego mais perto do teto. Não posso ver nada além, mas posso sentir o cheiro de ar fresco. Está calmo sobre a terra.

– Você acha que conseguimos tirar a tampa? – pergunta MeninaSelvagem.

Corro os dedos pelas bordas do buraco e parece que as barras foram cimentadas.

– Não. Mas é bom porque significa que estamos próximos da superfície. Temos que procurar outra saída por perto.

– Estamos suficientemente longe de Cidade dos Órfãos?

– Sim. Acho que podemos até estar perto dos jardins do memorial.

Continuamos seguindo em frente e passamos por um túnel circular.

– O que é que eu estou procurando?

– Não tenho certeza – respondo. – Outra grelha, uma escada ou uma boca de lobo.

Volto alguns passos e olho dentro do túnel circular. É um túnel de um preto retinto que emana um ar viciado.

– Você acha que tem alguma coisa aí dentro?

Dou de ombros. Tenho um pressentimento, é só.

– Hei – MeninaSelvagem diz –, deixe-me mexer na sua mochila! Tenho uma lanterninha nas minhas chaves de que eu tinha me esquecido completamente.

Viro as costas para ela e a sinto manuseando o zíper. Minha mochila está bem leve agora.

– Fico contente que você não tenha largado sua mochila. Eu teria que dar um chute na sua bunda, se você perdesse toda a minha tralha.

Provavelmente, eu não me incomodaria se ela chutasse a minha bunda, embora, se pudesse escolher, optaria por mais um beijo. É a primeira vez que fico tão perto de alguém desde a minha mudança. Beijar me pareceu melhor do que eu me lembrava, mas também senti como algo com o que tenho que tomar cuidado. Nunca tive essa sensação.

MeninaSelvagem liga o seu chaveiro. Ele solta um raio surpreendentemente forte. Ela vai a passos lentos até o velho túnel, balançando a luz para trás e para a frente. Depois de alguns minutos demorando-se em um único lugar, ela chama.

– MeninoLobo, venha ver isto!

MeninaSelvagem ilumina o lado do túnel, que se abre para um cômodo estreito. Nos fundos do cômodo há uma escada enferrujada em espiral.

É difícil ver para onde a escada leva, mas não pode ser muito longe. MeninaSelvagem segura seu chaveiro o mais alto que consegue, mas a escuridão consome toda a luz. A escada só dá para uma pessoa por vez.

– E se não der em lugar nenhum?

– Vamos descobrir. Vou na frente. – Ela pega minha mochila e logo consigo ver apenas suas pernas, me deixando subir na escuridão. Procuo me localizar estendendo os braços e descubro que as paredes rodeiam a escada muito de perto, como se estivéssemos subindo por uma chaminé. Meus braços e pernas não estão completamente esticados e os degraus estreitos mais parecem degraus de uma escada de mão. O negrume é tão denso que não consigo enxergar minhas próprias mãos.

Depois de alguns metros fico confuso. Como é que podemos estar subindo tanto, quando estamos logo abaixo da superfície?

– Cheguei ao fim – a voz de MeninaSelvagem está abafada.

– Dá pra sair?

– Você tem uma chave inglesa aqui, não tem?

– Por quê?

– Tem uma fechadura.

Ouve-se um tinido surdo enquanto MeninaSelvagem golpeia a chave inglesa contra a fechadura. Ela xinga e bate com mais força.

– Consegui!

Seus pés desaparecem. Ela ri acima de mim, mas o som soa estranho como se ela estivesse caindo para cima.

Primeiro o ar e em seguida o luar inundam a escada. Acima, vejo um quadrado de céu estrelado e depois saio do buraco meio caindo, meio rastejando. O chão está mais longe do que eu pensava e despenco protegendo minha cabeça com os braços. Quando paro, MeninaSelvagem está aos meus pés, rindo e apontando. Olho para trás.

Estamos no meio de um tanque vazio. Atrás de mim há uma fonte decorada com querubins e um cavalo. Reconheço a fonte como uma que fica no meio dos jardins do memorial, mas não me lembro de ter visto a portinha que está ao seu lado, a cerca de um metro acima do solo.

Quando MeninaSelvagem para de rir à minha custa, deixo que suba nos meus ombros enquanto fico na borda de pedra do tanque. Apenas algumas torres de Cidade dos Órfãos são visíveis acima das árvores, mas parece que todas as suas luzes estão acesas. Nossa fuga não passou despercebida.

Desço MeninaSelvagem com cuidado. Ela está começando a tremer, apesar de vestir pulôver e jeans. Até minha respiração está soltando fumaça no ar. É tarde. A noite é sempre mais fria antes do amanhecer, ainda que o sol não vá brilhar sobre os jardins.

– O que é isto na sua cabeça?

Ela tira e me mostra.

– É uma jaqueta. Encontrei-a no cubículo e achei legal.

Ela torna a enrolá-la em torno de sua cabeça, amarrando as mangas atrás com um nó.

– Estou usando a moda *disco nômade* – ela diz. – Na próxima estação ela vai ser um sucesso, espere e verá.

Não é de estranhar que ela tenha se dado tão bem com Ortolan.

– Aonde vamos agora? – De repente MeninaSelvagem parece desamparada. Eu me pergunto se ela está pensando no cartão perdido.

– Você me perguntou mais cedo onde Paul e Thom moram?

– É.

– A casa deles é aqui perto. Podemos nos limpar lá e resolver o que fazemos depois. – Ainda não quero voltar para casa. Não sei o que vou encontrar ali. Se Blake ainda está por lá. Ou se alguém vai estar me esperando.

Subimos por um dos muitos caminhos que se irradiam da fonte, meu braço envolve seus ombros e os seus em torno da minha cintura. Atravessamos o ressecado Parque dos Carvalhos, que é mais lama do que grama agora. Tento imaginar quanto tempo ficamos em Cidade dos Órfãos. Na Cidade, o amanhecer deve estar próximo. A noite não vai durar para sempre, não para nós. Agora, a melhor coisa que posso fazer por MeninaSelvagem é levá-la para casa em segurança, mesmo preferindo que ela ficasse. Posso pensar em um milhão de coisas para mostrar a ela agora e teria tido a chance de fazê-lo, se o Doutor Gregory e os Moleques não tivessem nos armado uma cilada. Quero perguntar a ela se acha legal sairmos de novo, mas eu não sei como fazer isso.

– Ei – MeninaSelvagem para. – Olhe.

Levo alguns segundos para ver o que ela está mostrando. Ao nosso redor, salpicados por todo o Parque dos Carvalhos, acham-se pontos marrons peludos em estado de atenção.

Társios.

Observam-nos solenemente enquanto passamos no meio deles, mas não se mexem.

– Acho que encontraram seu novo lar – diz MeninaSelvagem. – Eu ainda não acharia ruim se tivesse um como bicho de estimação.

– Que nome você daria?

– Talvez Snoopy. Ou Gerald.

Depois do gramado, atravessamos a avenida principal. Do outro lado há um chalé de pedra com venezianas brancas, uma chaminé e uma porta de madeira. Bato na porta, mas não respondem.

ENQUANTO O EXTERIOR DA CASA DE PAUL e Thom parece uma casa de contos de fadas, o interior, com toda certeza, não tem esse aspecto. O chalé é caótico. Alguém tem dormido no sofá e uma outra cama foi feita com duas cadeiras e uma porta. Em cima de um aparador há um *laptop* e uma impressora, além de um monte de tralhas: hidrográficas, etiquetas, camisetas. Uma escrivaninha antiga está coberta com embalagens de quentinhas e LPs. Um conjunto de cortinas foi quase completamente arrancado do varão e o ar tem um forte cheiro de menino.

– Segurança de primeira – diz MeninoLobo, fechando a porta da frente e procurando acender uma luz de cima que não funciona. Em vez disso, ele acende um abajur de mesa com uma cúpula colorida de vidro.

– Que tipo de casa é esta?

– Era um museu histórico, do tipo “venha ver como os antigos viviam”. Mas, quando aconteceu a Escuridão, todos se esqueceram dele até que Paul e Thom o incorporaram como moradia de solteiro. Curioso, não é?

– É.

Isto explica a estranha mistura de antiguidades e artefatos de garotos. Vejo uma cueca enfiada em uma jarra de leite. Indecente.

– Decididamente eles não estão em casa. – MeninoLobo digita uma mensagem rápida no seu celular. – Pelo menos a gente pode se limpar.

– Esse é seu jeito educado de me dizer que eu estou horrível?

– Você está ótima – ele mente. – Mas naquele canto tem uma pia, se você precisar.

Levo um susto quando vejo meu reflexo no espelho sobre a pia. Meu turbante glamoroso não esconde meu cabelo arrepiado e estou com olheiras. O resto da minha maquiagem já saiu. Tiro o pulôver e visto a jaqueta de lantejoulas sobre minha camiseta de MeninaSelvagem. O delineador sai com a água. Por um momento considero usar uma das escovas de dente que estão equilibradas na pia, mas depois decido que devo estar

temporariamente insana. A pasta de dentes e uma enxaguada vão ter que bastar. Experimento meu bafo segurando minha mão em frente à boca. Queijos suíços. Fico satisfeita que MeninoLobo tenha comido o mesmo *kebab* que eu.

Quando retorno à sala principal, MeninoLobo está sentado em uma cadeira de balanço com uma barra de chocolate. O saco plástico cheio de ervas está no seu colo e a sala cheira a pizza. Suas bochechas estão estufadas de chocolate e balas. Ele mostra seu celular, para que eu possa ler a tela:

Estou APAIXONADO
apaixonado com letras maiúsculas

MeninoLobo sorri.

– O que você precisa entender é que Paul se apaixona pelo menos uma vez por semana. Mas ele não vai demorar para voltar. Ele e Thom foram a uma festa no campo.

Não consigo tirar os olhos do chocolate no colo de MeninoLobo. Tínhamos estes chocolates todo o tempo. Como eu não sabia disso? Meu estômago gorgoleja.

– Você não vai me dar um desses?

– Ah, me desculpe. – Ele me oferece o saco. Segura meu olhar por um longo segundo e depois baixa os olhos. Eu me pergunto se ele sente o que estou sentindo, que estamos só nós nesta casa. Não é igual a quando estivemos na casa dele. Agradeço por Thom e Paul não serem domesticados. Imagine se no meio do quarto tiver uma cama gigante. Isso sim seria estranho.

Procuro no saco até encontrar uma barra, abro a embalagem e me entupo de chocolate. Minha boca se enche de doçura. Pequenos pedaços de orégano invadem minha boca cheia, mas não me importo. Muito. Bom.

MeninoLobo levanta-se para usar a pia.

– Acabei de lembrar que deixamos a bicicleta de Blake perto da cerca – digo depois que ele passa. – A sua também.

Sua voz vem do canto da sala.

– Busco as bicicletas outra hora. Se elas tiverem sido roubadas, arrumo outra para Blake. De qualquer jeito, nunca uso a minha.

Avanço em outra barra e vejo a mochila de MeninoLobo largada perto da porta da frente. Estico o pulôver emprestado no chão e ponho minhas coisas no meio. Carteira, celular, hidratante para os lábios, o descanso de copo que peguei no PequenaMorte. Meu celular ainda está desligado.

Merda.

Minha mãe.

Sem dúvida passei da hora de voltar há muito tempo.

Ela não tem ideia de onde estou. Já fiquei fora antes, mas nunca durante toda a noite, e geralmente depois de brigarmos. Sempre deixo que ela saiba onde estou. Embrulho minhas coisas no pulôver, mas o celular deixo de fora.

Sento no sofá e espero meu celular ligar. MeninoLobo volta para a sala *sem camisa*, secando debaixo dos braços com uma toalha de mão. Seu peito não é peludo como pensei que fosse. Meu rosto estava próximo ao dele, meus lábios nos dele, há menos de uma hora. Meu celular bipa uma vez.

Duas vezes

Três vezes.

Quatro.

– Sua mãe? – pergunta MeninoLobo.

Tenho quatro mensagens: duas de voz e dois textos. Ai, Deus! Não posso ouvir a mensagem de voz, agora não. Desço para as mensagens de texto.

Querida, me diga se você está bem. Só isto.

Minha mãe é a única pessoa que conheço que usa pontuação correta numa mensagem de texto e se recusa a abreviar uma só palavra.

E a segunda: PS. *Não estou brava. Fique onde está, mas me diga se está bem.*

Não estou brava. Por que ela não estaria? Ela deveria estar. A menos que... Fico imaginando se alguém contou a ela o que aconteceu na escola. Não posso pensar em ninguém que faria isso. Sou a única pessoa no Commons que vai para Southside. Como ela poderia ter descoberto? A não ser que a professora...

Quando levanto os olhos do meu celular, MeninoLobo está vestido com uma camisa diferente e me olha preocupado.

– Quem era?

– Minha mãe.

Ele se senta na minha frente, no caixote que Paul e Thom usam como mesa de centro.

– Ela vai trancar você em casa pelo resto da vida?

– Não. Ela quer saber onde estou. Bom, ela nem ao menos quer saber isso. Só quer que eu diga que estou bem.

– Você, então, tem uma ótima mãe?

– É. Não. Não sei.

Estendo a mão e pego no seu braço, sentindo o músculo se mexer sob a camisa e a pele. Se minha mãe sabe o que houve, vai querer me ajudar e provavelmente piorará as coisas. Isto se ela acreditar que não sou eu na foto. Minha garganta fecha.

– Não fui totalmente sincera com você.

MeninoLobo parece preocupado.

– Estou na merda lá na escola. Foi por isso que saí esta noite e é por isso que estava bebendo feito uma esponja. Quando achei o cartão, pensei que fosse a resposta para os meus problemas: eu poderia simplesmente fugir.

– Você foi suspensa ou coisa parecida?

– Não, nada disso. – Se eu continuar contando, será que ele vai começar a ver os meus defeitos também? Respiro fundo. MeninoLobo me contou as piores coisas da vida dele. Posso fazer isso.

– É que todo mundo me detesta na escola.

– Todo mundo? Todas as pessoas da escola?

– Parece que sim. Não consigo entender o que foi que eu fiz para que elas me detestem tanto. Sei que, às vezes, não sou das pessoas mais fáceis para conviver, mas...

– Você se meteu em uma briga?

– Não em uma briga física. Seria mais fácil se a gente só se estapeasse e acabasse com isso. É principalmente um grupo de meninas, mas elas têm influência na série em que estou. O governo deveria contratá-las por sua habilidade em guerra psicológica.

MeninoLobo balança a cabeça.

– Não a conheço há muito tempo, mas de uma coisa tenho certeza: você é uma pessoa boa. Não consigo entender por que alguém a detestaria. Veja como você se deu bem de imediato com Paul, ele é a pessoa mais estranha do mundo, e como você encantou os piratas e o cara no elevador. Quem poderia te odiar?

Coloco a cabeça no braço de MeninoLobo por alguns segundos. Sua bondade faz com que eu corra o risco de voltar a chorar. Não posso lhe contar mais nada. Tudo em casa ainda está me aguardando. Só de pensar nisto me sinto completamente exausta. Tenho que voltar.

– Podemos descansar um pouco?

– Claro. Não estou cansado, mas por que você não se deita e daqui a um tempo eu a acordo?

MeninoLobo desarranja meu cabelo. Parece que ele vai se inclinar e me dar um beijo no rosto, mas talvez eu tenha hesitado ou esteja com uma expressão estranha, porque ele se levanta e sai. Ele se senta confortavelmente na cadeira de balanço e pega uma revista em quadrinhos.

Tiro minha botas e me afundo no sofá. Só vou fechar os olhos por alguns minutos.

A PRINCÍPIO, NÃO SEI ONDE ESTOU. Minha bochecha está sobre um couro e há uma estranha forma quadrada em frente ao meu rosto, portanto não posso estar no meu quarto. Tento me sentar, mas é como se tivesse sido atropelada por um caminhão. Torno a deitar até que a confusão se desfaça.

Meu cérebro leva anos para acordar e me dizer quem sou, onde estou e o que estive fazendo. Estou na casa de Paul e Thom. Devo ter adormecido no sofá deles. Sento-me e minha cabeça gira. Em vez de me fazer bem, o cochilo acabou comigo.

MeninoLobo está dormindo na cadeira de balanço com um gibi no colo e os pés descansando no caixote. Uma de suas mãos está fechada em torno de algo pequeno, acho que é o isqueiro, e ele não faz um ruído.

Eu me levanto e caminho em silêncio até a janela.

Os jardins estão cinza-esverdeados e escuros. Atrás do chalé há outro gramado, salpicado de canteiros vazios. Há um caramanchão no lado extremo, antes de uma densa camada de árvores. A lua está escondida em algum canto atrás da casa. Eu me dou conta de que posso ter dormido por muito tempo, a escuridão não quer dizer nada. Não prestei atenção na hora, quando liguei meu celular. Tenho outra sensação de conto de fadas. Talvez eu seja como o pescador japonês que parte para o fundo do oceano por três noites com a maravilhosa princesa e quando retorna à superfície descobre que sessenta anos se passaram.

Bebo um pouco de água na pia e descubro meu celular entalado no encosto do sofá. 5h27. Nenhuma mensagem.

Sento-me no sofá com a trouxa dos meus pertences no colo e observo MeninoLobo dormir.

Ele está nas profundezas. Apenas o subir e descer do seu peito me deixam saber que não está morto. Pela primeira vez reparo em como suas sobrancelhas são grossas. É a primeira chance que tenho de pensar sobre essa noite. O que vai acontecer depois? MeninoLobo pode me achar

formidável agora, mas quanto tempo isso vai durar? Não vai demorar muito para eu estragar tudo. Não me iludo, não culpo outra pessoa por não ter amigos na escola. MeninoLobo não me conhece.

Enquanto olho para ele, algo escorrega dentro de mim, uma lente escapole e tudo parece diferente. Eu também não sei quem ele é. Tire as últimas sete horas e meia e ele é um estranho.

O chalé é pequeno e não há ar suficiente.

Percebo que não posso ficar aqui. Tenho que partir. Melhor ir embora.

Acho uma caneta e um pedaço de papel no aparador. MeninoLobo não se mexe. Sento no sofá e lhe escrevo uma carta, antes que mude de ideia. No início me esforço com as palavras, mas depois me limito a escrever o que me vem à cabeça. Quando o papel está todo cheio, eu o dobro em quatro e o deixo sobre o caixote.

Examino o rosto adormecido de MeninoLobo pela última vez, procurando por aquela minha porção que queria segurar sua mão, seu braço, seu rosto, conhecer sua boca, mas não há nada. É melhor desse jeito.

Penduro em mim o meu ukulele e seguro minhas botas com uma das mãos. A porta range alto. Não olho para trás. Caminho rapidamente pela trilha do chalé até a avenida principal, apertando minha trouxa contra o estômago. Quando estou a uma distância segura, paro e coloco minhas botas. A temperatura volta a me deixar sem fôlego. Sigo por uma trilha nova, que passa por uma quadra de basquete e por um *playground*. Caminhos de cascalhos fatiam os jardins em triângulos e quadrados. Um quadrado está cheio de árvores deitadas como se estivessem bêbadas. Além do *playground* passa uma rua. Fico imaginando até onde terei que andar até conseguir um táxi.

Quando chego na rua está escuro e desanimador. Sigo a beirada dos jardins até cruzar outra trilha. Ela me leva de volta ao centro, até que estou novamente em frente à fonte.

Perdi todo o sentido de direção: acima e abaixo, bem como norte, sul, leste e oeste. Olho ao redor, para o cavalo empinando acima do lago e para o cascalho sob meus pés e não sei o que ver ou sentir. Neste momento, nenhum lugar me parece confortável.

Sento na beirada do tanque e olho a noite. As árvores estão quietas, gigantes silenciosos. Mortas, mas ainda de pé, como as estrelas extinguidas há milhares de anos que ainda brilham em nosso céu.

De qualquer modo eu teria que deixar Timidez. Eu me testo tentando imaginar MeninoLobo pegando o trem para Plexus à luz do dia. Tento imaginar como ele estaria sentado em nosso minúsculo apartamento comendo biscoitos com minha mãe. Não. Ridículo.

Quero chorar, mas já chorei bastante esta noite. Não há respostas nesse silencioso parque escuro. Será que existem monstros nesses bosques? Haverá monstros em Timidez, ou em Plexus, ou está tudo na minha cabeça?

Ouçõ uma risadinha de leve à minha esquerda. Olho para o lado e descubro que estou dividindo o tanque com um tãrsio. Ele estã sentado na beirada, a um metro de mim, e olha para a frente sem piscar. Estalo a lãngua para chamar sua atençãõ.

Em vez de se virar para mim, o tãrsio gira a cabeçã em outra direçãõ, para a esquerda, e continua girando-a *quase trezentos e sessenta graus*, atã que seus olhos olham diretamente nos meus. È uma das coisas mais estranhas que jã vi, è inquietante como o inferno.

Eu me levanto e volto para o chalã. Cada vez que meu pã toca no chãõ entoo estas palavras: *sem medo, sem medo*.

A PORTA DO CHALÉ ESTÁ TRANCADA. Fico girando a maçaneta como se fosse acontecer um milagre, mas nada muda. Nós simplesmente entramos aqui antes, portanto não consigo entender por que agora a porta não abre. Talvez MeninoLobo tenha feito alguma coisa com a tranca.

Vou precisar bater.

Faço várias tentativas, mas por fim MeninoLobo vem até a porta. Ele ainda está bastante sonolento e está confuso por eu estar na soleira da porta e não no sofá.

Passo por ele e falo rápido.

– Desculpe-me. Saí para fazer xixi. Pensei que tivesse deixado a porta aberta, mas quando voltei estava trancada.

Coloco minhas coisas no caixote e enfio a carta no bolso tão disfarçadamente quanto possível. MeninoLobo não parece notar.

– Esqueci de avisá-la, não existe banheiro.

– Tudo bem. Fui nas moitas lá fora. – Sento-me no sofá, bem no ponto de onde comecei. Minha voz e meus movimentos não parecem naturais. A melhor defesa é um bom ataque.

– Onde Thom e Paul tomam banho?

– Na minha casa. Ou não se incomodam. Existe um banheiro público do outro lado da fonte, mas é uma boa caminhada. Você também dormiu? – pergunta MeninoLobo.

– Hum-hum. Quanto tempo você acha que estivemos fora?

– Não tenho ideia. – MeninoLobo passa a mão pelo cabelo e se senta ao meu lado. Arrisco uma olhada geral nele. Está novamente parecendo ele mesmo, só que com olhos de sono e cabelos bagunçados. – Então, andei pensando.

– É? – Sinto um frio no estômago.

– Andei pensando se meus pais sabem que Ortolan voltou.

A sensação de nervoso se dissipa. Pensei que ele ia falar outra coisa.

– Eles nunca perguntaram se você a vê?

– Eu só falo com a minha mãe e não falo com ela há meses. De qualquer maneira, nunca falamos de coisas importantes.

– Você nunca pensou sobre Diana, sobre a criança?

– Eu era mais novo, quando descobri que ela tinha tido um bebê. Não fiz perguntas. É ingenuidade, eu sei, mas simplesmente não pensei a esse respeito. É uma coisa que eu quero fazer.

– O quê?

– Quero falar com Ortolan. Perguntar algumas coisas.

– Esta é uma boa ideia – digo a ele. Ele fica quieto, enquanto torce as pontas de sua camisa. – Você quer dizer agora mesmo, não é? – Suponho que eles façam coisas a qualquer hora aqui.

– Quero fazer isso antes que me acovarde.

Ele faz uma pausa.

– Quer que eu vá com você? – pergunto.

– Acho que deveria fazer isto sozinho.

– Ah. – Sinto uma certa decepção; de qualquer maneira era eu que estava caminhando lá fora há pouco tempo.

– Pensei que poderíamos andar juntos parte do caminho e eu poderia lhe mostrar onde pegar um táxi. Depois, posso ir até a casa de Ortolan.

Aquilo parece bom. Eu tenho mesmo que ir para casa, mas não queria ser a primeira a dizer isso.

– Você é corajoso – digo.

Ele me olha de um jeito engraçado.

– Você também invadiu Cidade dos Órfãos, se lembra?

– Não foi isso que eu quis dizer.

MeninoLobo manda uma mensagem a Paul para saber o endereço de Ortolan.

– Por que Paul mantém contato com ela?

– Porque ele sabe que eu não mantenho.

Ele desliga o abajur e deixa as barras de chocolate para Paul e Thom. Resgato uns bonecos de uma jarra de leite e os coloco perto do abajur apenas para confundi-los.

Na porta, ele se vira para mim.

– O que estava escrito no bilhete?

– Que bilhete? – A mentira é automática. Eu não quero que ele saiba que estive perto de ir embora sem dizer adeus de forma adequada. Acho que ele não me perdoaria por isso.

– Não se faça de boba. O pedaço de papel que você pegou da mesa de centro e escondeu no bolso.

– Não sei do que você está falando. – Como sempre, uma vez que começo a mentir, não consigo parar.

Ele dá de ombros sem acreditar e vai até a porta. Eu o alcanço rapidamente e enfio meu braço no dele.

Atravessamos as ruas periféricas de Timidez, caminhando por lugares desconhecidos. A Lua tornou a se mover, se escondendo por trás de uma camada de nuvens. Ou foram as nuvens que se moveram e a Lua continuou no mesmo lugar. Quem sabe como as coisas funcionam aqui!

– Então, você vai ver a manhã em Panwood. – Dou um puxão no braço de MeninoLobo. – Está nervoso?

– Faz um tempo.

– Eu emprestaria meus óculos escuros, mas eles ficaram na sua casa.

– Você deixou algumas coisas na minha casa. – Há uma pausa. – Então, quando eu vou vê-la novamente para lhe devolver tudo?

– Pensei que você podia dar minhas coisas para algum Moleque para depois eu invadir o lugar secreto deles, pegar tudo de volta e escapar, tudo sem ser vista.

– Bom plano. – Ele ri, mas não me pressiona. Eu queria que ele me pressionasse. Eu deveria ter dito apenas “em breve”, em vez de fazer uma piada da sua pergunta.

As sombras baixas da zona residencial são substituídas por construções industriais maiores com altos muros de tijolos e arame farpado. Algumas dessas grandes edificações chegam a ter guaritas e holofotes. Viramos para a esquerda em outra rua industrial sem fim. Do jardim até Panwood é preciso caminhar muito. Suspiro. Meu corpo já não tem adrenalina. Agora, posso sair flutuando a qualquer segundo.

– Foi mesmo só uma noite? – eu pergunto.

– Isso realmente importa?

– Para a minha mãe importa.

– Tenho certeza de que foi só uma noite. Você reconhece onde estamos?

– Não.

– O PequenaMorte fica pra lá, na rua de cima.

Isso faz sentido. A rua onde estamos tem uma série de chalés de mineiros, como as ruas em torno do clube.

– Quase fizemos um círculo completo. Ortolan mora ao largo da Rua Grey.

Ainda não entendo o que ele quer dizer.

– Vamos. Você vai ver. – Ele me arrasta pelo braço. Preciso ser levada. Mataria por uma xícara de chá. Quente, doce, chá com leite. A parte de trás das minhas pernas dói. Os chalés de mineiros terminam em uma ampla avenida de lojas vazias e iluminação pública desligada.

– Aqui é a Rua Grey? – pergunto.

– Quase. – MeninoLobo agora está mais apressado, andando aos saltos, o que faz com que eu mal consiga acompanhá-lo. Chegamos a uma intersecção com quatro ruas largas, para direções variadas. – Aquela é a Rua Grey. E veja, o Hotel Diabético.

Do outro lado da rua está o bar verde com torres, onde encontrei MeninoLobo horas atrás. O luminoso de néon ainda está aceso e há muita gente fazendo hora tão tarde em um sábado à noite. Ou tão cedo em um domingo de manhã. O bar parece diferente do que eu me lembrava. Parece que estou viajando. Tento me imaginar entrando por aquelas portas, um pouco alta com o vinho barato, desesperada para esquecer. Não tenho ideia do que nos aguarda. O céu acima do bar está roxo e não preto.

– O que acontece?

– Não sei.

Há três carros de polícia estacionados do lado de fora e uma fita amarela na entrada. Um grupo de pessoas está sentado na sarjeta. Um Sonhador solitário vaga em meio ao cruzamento como um *iceberg* à deriva.

MeninoLobo me puxa para longe.

– Seja o que for, é coisa ruim.

Olho por cima do ombro, enquanto vamos embora.

– Espero que Neil e Rosie estejam bem.

Paramos perto do cruzamento, em frente a um lugar que aluga fantasias. Eu me vejo arrastando meus pés cada vez mais. De repente, tenho muitas coisas a dizer.

– Vou deixar você aqui – diz MeninoLobo me olhando.

– Tudo bem – baixo o olhar. Detesto despedidas. Nada que eu diga agora chegará perto de a noite foi terrível, incrível e louca.

– Esta é a Rua O’Neira. A partir daqui é Panwood. Se você subir esta rua por alguns quarteirões, vai ver uma loja que vende equipamentos esportivos e alguns restaurantes. Lá geralmente tem alguns táxis esperando.

– Entendi – eu digo, quando na verdade só tinha entendido metade. – Para onde você vai?

– Vou voltar pela Rua Grey.

MeninoLobo me abraça apertado e afundo meu rosto no seu ombro. Tento registrar cada pequeno detalhe do momento. Chega a hora quando tenho que me afastar. Tiro a carta do meu bolso. Ela diz algumas das coisas que quero dizer.

– Isto é para você. Leia depois.

– O número do seu telefone está aqui? – Pelo menos ele não me recriminou por ter mentido antes. Eu dobro seus dedos sobre a carta, amassando-a.

– Guarde o papel.

MeninoLobo se inclina e me beija, apenas por um segundo, mas é longo o suficiente. Fixo meus olhos nos dele, como se tirasse uma foto mental, depois me viro e vou embora.

trinta e dois

O SOM DE MENINASELVAGEM MEXENDO a esmo no seu ukulele vai se esvaindo conforme ela segue pela rua. Espero até não poder ver mais sua jaqueta brilhante, e, então, sigo para a Rua Grey, só passando para o lado de Panwood depois que estou bem além do Hotel Diabético.

Não há muito mais coisas acontecendo na Grey. As únicas pessoas que vejo estão dentro de uma padaria, colocando pães em grandes bandejas de metal. Paro por um momento e checo as orientações que Paul tinha me mandado na mensagem. Viro à direita na próxima travessa e vejo os primeiros sinais da madrugada acima dos telhados em ziguezague.

Minhas pernas estão fracas e lamento não ter trazido MeninaSelvagem comigo. Talvez eu não possa fazer isso sozinho. Meus dedos roçam o papel quando coloco a mão no bolso.

Encosto-me em uma cerca e leio a carta. A redação é bagunçada e confusa.

Querido MeninoLobo

Se não fosse você, acho que nunca descobriria minha verdadeira vocação para o ukulele, ou teria o desagradável conhecimento de que os piratas não dão os melhores beijos do mundo, ou faria a agradável descoberta de que quem faz isso são os meninoslobos.

Esta foi uma noite e tanto.

É pouco provável que eu fosse a pessoa certa para dar conselhos, mas se você me perguntasse o que acho, diria isto: seja amigo de Ortolan. Isso significaria muito para ela e não seria ruim para você.

Acabou a palestra. Ah, FIQUE LONGE DOS MOLEQUES.

Acabou a palestra.

Esta noite foi nossa, só você e eu.

A carta está assinada *NIA xx* e tem um número de telefone rabiscado no final. Guardo-a em segurança no mesmo bolso do isqueiro. Agora me sinto preparado.

O céu está clareando segundo a segundo. Faixas de nuvens em tom de nectarina revestem o horizonte. Olho para trás, para Timidez, e tudo o que vejo é uma noite machucada. Fico pensando se Ortolan é como eu, se ela escolheu viver aqui para ficar perto de Gram.

Paro ao ver a fachada da estreita loja de dois andares. O nome, *Birds in Winter*, é formado por luzinhas na vitrine da frente. Uma entrada de ferro ondulado arqueia sobre o andar térreo e acima dele há uma janela no primeiro andar. Ortolan e uma menina estão empoleiradas na janela com canecas e um cobertor. Ortolan já me viu. Percebo que não tenho ideia do que vou dizer a ela.

Aceno.

A menina acena de volta com um jeito atrevido e desaparece. Ortolan se levanta e eu atravesso o passeio. A porta da loja está pintada de um vermelho sanguíneo com uma tabuleta em forma de adaga que balança acima da minha cabeça. Dá para ouvir passos animados atrás da porta da loja, que faz um estalido e se abre para dentro.

Olho para a menina usando pijama azul da cor do céu, cheio de fofas nuvens brancas. Ela tem o mesmo corte de cabelo de Ortolan e um par de olhos muito sérios e muito azuis. Sorri com vergonha e abre mais a porta.

– Bom dia – ela diz.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer a mamãe e papai por seu apoio irrestrito. Tudo que sou, devo a eles. Agradeço a Carly e Jacqui por serem mais velhos, mais sábios, e estarem sempre interessados nas bizarrices de sua irmã mais nova.

Montanhas de gratidão para todos na Text, mas especialmente para Michael Heyward por apostar em mim, minha encantadora editora Alison Arnold, a divulgadora Stephanie Stepan, e a guru em direitos autorais Anne Beilby.

Tenho muita sorte por me ver cercada pelo interesse de amigos, colegas de trabalho e minha família, que passaram anos me incentivando com a simples pergunta: “Como vai indo o livro?”. Agradeço particularmente a Emah Fox, que sempre insistiu em que eu era uma escritora, mesmo quando eu mesma não acreditava nisso, e a Andrew McDonald, por ser minha caixa de ressonância.

Obrigada a Carly, Amy Tsilemanis e Michelle Calligaro, leitoras pacientes de meus primeiros esboços e, finalmente, agradeço a meus colegas da semana de escritores, especialmente Jason Cotter, por nos deixar invadir sua fazenda.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Para mamãe e papai](#)

[1](#)

[dois](#)

[três](#)

[4](#)

[5](#)

[seis](#)

[7](#)

[oito](#)

[9](#)

[dez](#)

[onze](#)

[12](#)

[treze](#)

[14](#)

[15](#)

[dezesseis](#)

[dezesete](#)

[18](#)

[dezenove](#)

[20](#)

[vinte e um](#)

[22](#)

[23](#)

[vinte e quatro](#)

[vinte e cinco](#)

[vinte e seis](#)

[27](#)

[vinte e oito](#)

29

30

31

trinta e dois

Agradecimentos